

**AS AÇÕES, LUTAS, ESTRATÉGIAS E DESAFIOS DO  
MOVIMENTO DE DEFESA DOS DIREITOS DAS  
CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ESPÍRITO  
SANTO**

**ARACELY XAVIER**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM POLÍTICA SOCIAL  
MESTRADO EM POLÍTICA SOCIAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**VITÓRIA  
Outubro de 2008**

# **AS AÇÕES, LUTAS, ESTRATÉGIAS E DESAFIOS DO MOVIMENTO DE DEFESA DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ESPÍRITO SANTO**

**Aracely Xavier**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Política Social do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Política Social.

Aprovado em 31 de outubro de 2008 por:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vania Maria Manfroi, Orientadora, UFES

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edinete Maria Rosa, UFES

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Coelho Heckert, UFES

---

Prof. Dr. João Clemente de Souza Neto, UNIFIEO

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, Outubro de 2008

## SUMÁRIO

<b>1 – INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>1.1 - Objetivo Geral</b> .....	22
<b>1.2 - Objetivos Específicos</b> .....	22
<b>1.3 - Procedimentos Metodológicos</b> .....	23
<b>2 – CAPÍTULO I: OS MOVIMENTOS SOCIAIS DOS ANOS 1980; O SURGIMENTO DO MOVIMENTO DE DEFESA DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES DO ESPÍRITO SANTO E A APROVAÇÃO DO ECRIAD</b> .....	30
<b>2.1 – O Surgimento do Movimento de Defesa dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes no Espírito Santo</b> .....	41
<b>2.2 – O processo de aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente</b> .....	72
<b>3 – CAPITULO II: OS MOVIMENTOS SOCIAIS NOS ANOS 1990; AS VIOLAÇÕES DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ESPÍRITO SANTO E AS POLITICAS DE ENFRENTAMENTO</b> .....	80
<b>3.1 - Os movimentos sociais diante da nova conjuntura dos anos 1990</b> .....	80
<b>3.2- As principais violações dos direitos das crianças e dos adolescentes a partir dos anos 1990 no Espírito Santo</b> .....	86
<b>3.3 - As políticas de enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes capixabas</b> .....	103

## 4 – CAPÍTULO III: MOVIMENTOS DE DEFESA DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ESPIRITO SANTO NA

**ATUALIDADE: LIMITES E POSSIBILIDADES** -----108

**4.1 – O que demonstra o conteúdo e sistematização dos dados** -----108

*4.1.a - O Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente do ES* -----108

*4.1.b – Sistematizações das Conferências Municipais de Direitos das Crianças e dos Adolescentes do Espírito Santo* -----113

*4.1.c – O Fórum Estadual de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes do Espírito Santo* -----116

*4.1.d – O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua do Espírito Santo* -----119

*4.1.e – Considerações sobre a atual conjuntura acerca do movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes a partir de dois importantes militantes* -----128

**4.2 – Algumas problematizações a partir de temáticas suscitadas pelos dados** -----136

*4.2.a – Algumas comparações entre dois períodos históricos do Movimento de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes (1970/1980 e após 1990)* -----136

*4.2.b - Dificuldades de articulação de rede do Sistema de Garantias na área da Infância e Adolescência e na implementação do ECRIAD* -----141

*4.2.c – O militante defensor dos direitos das crianças e dos adolescentes diante da nova conjuntura política, econômica e social* -----148

<i>4.2.d – As ações do Movimento de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes frente a violações: o caso do homicídio infanto-juvenil no Espírito Santo</i> -----	150
<b>5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	153
<b>6- REFERÊNCIAS</b> -----	159
<b>APÊNDICES</b> -----	168

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Figura 1:** Roda de Capoeira na Rua promovido nos encontros do MNMMR-----57
- Figura 2:** reunião de meninos e meninas de rua com Educador do MNMMR-ES,  
no Centro de Treinamento D.João Batista, em Vitória-----61
- Figura 3:** meninos encenando no II Encontro Regional de Meninos e Meninas  
de Rua-----62
- Figura 4:** após o II Encontro de Meninos e Meninas de Rua do Espírito Santo  
crianças e adolescentes fazem protesto-----63
- Figura 5:** Crianças e adolescentes na Praça Costa Pereira, no centro de  
Vitória, numa vigília contra a violência-----64
- Figura 6:** II Encontro Nacional de Meninos e Meninas de Rua em Brasília,  
destacando a participação de Covas-----68
- Figura 7:** Crianças e adolescentes de rua em passeata pelo Eixo Monumental,  
depois de terem ocupado o plenário da Câmara durante uma hora-----69
- Figura 8:** retratação de um momento em que o MNMMR tomou as ruas de  
Brasília-----69

**Figura 9:** representantes de várias entidades e crianças e adolescentes pediram o fim da violência e do extermínio na abertura do Seminário sobre “Violência e Extermínio de Crianças e Adolescentes”-----90

**Figura 10:** Crianças e adolescentes fazendo passeata no Centro contra o assassinato de Jean Alves da Cunha. Estavam encapuzados para evitar represálias posteriores da polícia-----92

**Figura 11:** Mais de cem pessoas participaram da manifestação contra a morte de Jean com faixas e vários dizeres-----93

**Figura 12:** dependências e condições infraestruturais da UNIS/UNIP----- 101

**Figura 13:** inadequação das condições da UNIS/UNIP-----102

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	98
Tabela 2	114
Tabela 3	115
Tabela 4	128
Tabela 5	129
Tabela 6	131
Tabela 7	132
Tabela 8	133
Tabela 9	134
Tabela 10	134
Tabela 11	135
Tabela 12	136



## LISTA DE SIGLAS

**ABI-** Associação Brasileira de Imprensa

**ACES** – Ação Comunitária do Espírito Santo

**AIDS-** Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

**AI5-**Ato Institucional nº.5

**Anced** - Associação Nacional dos Centros de Defesa

**CEBs** – Comunidades Eclesiais de Base

**CIEE** - Centro de Integração Empresa-Escola do Espírito Santo

**CECOPES-** Centro de Educação e Comunicação Popular Dom João Batista

**CESAM** – Centro Salesiano do Menor

**CEDEJAC-** Centro de Defesa Jean Alves da Cunha

**CGT-** Central Geral dos Trabalhadores

**CMP-** Central dos Movimentos Populares

**COMCAV-** Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente de Vitória

**CMDCA** – Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente de Aracruz

**CONANDA-** Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente

**CONCLAT-** Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras

**CPI** – Comissão Parlamentar de Inquérito

**CRIAD-** Conselho Estadual de Direitos da Criança e do Adolescente

**CRP** – Conselho Regional de Psicologia

**CRESS** – Conselho Regional de Serviço Social do Espírito Santo

**CUT-** Central Única dos trabalhadores

**CRT-** Centro de Recreação e Triagem

**CST** – Companhia Siderúrgica Tubarão

**DNCr-** Departamento Nacional da Criança

**DSN** – Doutrina de Segurança Nacional

**DSI** – Doutrina de Situação Irregular

**ECRIAD-** Estatuto da Criança e do Adolescente

**ES-** Espírito Santo

**FEAPAES** – Federação das Apaes do estado do Espírito Santo

**FGTS-** Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

**FNDCA** -Fórum Nacional de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes

**FAMOPES-** Federação das Associações de Moradores do Espírito Santo

**FUNABEM-** Fundação Nacional do Bem Estar do Menor

**IASES** – Instituto de Atendimento Sócio-Educativo do Espírito Santo

**IESBEM-** Instituição Estadual do Bem Estar do Menor

**INAP-** Instituto de Ação Popular

**LBA-** Legião Brasileira de Assistência

**MNMMR-** Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua

**MDB-** Movimento Democrático Brasileiro

**MG** – Minas Gerais

**MPE** – Ministério Público Estadual

**MPES-** Ministério Público do Espírito Santo

**NECA-** Núcleo de Estudos da Criança e do adolescente

**NEJUP-** Núcleo de Estudos das Juventudes e Protagonismo

**NMS-**Novos Movimentos Sociais

**OAB-** Organização dos Advogados do Brasil

**ONG-** Organização Não Governamental

**PCFMV.** Programa de Combate a Fome e á Miséria pela Vida

**PETI** – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

**PM-** Polícia Militar

**PMC-** Prefeitura Municipal de Colatina

**PMV-** Prefeitura Municipal de Vitória

**PNBEM** – Política Nacional do Bem Estar do Menor

**PNAD-** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

**PPCAAM** – Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte

**PT**- Partido dos Trabalhadores

**PIVIC** - Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica

**RJ**- Rio de Janeiro

**SESA** – Secretaria de Saúde

**SAS**- Secretaria de Assistência Social

**SAM**- Serviço de Assistência a Menores

**SEDU**- Secretaria de Estado da Educação e Esportes

**SEJUS** – Secretaria de Justiça

**SESP** – Secretaria de Segurança Pública

**SETADES** - Secretaria de Estado do Trabalho, Assistência e Desenvolvimento Social

**SP** – São Paulo

**TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso

**UNAED**- Unidade de Atendimento ao Deficiente

**UBEE** - União Brasileira de Educação e Ensino - Marista

**UNE**- União Nacional dos Estudantes

**UFES**- Universidade Federal do Espírito Santo

**UNICEF**- Fundação das Nações Unidas para a Infância

## RESUMO

Objetiva-se compreender as ações, lutas, estratégias e desafios do movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes no Espírito Santo e sua relação com o processo de participação desde o início dos anos 1980 até o período atual. Para tanto, foram realizadas observações de diferentes espaços de participação política e militância, tais como Fórum de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes, Conselho Estadual de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes, Movimento de Meninos e Meninas de Rua do Espírito Santo; e também entrevistas semi-estruturadas e abertas com destacados atores e com militantes de movimento de defesa dos direitos da Criança e do Adolescente do referido estado. Este movimento fortaleceu-se durante os anos 1980, no contexto de reabertura política e redemocratização do país, denunciando, exercendo pressionamentos e exigindo do Estado investigação de crimes e violações cometidos contra esse público e também a implementação de políticas públicas. Essas movimentações culminaram na produção e promulgação do ECRIAD, legislação que passa a reconhecer crianças e adolescentes como sujeitos de direitos e que orienta as políticas e ações do Estado pela diretriz ético-política da Doutrina de Proteção Integral. Durante os anos 1990, ocorreram várias mudanças na sociedade. Viveu-se um processo de aprofundamento das relações econômicas e políticas neoliberais, com impactos negativos à promoção de políticas defensoras e promotoras de direitos, concomitantemente a conquistas de vários direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais, no âmbito jurídico, com a aprovação da Constituição Federal de 1988 e do ECRIAD. Essas mudanças influenciaram as estratégias de luta dos movimentos de defesa dos direitos das crianças e adolescentes. Passam a atuar em diferentes espaços deliberativos, como os Conselhos de Direitos, e também são chamados a executar políticas e projetos do Estado, participando da gestão pública, sendo suas ações mais voltadas para a gerência dos recursos e insuficientes políticas de atendimento atualmente promovidas pelo Estado. Se essas transformações na participação política dos movimentos de defesa têm significado, por um lado, conquista de espaços, influência política e democratização das políticas públicas, por outro parece ter arrefecido ações de luta e pressionamento político ao Estado e aos próprios canais de participação no que se refere à promoção e defesa

de direitos e denúncia de violações quando sofridas. De maneira que os próprios militantes indagam-se sobre seu papel na conjuntura atual, demonstram certas angústias quanto aos rumos do movimentos de defesa e sua efetividade no novo contexto macropolítico, e detêm clarezas variadas tanto sobre as dificuldades e desafios para a utilização dos instrumentais de participação em sua potencialidade, quanto sobre o caráter pontual e insuficiência de grande parte das políticas e projetos que executam. É preciso que a conquista da execução de políticas não substitua as ações vinculadas a pressionamento e exigibilidade de promoção e defesa de direitos pelo Estado, mas, sim que as duas frentes de ação sejam articuladas complementarmente. Integração essa que, se enfraquecida, facilita o reducionismo da participação social à simples gerência de parques recursos às custas de malabarismos técnicos e assunção de culpabilizações pela insuficiência dos intentos de promoção e defesa de direitos.

Palavras-chaves: Movimento de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente; participação política; política social;

## ABSTRACT

Aimed to understand the actions, struggles, strategies and challenges of the movement to defend the rights of children and adolescents in the Espírito Santo and its relation to the process of participation since the beginning of the 1980s to the current period. To that end, there were observation from various places of political participation and activism, such as Forum for Protection of the Rights of Children and Adolescents, the State Board of Protection of the Rights of Children and Adolescents, Movement of Street Boys and Girls of the Espírito Santo. And also semi-structured and open interviews with prominent actors and activists of the movement defending the rights of the Child and Adolescent . This movements strengthened over the 1980s, in the context of politics re opening of the country, denouncing, exerting pressure and demand of the state investigation of crimes and abuses committed against the public and also the implementation of public policies. As a result, there was the production and promulgation of ECRIAD, passing legislation to recognize that children and adolescents as subjects of rights and that directs the actions of state policies and guidelines for the ethical and political doctrine of Full Protection. During the 1990s, there were many changes in society. There was a process of deepening economic relations and neoliberal policies, with negative impacts on the promotion of political rights defenders and promoters of, concurrently the achievements of several civil rights, political, economic, social and cultural rights, the legal environment, with the approval of the Federal Constitution of 1988 and ECRIAD. These changes have influenced the strategies to combat the movement of defending the rights of children and adolescents. They act in different deliberative spaces, and are also called to execute policies and projects of the state, participating in public management. Their actions are more focused on the management of scarce resources and insufficient policies currently promoted by State. If these changes in the political participation of the movements of defense are meaningless, on the one hand, conquest of space, political influence and democratization of public policies on the other seems to have cooled actions of political struggle and pressing the government and the own channels to participate in refers to the promotion and protection of rights and accusations of violations when incurred. In a manner that even the activists ask itself about its role in the current juncture, show some anxieties

about the direction of movement of defense and its effectiveness in the new context macropolitical, and have some clarity on both the difficulties and challenges to the use of instruments of participation in its potential, as on the insufficient and occasional help of a large part of policies and projects that run. Its necessary that the conquer of implementation of policies do not replace the actions linked to pressing and call for the promotion and protection of rights by the state, but that the two fronts of action should be articulated complement. if this integration failed, it will be easier to occur reductionism of social participation to simple management of scarce resources at the expense of technical juggling and assumption of guilty by the inadequacy of intent for the promotion and protection of rights.

Key words: Movement for the Defense of the Rights of the Child and Adolescent; political participation, social policy;





## 1 – INTRODUÇÃO

O ECRIDAD pode ser considerado um constructo-síntese de diferentes forças políticas, jurídicas e sociais, agregando conteúdos e interesses divergentes. Inaugurou, em oposição à Doutrina da Situação Irregular, apregoada pelo Código de Menores, o paradigma da Proteção Integral à infância e Adolescência, defendido pelos movimentos sociais que priorizavam ações e lutas, naquele contexto, de cunho transformador da sociedade.

Os movimentos de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes conseguiram, assim, várias conquistas importantes, dentre elas, a própria aprovação do ECRIDAD com suas diretrizes éticas e paradigmáticas, ao mesmo tempo em que denunciaram e chamaram a atenção para as violações que esse segmento sofria, como execuções e homicídios de meninos e meninas. Eles deram visibilidade a como viviam crianças e adolescentes consideradas em situação de rua, expostos a riscos, violências e violações diversas, demonstrando a necessidade de políticas de atendimento.

A aprovação do ECRIDAD, bem como a promulgação da Constituição Federal de 1988, fortaleceu o estreitamento da relação sociedade civil/Estado, por meio da participação - garantida e prevista em lei - da sociedade civil na fiscalização, execução e proposição de políticas públicas em uma conjuntura onde o Estado é entendido como promotor de direitos. Assim, inaugura-se todo um instrumental novo de participação, como conselhos de direitos e fóruns, em nível municipal, estadual, distrital e nacional, além da criação de conselhos tutelares como órgãos de fiscalização, nas comunidades, do cumprimento e respeito aos direitos de crianças e adolescentes. Subsidiou a criação de instâncias específicas e políticas que compuseram o Sistema de Garantias, como Juizados especializados da Infância e da Juventude, delegacia de proteção a crianças e adolescentes, dentre outros.

Por outro lado, a partir dos anos 1990, a estrutura macro-política e econômica parece andar na contramão da concepção de Estado como promotor de direitos não só civis e políticos, como também econômicos, sociais e culturais, quando se percebe o aprofundamento das relações neoliberais pautadas no primado do

equilíbrio econômico e livre mercado, às custas de cortes orçamentários nos gastos sociais e nas políticas públicas, indo no esteio da conformação de um Estado mínimo, além de incentivar o individualismo e a concorrência.

Como essa nova conjuntura política, social e econômica, que clarifica seus contornos a partir de 1990, com avanços importantes para a defesa e promoção de direitos, mas também com novos desafios e problemas a serem enfrentados para sua efetivação, rebate nos movimentos sociais de defesa dos direitos de crianças e adolescentes? Em seus modos de agir, nas estratégias empreendidas, nas dificuldades encontradas? Essas questões norteiam a produção da presente pesquisa, especificamente no que se refere aos atores e ao contexto do Espírito Santo.

Portanto, são várias as modificações que aconteceram na sociedade desde os anos 1980 até os dias atuais, por isso é importante compreender os impactos dessas transformações para as ações dos movimentos sociais. Como eles têm se servido dos novos canais de participação inaugurados, qual a efetividade deles para a defesa de direitos, quais as mudanças e continuidades nas estratégias de lutas, qual sua suficiência ou não na promoção de direitos etc.

A maioria das reflexões feitas nos anos 1990 acerca dos movimentos sociais vai tratar do seu “refluxo” e de sua crise. Isso porque atribuíram aos movimentos sociais unicamente o papel de transformadores do Estado, levando, conseqüentemente, à concepção de fracasso dos espaços de participação da sociedade civil quando o foco dos movimentos muda para a gerência e gestão de políticas (Dagnino, 2002).

Assim, o que se busca é compreender, a partir das instituições e movimentos de defesa dos direitos das crianças e adolescentes, a complexidade do processo de participação no espaço público em diferentes contextos. A partir dos anos 1990, quando ocorreu uma série de transformações, de um lado, a conquista de vários direitos, a partir da constituição de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente, e, por outro, viveu-se um processo de aprofundamento das relações neoliberais.

Para pensar os anos 1990, utilizar-se-á das análises de autores como Tatagiba (2006), Dagnino (2007), Paoli e Rizek (2007), que trabalham com o conceito de “democracia gerencial” quando a participação se esvazia de seu potencial

transformador e o conflito é retirado do foco, entrando em cena a preocupação em administrar, de forma eficiente, os recursos financeiros, materiais e humanos existentes. Esses autores postulam que se intensificam, na sociedade civil, como horizonte de expectativas ou alvo a ser buscado, não a coletivização do poder de governar, mas o arrefecimento desse poder na gerência eficiente.

Compreender este processo de participação é perceber os impactos das mudanças provocadas nos movimentos sociais, de um modo geral, neste atual contexto, onde convivem diferentes facetas do processo, conforme colocado, de aprofundamento das relações neoliberais.

Por isso, a importância de conhecer a sociedade civil, os movimentos sociais em suas diversas expressões políticas, em seus diferentes contextos de lutas, apreendendo seus limites e possibilidades diante de novas configurações, sem romantizar o passado, nem satanizar o presente, mas compreendê-los de forma articulada e concreta dentro de um processo histórico mais amplo, que deve ter seu significado analisado.

Na graduação, ao participar do NEJUP<sup>1</sup> (Núcleo de Estudo das Juventudes e Protagonismo) inseri-me como pesquisadora do projeto “Política Social e Sociedade Civil no Município de Vitória”. Fez parte desse projeto mais amplo, meu subprojeto de iniciação científica (PIVIC) da UFES, que resgatou a história do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMRR) do Espírito Santo até os anos 1990, momento de aprovação do Estatuto da Criança e Adolescente. A pesquisa se realizou utilizando a história oral de sete militantes do referido movimento, da leitura e análise de documentos, como cartas, atas, relatórios, jornais e fotografias.

Neste estudo inicial a história oral foi fundamental. Partindo desse procedimento metodológico, observou-se que o MNMRR do Espírito Santo teve suas bases de surgimento no contexto de questionamento à Doutrina da Situação Irregular e ao Estado autoritário. Num contexto em que havia uma confluência de movimentos sociais na luta pelo Estado de Direito. Os protagonistas iniciais do referido movimento foram os técnicos estatais que se articularam com outros setores dos

---

<sup>1</sup> Núcleo criado em 2003, ligado ao Departamento de Serviço Social e ao Mestrado em Política Social, cujo objetivo é conhecer o universo das juventudes capixabas e sua interface com o protagonismo e as políticas públicas.

movimentos populares, que atuavam junto às crianças e adolescentes, e que iniciaram um trabalho nas ruas do Centro de Vitória. O MNMMR foi formalizado nacionalmente em 1985, e a análise do trabalho percorreu esse processo histórico até a década de 1990 no Espírito Santo, com a aprovação do Estatuto da Criança e Adolescente.

A partir desta pesquisa de Iniciação Científica, foi elaborado o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) do curso de Serviço Social pela UFES, quando se pôde aprofundar um pouco mais este estudo. Como o TCC produzido constituía-se em um estudo exploratório, muitas questões foram abertas, porém não respondidas, tanto por não comporem o objetivo da pesquisa, quanto por não haver tempo suficiente para abordá-las. Além disso, novas discussões e questões foram suscitadas pela banca de TCC e pelos participantes dos seminários, encontros, simpósios nacionais e locais onde esse trabalho foi apresentado, o que demonstrou a necessidade de aprofundamento desse estudo.

Assim, no Mestrado em Política Social, optou-se por continuar e aprofundar os estudos nessa vertente, com seus objetivos descritos a seguir.

### **1.1 - Objetivo Geral**

Compreender as ações, lutas, estratégias e desafios do movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes no Espírito Santo e sua relação com o processo de participação desde o início dos anos 1980 até o período atual.

### **1.2 - Objetivos Específicos**

→ Descrever a emergência dos movimentos sociais em prol da defesa dos direitos das crianças e adolescentes e o processo que culminou na aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente;

→ Buscar elementos para entender o processo de aprovação do ECRAD;

- Apresentar os principais direitos das crianças e dos adolescentes que têm sido violados;
- Apontar as principais políticas de enfrentamento às violações dos direitos das crianças e dos adolescentes no estado do Espírito Santo;
- Apreender quais são as articulações e as principais estratégias para defesa dos direitos das crianças e adolescentes no Espírito Santo;
- Tecer comparações entre o contexto dos anos 1970/1980 e 1990, no que concerne aos movimentos de defesa dos direitos das crianças e adolescentes;
- Tentar apreender como as mudanças que ocorreram no Brasil e no mundo após os anos 1990 refletiram e rebateram nos movimentos sociais em sua dinâmica, objetivos e estratégias de luta na defesa dos direitos de crianças e adolescentes.

### **1.3 - Procedimentos Metodológicos**

O estudo é de natureza qualitativa. Segundo Richardson (2007, p.90), “a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada de significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”.

Já para Minayo (1993, p.21) “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

A pesquisa tem caráter exploratório, ainda são necessários aprofundamentos posteriores, tendo em vista que as questões levantadas na pesquisa inicial demonstraram a necessidade do aprofundamento.

Como compreende um dos objetivos do trabalho tecer comparações entre o contexto dos anos 1970/1980 e 1990, utilizou-se bastante do trabalho inicial feito na graduação, quando se focou mais nos anos 1980.

Para pensar os anos 1990, foram feitas observações nas reuniões do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes do Espírito Santo (desde outubro de 2006) e do Fórum DCA (desde maio de 2007)<sup>2</sup>, por serem estes dois os principais canais instituídos de participação dos atores defensores dos direitos das crianças e adolescentes no ES.

“Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação” (CARDOSO, 1986, p.103). Para isso, é preciso um investimento do observador na análise do seu próprio modo de olhar. Para tanto, também, é necessário que se coloque entre parênteses os grandes paradigmas interpretativos, assim como os pontos de vista usados pelos entrevistados para explicar o mundo. Uma vez que “a teoria do conhecimento nos oferece um caminho para compreender a realidade e não uma série de” verdades “a serem comprovadas” (CARDOSO, 1986, p.103).

Assim, após cada reunião as informações foram registradas num diário de campo e também eram feitas anotações e análises a partir do que se viu e ouviu naquele espaço, de forma a compreender os movimentos daquele espaço.

Foram ao todo 8 reuniões do CRIAD e 2 reuniões do Fórum DCA<sup>3</sup>, além de obter-se, a partir de solicitação, as atas das reuniões para complementação das informações.

Além disso, participou-se de alguns eventos e encontros promovidos tanto pelo Fórum, quando pelo CRIAD, tais como oficinas, seminários, articulações, etc. que possibilitaram observar as movimentações dos atores dentro de cada espaço e processo.

Além de observações utilizou-se a entrevista semi-estruturada com dois importantes defensores dos direitos das crianças e adolescentes do estado. A escolha desses sujeitos foi intencional levando em consideração que são referências em denúncias, ações, coordenações de programas e projetos de atendimento a crianças e adolescentes no Espírito Santo.

---

<sup>2</sup> Para participar dessas reuniões, foi elaborado um documento de autorização entregue aos coordenadores do Fórum-DCA e do CRIAD, que autorizaram minha participação (APÊNDICE A).

<sup>3</sup> O número de participação nas reuniões do Fórum-DCA se coloca em número inferior em relação à participação nas reuniões do CRIAD, uma vez que as reuniões do Fórum DCA aconteciam no mesmo dia e horário de uma disciplina obrigatória do Mestrado em Política Social. Nesse sentido, só foi possível a participação no Fórum após cumprir este crédito.

Flick (2004) afirma que o interesse em utilizar as entrevistas semi-estruturadas está ligado à expectativa de que, em uma situação de um planejamento relativamente aberto, os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos de forma mais simples do que numa entrevista fechada, num questionário.

Assim, foi feito um questionário com questões específicas voltadas para os dois sujeitos no que concerne a alguns objetivos do trabalho, deixando, a partir de cada pergunta que respondesse livremente (APENDICE B).

Realizou-se, também, dois dias de observações em atividades de (re)articulação do MNMMR de Colatina. Foram feitas duas viagens: uma em 18/07/2007 e outra em 18/08/2007. Tendo em vista que militantes do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, importante e atuante movimento na defesa dos direitos das crianças e adolescente do estado, assumiram, durante determinado período a direção do Departamento da Criança e Adolescente do município de Colatina com a meta de efetivar a política de atendimento proposta pelo Estatuto da Criança e do adolescente naquele município.

Foram 2 manhãs e 2 tardes de observações dos eventos realizados por este movimento.

Como estes eventos tinham como objetivo a rearticulação do MNMMR, muitos sujeitos que foram atuantes neste movimento quando crianças e adolescentes estiveram presentes. Assim, a partir de um informante principal abordou-se alguns atores e lhes foi feito um convite para participação da entrevista. Dessa forma, realizou-se entrevistas com 04 militantes.

O Entrevistado nº 01 começou a participar do MNMMR quando tinha sete anos nos Núcleos de Base e afirmou está no movimento há 13 anos; o Entrevistado nº 02 atua desde o início dos anos 1990 e se encontra no MNMMR até os dias atuais; o entrevistado nº 03 iniciou sua participação no MNMMR com idade por volta de 12 anos, portanto no início dos anos 1990. Sua participação se deu através dos Núcleos de Base e, posteriormente, transformou-se em educador; o Entrevistado nº4 começou a participar do MNMMR aos 22 anos e por meio dessa integração ao movimento acabou tornando-se, também, educador.

Essas entrevistas tiveram um roteiro bastante flexível, propiciando liberdade para o sujeito entrevistado, ao mesmo tempo em que foram norteadas pelo problema de pesquisa.

A escolha destes sujeitos foi intencional, levando em consideração a participação dos mesmos no MNMMR por um tempo superior a três anos.

Todas as entrevistas realizadas para este trabalho foram realizadas num local agradável que proporcionou uma atmosfera de confiança, cuidando para que a entrevista não fosse interrompida ou prejudicada por ruídos ou vozes (THOMPSON, 1992). Ainda segundo este autor,

[...] uma entrevista não é um diálogo, ou uma conversa. Tudo o que interessa é fazer o informante falar. Você [o entrevistador] deve manter-se o mais possível em segundo plano, apenas fazendo algum gesto de apoio, mas não introduzindo seus próprios comentários ou histórias [...]. E não se deixe perturbar com as pausas. Ficar em silêncio pode ser um modo precioso de permitir que um informante pense um pouco mais e de obter um comentário adicional. (THOMPSON, 1992, p.271)

Para Thompson, o momento da entrevista deve ser um momento de acolhimento com relação ao entrevistado, de respeito, mas ao mesmo tempo, de recolhimento de informações para o processo de pesquisa. Assim, chama a atenção o autor: “sem dúvida, quanto mais você demonstrar compreensão e simpatia pelo ponto de vista de alguém, mais você poderá saber sobre ele” (Thompson, 1992, p.272).

Todas as entrevistas deste trabalho foram gravadas e transcritas com o consentimento dos entrevistados. Estes assinaram um termo consentindo que as suas falas comparecessem no corpo deste trabalho (APÊNDICE C).

No total as atividades de coleta de dados perfizeram sete reuniões ordinárias do CRIAD, duas reuniões de comissões para realização de eventos do CRIAD, duas reuniões do Fórum DCA, uma reunião de eleição de representante da sociedade civil para a presidência do CRIAD, seis atividades de campo (participação em seminários, palestras, articulações de rede), sete entrevistas (levando em consideração que uma pessoa foi entrevistada mais de uma vez). Algumas entrevistas foram realizadas de maneira mais informal, com o intuito de entender mais detalhadamente algumas questões, no que diz respeito ao movimento de



defesa dos direitos das crianças e adolescentes, como se pode observar no quadro em apêndice (APÊNDICE D).

Além disso, utilizou-se também de documentos que subsidiaram dados importantes para essa pesquisa, como, por exemplo, o relatório da CPI da criança e do Adolescente (S/D) que objetivou averiguar as mais significativas formas de violência contra crianças e adolescentes no Espírito Santo.

Também se utilizou de sistematização dos dados das Conferências Municipais, realizadas durante o período de participação do pesquisador nas reuniões do CRIAD.

Em relação à análise dos dados, para as observações feitas no Fórum DCA e no CRIAD, construiu-se um quadro a partir das anotações feitas em diário de campo e leitura das atas, com intuito de organizar e sistematizar os dados. A partir desses procedimentos metodológicos, construíram-se alguns eixos esquemáticos: data da reunião, pontos de pautas discutidos, entidades participantes, pontos polêmicos e observações (APENDICE E).

No que concerne às outras observações feitas em Colatina, também foi feito um diário de campo, onde se registrou as principais observações e acontecimentos em cada dia.

Já para as entrevistas realizadas com os jovens e o militante do MNMMR em Colatina, fez-se uma leitura das transcrições, a partir do que foi percebido aspectos aglutinados em duas categorias comuns: comparação entre dois momentos do MNMMR e importância dos núcleos de base. Neste sentido, a atenção voltou-se, neste caso, para estas duas categorias.

No que diz respeito às entrevistas semi-estruturadas realizadas com os dois sujeitos do Espírito Santo, também foi feita leituras das transcrições e sinalizado, a partir de cada pergunta, eixos comuns apontados pelos mesmos que serão apresentadas no capítulo III.

Esses materiais foram analisados de forma dinâmica, buscando, sempre que possível, trazer as falas dos sujeitos para o corpo do trabalho e tentando apreender divergências e convergências entre os entrevistados e as observações acerca dos

temas que mais compareceram de forma dinâmica problematizando através de algumas leituras.

De um modo geral a estrutura da dissertação ficou assim dividida:

No capítulo I será apresentada uma breve discussão acerca dos movimentos sociais emergidos nos anos 1970/1980 e suas concepções na perspectiva de alguns autores, como forma de problematizá-las, identificando pontos de aproximação e divergências entre eles. Essa problematização foi feita no sentido de exercitar, em meio às teorizações, pistas, rastros e elementos que pudesse ajudar a pensar os movimentos de defesa dos direitos das crianças e adolescente no final dos anos 1980, processo esse que também será discutido neste capítulo. Ou seja, será apresentado como emergiu o Movimento de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes no estado do Espírito Santo no final dos anos 1980, apontando as principais estratégias utilizadas pelos sujeitos defensores dos direitos dessa categoria social que provocaram movimentos que possibilitaram a aprovação do ECRIAD.

O processo de aprovação do Estatuto é outro tópico discutido neste capítulo.

Já no capítulo II, será apresentado alguns rebatimentos da nova conjuntura política, econômica e social após 1990 para as ações de defesa de direitos, como o aprofundamento da macropolítica neoliberal, a aprovação do ECRIAD, e os novos canais e instrumentais de participação inaugurados, entendendo os movimentos sociais dentro desse contexto. Além disso, serão apontadas as principais violações dos direitos das crianças e adolescentes no Espírito Santo a partir de 1990 e as políticas e programas existentes de enfrentamento.

No capítulo III, serão apresentados os dados da pesquisa propriamente dita, buscando entender como os defensores dos direitos das crianças e adolescentes se colocaram frente à nova conjuntura, que espaços ocupam, como se dá o processo de participação, onde estão inseridos, de quais estratégias se utilizam para buscar efetivar direitos. A partir dos resultados obtidos pela coleta de dados, alguns subtópicos serão desenvolvidos com o intuito de analisar algumas temáticas por eles suscitadas. Por exemplo, serão tecidas algumas comparações entre dois períodos históricos do Movimento de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes

(1970/1980 e após 1990); Problematizar-se-á as dificuldades de articulação de rede do Sistema de Garantias na área da Infância e Adolescência e na implementação do ECRIAD, além de buscar entender como o sujeito, defensor dos direitos das crianças e adolescentes, se coloca diante da nova conjuntura inaugurada a partir dos anos 1990. Também problematizará as ações do Movimento de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes do Espírito Santo frente a violações, com destaque para o caso do homicídio infanto-juvenil.

## **2 – CAPÍTULO I: OS MOVIMENTOS SOCIAIS DOS ANOS 1980; O SURGIMENTO DO MOVIMENTO DE DEFESA DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO ESPÍRITO SANTO E A APROVAÇÃO DO ECRIAD.**

Neste capítulo se buscará apresentar uma breve discussão acerca dos movimentos sociais emergidos nos anos 1970/1980 e suas concepções na perspectiva de alguns autores, como forma de problematizá-las, identificando pontos de aproximação e divergências entre eles. Não no sentido de apontar uma única teoria que, supostamente, daria conta de explicar estes movimentos, mas, sim, como forma de exercitar, em meio às teorizações, pistas, rastros e elementos que possam ajudar a pensar os movimentos de defesa dos direitos das crianças e adolescente no final dos anos 1980.

Gohn (2006) afirma que existem vários paradigmas de análise dos movimentos sociais. A autora divide basicamente os estudos referentes a esse objeto em paradigmas americanos e europeus, mostrando as principais diferenças internas entre eles, explicitadas a seguir.

Segundo a autora, o paradigma americano divide-se em três correntes de pensamento principais: a) um paradigma clássico sobre as ações coletivas que predominou, nos Estados Unidos, até os anos 1960 e que tem como base a “Teoria da Ação Social” que busca compreender os comportamentos coletivos, tendo como autor mais importante Herbert Blumer; b) a “Teoria de Mobilização de Recursos”, formulada nos anos 1960 frente às transformações ocorridas na sociedade norte-americana e que explica as ações coletivas por comportamentos organizacionais, tendo como principal teórico Anthony Oberschall; c) a “Teoria da Mobilização Política”, que parte da crítica à teoria de Mobilização de Recursos já nos anos 1970, no contexto de globalização da economia. Nessa abordagem os teóricos ampliam suas análises em direção aos aspectos político-culturais, tendo em Tarrow a principal representação teórica<sup>4</sup> (GOHN, 2006).

---

<sup>4</sup> Foi indicada apenas a existência desse paradigma, mas a discussão será centrada na produção que mais influenciou a bibliografia brasileira, no caso a produção europeia, que Gohn também analisa.

Já os paradigmas europeus sobre movimento sociais, segundo Gohn (2006), dividiram-se em dois: um que se desenvolveu tendo como base fundamental a teoria de Karl Marx, sendo seus pensadores nomeados de “neomarxistas”; e o outro chamado de “Novos Movimentos Sociais” ou paradigma “Culturalista-Acionista”, que parte da releitura e/ou debate dos paradigmas clássicos norte-americanos e também da crítica à abordagem marxista clássica.

Para referir-se ao paradigma europeu, Gohn utiliza este termo no plural, pois, segundo a autora, ao contrário das teorias clássicas americanas, em que existe uma continuidade, referências ou aproximações entre si, na linha europeia existem diferenças radicais entre o que ela nomeia de “neomarxistas” e a abordagem dos “Novos Movimentos Sociais”.

Neste sentido, a autora não considera o incongruente “paradigma europeu” em sua totalidade como um “novo paradigma”, nem coloca os ditos Novos Movimentos Sociais como paradigma novo, porque considera serem parte da reconstrução de teorias existentes, as teorias americanas.

Numa outra perspectiva de análise, Doimo (1995) afirma que, de um modo geral, pode-se dizer que até os anos 1960 prevaleceram as oposições entre os considerados reformistas e aqueles tidos como revolucionários. Porém, essas oposições começam, ainda nos anos 1960, a precipitar-se a partir das mudanças ocorridas na sociedade. Dentre essas mudanças, pode-se citar as transformações na estrutura produtiva, o processo de institucionalização do conflito de classe no capitalismo avançado e, também, a crise do pensamento racional. Todo esse processo coincide com a ascensão do pensamento chamado “pós-moderno”, que vai criticar essas e tantas outras dicotomizações clássicas.

Assim, a partir dos movimentos que ocorreram na Europa nos anos 1960, entre eles o histórico “Maio de 1968”, na França, surge o que diversos autores, mesmo guardando diferenças teóricas entre eles, chamariam de “Novos Movimentos Sociais”.

Para Doimo, “Novos Movimentos Sociais” é uma categoria europeia que foi criada para explicar o que ocorria, em termos de movimento social na Europa, nos anos pós-1970, momento em que se configuravam a crise do “Welfare State”

e transformações na sociedade industrial. Deste modo, estes movimentos emergiam em torno de questões ligadas à cidadania civil e proclamavam o reinado da subjetivação da pessoa humana contra o império das organizações racionais e da razão instrumental do Estado. Esse momento será marcado pela mudança de significados que oscilará entre a determinação econômica e a questão do papel da cultura na constituição dos protagonistas da transformação social e será um campo teórico acirrado até mesmo entre aqueles que se encontravam dentro do campo marxista (ROSSANDA, apud DOIMO, 1995).

Para Gohn (2006) o novo desses movimentos europeus advinha do fato de se constituírem basicamente de camadas médias que não se encontravam em situação de miserabilidade e que “se organizavam em torno das problemáticas das mulheres, dos estudantes, dos homossexuais, pela paz, pela qualidade de vida etc., e se contrapunham ao movimento social clássico, primordialmente relacionado ao mundo do trabalho e suas relações no contexto capitalista e aos operários” (GOHN, 2006, p.284).

Gohn e Doimo destacam que a maioria das produções teóricas acerca dos movimentos sociais nos anos 1970/1980 no Brasil foi influenciada por autores das Ciências Humanas europeus. Entre eles, destacam-se Felix Guattari<sup>5</sup>, Castoriadis<sup>6</sup>, Touraine<sup>7</sup>, entre outros. Um dos autores brasileiros que

---

<sup>5</sup> A problemática de Guattari (1996) gira em torno do conceito de Micropolítica ou Revolução Molecular, que seria o questionamento radical da subjetividade capitalística, num sentido de evitar que aconteça a reificação de um devir ou a captura dos processos de singularização. Para o autor, as forças sociais que administram o capitalismo entenderam que a produção de subjetividade pode ser mais importante do que qualquer outro tipo de produção, mais fundamental até do que o petróleo e as energias. Nesse sentido, o autor acredita que qualquer movimento social que deseje fazer frente aos processos de produção subjetiva capitalística precisa adentrar, não só no campo da economia política, como também no da economia subjetiva para compreender e questionar o que ele chama de Capitalismo Mundial Integrado (CMI). Ou seja, para Guattari, é preciso sair da lógica que opõe as possibilidades de singularização no campo do desejo às possibilidades de uma política capaz de enfrentar o poder do Estado (“os grandes corpos sociais instituídos”), uma vez que a essência do lucro capitalista não se reduz ao campo da mais-valia econômica, essa essência também está na tomada de poder da subjetividade. Em *A Revolução Molecular* (1987), Guattari critica os programas partidários, os “grupos” que procuram, a partir de um saber e uma vontade externos, adestrar a sociedade e afirma: “A luta revolucionária não poderia ser circunscrita somente ao nível das relações de força aparentes. Ela deve se desenvolver em todos os níveis da economia desejante contaminados pelo capitalismo - ao nível do indivíduo, do casal, da família, da escola, do grupo militante, da loucura, das prisões, da homossexualidade, etc.” (GUATTARI, apud MANFROI, 2000, p.42). Ao falar de Brasil, o autor reconhece a diferença dos movimentos ocorridos na Europa em relação aos que ocorriam no país nos anos 1980, quando aqui esteve, e afirma que “ao invés de se buscar semelhanças é preciso tentar diferenciar a montagem específicas das lutas que podem se organizar em cada contexto” (GUATTARI, 1996, p.146.).

teve influência de Castoriadis e Guatarri, por exemplo, foi Eder Sader. Em seu livro “Quando novos personagens entraram em cena” (1988), o autor parte da premissa de que os sujeitos eram ignorados nos espaços instituídos de participação política. Por isso tiveram de construir suas identidades como sujeitos políticos fora desses espaços reconhecidos enquanto legítimos pelo discurso dominante (SADER, 1988).

Nesse sentido, para o autor, os movimentos sociais deste período são novos porque foram criados a partir de novas referências (ou reelaboração de antigas) e de seus próprios participantes. Suas práticas os colocavam enquanto sujeitos

---

<sup>6</sup> Em seu livro “A Instituição imaginária da sociedade” (1982), Castoriadis deixa claro que o movimento social, da forma como o entende, realizar-se-á através de um projeto revolucionário e pela autonomia dos homens. Mas isso ocorrerá em muito longo prazo. Ou seja, o autor tem a clareza de que esse projeto não pode ser realizado em seu tempo, mas acredita na possibilidade de futuramente existirem homens que não terão nem lembranças dos problemas atuais. Portanto, para que o projeto se realize é preciso que exista autonomia, tanto no plano individual quanto no plano social. Ou seja, o autor defende uma sociedade autônoma, que, por sua vez, requer sujeitos autônomos, o que demonstra a complexidade de construir tal processo, já que existe um estado constante de pressões difíceis de serem superadas na sociedade capitalista, como a dominação, a alienação ou o que ele chama de “heteronomias sociais”.

<sup>7</sup> Outro autor que influenciou e influencia o pensamento sobre movimentos sociais no Brasil, é Touraine (1995). O autor, em seu pensamento mais contemporâneo, ao problematizar os Novos Movimentos Sociais, parte de uma crítica à modernidade e da visão racionalista, que, no seu ponto de vista, nega o sujeito em nome da ciência. Mas, o autor declara que a racionalidade não é de todo mal, posto que o seu entendimento de modernidade define-se num dualismo, numa tensão, entre subjetivação e racionalização. Diante desta idéia, Touraine defende uma “nova modernidade” que une a razão e o sujeito, a racionalização e a subjetividade. Assim, o autor declara o “retorno do sujeito” que se define nesta relação contestadora (ao mesmo tempo, de complementaridade e oposição à racionalização) e por essa idéia contestadora, o autor declara o sujeito enquanto movimento social. Dessa forma, Touraine conceitua movimento social como “o esforço de um ator coletivo para se apossar dos “valores”, das orientações culturais de uma sociedade, opondo-se à ação de um adversário ao qual está ligado por relações de poder. Um ator coletivo cuja orientação maior é a defesa do sujeito, a luta pelos direitos e a dignidade dos trabalhadores” (TOURAINÉ, 1994, p.253-254). Os Novos movimentos Sociais, para Touraine, trazem em seu cerne conflitos que são, ao mesmo tempo, sociais e culturais, e que têm um fundamento moral, posto que existe, ao seu ver, uma dominação que se faz sobre os corpos e as almas mais do que sobre o trabalho propriamente dito. Assim, o autor declara que “não se trata mais de lutar pela direção dos meios de produção, e sim sobre as finalidades dessas produções culturais que são a educação, os cuidados médicos e a informação de massa” (TOURAINÉ, 1994, p.260). “[...] deve-se reconhecer que as novas contestações não visam criar um novo tipo de sociedade, menos ainda libertar as forças de progresso e de futuro, mas “mudar a vida”, defender os direitos do homem, assim como o direito à vida para os que estão ameaçados pela fome e pelo extermínio, e também o direito à livre expressão ou à livre escolha de um estilo e de uma história de vida pessoais. “[...] porque a consciência moral, que está no âmago dos novos movimentos sociais, está mais intimamente ligada à defesa da identidade e da dignidade daqueles que lutam contra uma opressão extrema ou contra a miséria do que às estratégias político-sociais de sindicatos ou de grupos de pressão que hoje fazem parte do sistema de decisão dos países ricos” (TOURAINÉ, 1994, p.262). Segundo o autor, os Novos Movimentos Sociais falam mais de uma autogestão do que de um sentido de história, falam mais de democracia interna do que de tomada de poder. Pode-se dizer que Touraine identifica-se com a problematização de Guatarri e da maioria dos teóricos dos movimentos sociais dos anos 1960, ao defender o ponto de vista de que não se deve separar a economia política de uma economia do desejo.

coletivos e descentralizados. Para Sader, as formas tradicionais de participação e posicionamento da igreja, da esquerda e do sindicalismo estavam em crise, por isso os “novos movimentos sociais” contavam pouco com tais instituições enquanto instâncias organizativas das lutas e ideologias que as justificavam e impulsionavam. Esse é mais um motivo pelo qual o autor identifica o sujeito político e os movimentos sociais formados nessa conjuntura político-social como novos, pois defendiam a autonomia dos movimentos e tentavam romper com a tradição de tutela e cooptação da política institucional (SADER, 1988).

A partir de uma crítica à teoria marxista, o autor defende que, mesmo sendo possível relacionar os processos sociais concretos a características estruturais, não se pode explicar estes novos movimentos por determinações estruturais, mas deve-se partir da análise específica dos imaginários dos movimentos, pois só assim será possível capturar o que os singulariza (SADER, 1988).

Outro argumento levantado por Sader (1988) é que, nos Novos Movimentos Sociais, os contornos classistas diluem-se, apesar de transcorrerem no solo das condições proletárias. A forma de representação coletiva dos anos de 1970 reproduziu uma diversidade e, apesar de referências comuns que cruzavam os vários movimentos, essa pluralidade não indicava, na visão do autor, nenhuma compartimentação de supostas classes sociais ou camadas sociais diversas, mas sim diversas formas de expressão.

Sader (1988), ao se apropriar de Castoriadis, afirma que o sujeito autônomo não é um sujeito livre de todas as determinações externas (“heteronomias”), mas é àquele capaz de reelaborar essas determinações externas em função do que define enquanto sua vontade. Para fazer essa reelaboração, os sujeitos recorreriam ao que Sader denominou “matrizes discursivas”<sup>8</sup>, de onde extrairiam “modalidades de nomeação do vivido”.

---

<sup>8</sup> As matrizes discursivas seriam formas de abordagens da realidade que implicam diversos significados e o uso de categorias de nomeação e interpretação das situações, dos atores, entre outros, e referencia determinados valores e objetivos. As matrizes discursivas não são simples idéias, sua (re)produção depende de práticas (SADER, 1988).



O autor cita como exemplo os novos significados atribuídos aos movimentos sociais da década de 1970 que se constituíram na reelaboração de três matrizes discursivas: da Igreja, da esquerda e do sindicalismo (SADER, 1988).

Essas três instituições, enfraquecendo-se como fontes doadoras de sentido e validadas nesse papel, abriram espaço para novas elaborações, inclusive dessas próprias instituições. Assim foi com a Igreja católica que, ao perder poderes de influência junto à população, oportunizou recriações de suas práticas, prioridades e liturgias, como as Comunidades Eclesiais de Base; com os grupos de esquerda que, desarticulados por uma derrota política, consagraram novas formas de integração com os trabalhadores; e com a estrutura sindical que, ao esvaziar-se de sua força e legitimidade para os trabalhadores, fez emergir um novo sindicalismo (SADER, 1988).

Não se fazia consenso, porém, tal linha analítica sobre os movimentos sociais e suas novas configurações. Doimo (1995), por exemplo, problematiza incisivamente tais análises e constructos teóricos conformadores dos denominados “novos movimentos sociais”. Considera seus autores como “românticos enaltecendores da organização espontânea, independente e autônoma”. Doimo (1995) ressalta também que os maiores problemas das interpretações, no que diz respeito aos movimentos sociais, são - além de diferenciar o novo do velho movimento social - as premissas que se voltam para a valorização da racionalidade política e a negação da institucionalidade. Em seu livro “A Vez e a Voz do Popular” (1995) demonstra o grande peso da instituição “Igreja Católica” no que diz respeito à orientação e complementaridade aos movimentos sociais no Brasil neste período, questionando a suposta perda sensível de referência ideológica advinda dessa instituição religiosa em sua forma de expressão hegemônica.

No que se refere à América Latina, Doimo declara que nessa região se desenvolveram movimentos sociais com características específicas, nomeando-os “Movimentos Populares”. Nesse sentido, considera os movimentos populares como uma categoria latino-americana cunhada em tempos de autoritarismo político para referir-se a uma gama de movimentos reivindicativos referidos a um “Estado de Mal Estar”.

Tanto os movimentos europeus (NMS) quanto os latino-americanos (MP), são classificados por Doimo como “condutas de ação direta” ou categoria de “campos ético-políticos”, respeitando as especificidades conjunturais de cada país, pois, para além de reivindicações locais e pontuais, influíram nos padrões de convivência política.

Os conflitos de ação direta ou campos ético-políticos são altamente cambiantes e oscilam entre um perfil de defesa do estatismo e outro pautado na reivindicação das vantagens do mercado. Podem assumir um papel de negação do Estado (“conduta expressivo-disrupta”) ou de afirmação de um Estado provedor (“conduta integrativo-corporativa”). Assim, os movimentos sociais à época originariam tanto campos ético-políticos dialógicos culturalmente, primados por princípios de igualdade e cidadania, por exemplo, quanto produziram redes sociais perversas, devido à integração com a cultura da violência e da intolerância (DOIMO, 1995).

(Entre as características destes conflitos de ação direta, a autora destaca as seguintes: a) não se originam das relações produtivas e não estão inscritas no universo operário-sindical; b) constituem-se fora do formato tradicional de representação política e realizam-se numa espécie de “vácuo regimental”, à base de critérios *ad hoc* de interlocução; c) por se regerem pela lógica consensual-solidarista, próprias dessas ações diretas, tornam-se vulneráveis ao agenciamento de grupos e de instituições que não têm a política como fundamento institucional (DOIMO, 1995).

No que diz respeito ao movimento popular brasileiro, a autora demonstra, através de extensa pesquisa, a força paradigmática dos códigos ético-políticos da Igreja católica, assim como a proeminência de instituições direta ou indiretamente ligadas a essa instituição (como por exemplo, organizações não governamentais – ONG’s). A força de seus códigos, como a “autonomia”, “independência”, “democracia de base” etc. difundiram-se por inúmeros poros da sociedade, através das trocas de experiências e das práticas de educação popular, alcançando a própria reflexão teórica.

Doimo (1995) identifica três matrizes teóricas interpretativas desse novo tempo popular no Brasil.

A primeira é nomeada de “Inflexão estrutural-autonomista” que caracterizou os movimentos sociais a partir de dois postulados: a) De que as contradições urbanas têm o potencial de acionar o conflito da sociedade capitalista, devido ao caráter de classe do Estado que financia a reprodução do capital. Nesse sentido se coloca contra o Estado; b) a sociedade civil tem uma capacidade ativa inerente no sentido de organizar-se “automaticamente” contra a tradição política autoritária. A segunda matriz interpretativa é a matriz de “inflexão cultural autonomista” que valorizou a cultura no campo dos conflitos sociais, assim como a experiência. Também criticou o marxismo reducionista e economicista e recusou a idéia de “sujeito único” (“o movimento”, “o partido”). Desacreditou na eficácia de ideologias externas colocando em evidência a “pluralidade de sujeitos”, “os novos sujeitos políticos”, portadores de “uma nova identidade sócio-cultural”, voltados para a transformação social (DOIMO, 1995, p.48). Para Doimo, até os anos 1980 essas duas vertentes interpretativas foram dominantes e afinadas com o discurso dos próprios militantes. Acreditavam na hipótese dos movimentos sociais constituírem sujeitos capazes de provocar rupturas na sociedade capitalista, por defenderem uma democracia direta de autonomia frente ao Estado e de independência dos partidos políticos.

A terceira matriz interpretativa apresentada pela autora é a de “enfoque institucional”, que apresenta a idéia de que essas novas formas de participação estão mais relacionadas com o crescimento e ampliação das funções do Estado sobre a sociedade do que com as relações de classe (DOIMO, 1995, p. 49). Essa matriz contraria a “matriz estrutural autonomista” (de oposição ao Estado), posto tendo em vista que o Estado aparece, em alguns momentos, como aliado e em outros como inimigo, dependendo dos interesses em jogo. Além disso, os autores esbarraram no binômio autonomia-institucionalização.

Para a autora essas matrizes interpretativas surgiram a partir da incorporação, pelos autores brasileiros, das teorias dos diversos autores europeus, como já citado no início do texto.

Gohn, por sua vez, ao problematizar acerca das influências intelectuais européias, tenta demonstrar os motivos pelos quais esse paradigma foi tão utilizado pelos teóricos da América Latina, de um modo geral. A autora indica que, neste momento, concomitantemente à intensificação de resistência e, posteriormente, dos movimentos que lutavam pela redemocratização do país, acontecia uma expansão no ensino superior, dentro do qual o ensino das Ciências Humanas, além da expansão de cursos de pós-graduação nessa área. E isso em um contexto quando o ocorrido na França em 1968 ainda se fazia presente e, também, quando já se tinham relativamente consolidadas as bases teóricas européias. Todo esse contexto fez com que os novos pesquisadores se utilizassem do paradigma europeu, tanto na sua vertente marxista, como da vertente dos NMS.

Os estudos da brasileira Sherer-Warren (1984) também oferecem subsídios e contribuições para análise de movimentos sociais. A autora faz uma diferenciação entre os movimentos sociais tradicionais e aqueles denominados novos movimentos sociais. Os movimentos sociais tradicionais eram mais marcados pelo desejo de uma sociedade sem distinções de classe, tendo em vista que surgiram como expressão típica da sociedade industrial, dividida em classes sociais, onde o proletariado era submetido ao mundo da produção e exploração da sua força de trabalho.

Já o denominado “Novos Movimentos Sociais”, ainda segundo a autora, têm sua identidade constituída de um fator estrutural e um fator cultural. Ou seja, há um reconhecimento pelo povo da opressão do sistema capitalista (fator estrutural) e também a internacionalização de uma cultura crítica a essas formas de opressão (fator cultural) (SHERER-WARREN, 1984).

Em relação ao fator estrutural, Sherer-Warren dá um destaque para os países da América Latina, já que apresentaram e apresentam peculiaridades<sup>9</sup> estruturais frente ao capitalismo mundial. Por exemplo, esses países não tiveram e não têm atendidas muitas necessidades básicas dos indivíduos, como aqueles

---

<sup>9</sup> Apesar destas peculiaridades, Scherer-Warren (1994) coloca uma única identidade parcial entre o ponto de vista de projetos e reivindicações dos países de terceiro mundo e países desenvolvidos e estes estão ligados principalmente nos movimentos ecológicos, pacifistas e feministas.

considerados mais fundamentais e relacionados a direitos mínimos (que já estão mais presentes nos países desenvolvidos). Conseqüentemente, este fator estimulou e particularizou os objetivos e as reivindicações sociais desses movimentos (SHERER-WARREN, 1984).

Este fator cultural, para a autora, além de atribuir o caráter de novo nesses movimentos, é o que possibilitou uma maior identidade ou certo nível de integração entre eles. Por exemplo, entre as CEB's, o novo sindicalismo, movimentos feministas, ecológicos etc. (SHERER-WARREN, 1984).

Scherer-Warren (1984) defende a idéia de que esses movimentos contribuem para o que chamam de “divórcio entre sociedade civil e Estado e partidos políticos” e afirma que isso também pode ser temporário, na medida em que o Estado e os partidos atendam, ou não, aos anseios destes movimentos. Para que os partidos tivessem validação e respaldo popular, porém, deveriam cada vez mais levar em conta as aspirações desses NMS.

Na obra “Redes de Movimentos Sociais”, Sherer-Warren (1993) analisa os Novos Movimentos Sociais em termos de “redes de movimentos”<sup>10</sup>, que segundo ela implica buscar as formas de articulação entre o local e o global, entre o particular e o universal.

Para a referida autora, o ideal que substancia o agir dos Novos Movimentos Sociais é a criação de um novo sujeito social, que redefine o espaço de cidadania e também o sentimento de uma tripla exclusão (relativa): econômica, política e cultural. Isso leva à intensificação da defesa do direito de participar do consumo de bens e equipamentos coletivos por meio dos movimentos sociais. Estes movimentos apresentam especificidades, suas características estão relacionadas ao contexto e à estrutura em que se dão sua organização, assim como seu significado político e social<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Para essa autora “redes” significa o compromisso com os princípios que permitem a comunicação, articulação, intercâmbio e solidariedade entre os atores sociais. Estes movimentos crêem no poder da força comunitária, na constituição histórica do grupo (SCHERER-WARREN, 1993).

<sup>11</sup> No Brasil, por exemplo, os Novos Movimentos Sociais apresentam diferenças regionais e grau de desenvolvimento distinto. Os movimentos de bairro foram e são mais presentes nos centros urbanos. O novo sindicalismo foi mais amadurecido no eixo da grande São Paulo, o movimento ecológico

Ao discutir a questão da autonomia dos Novos Movimentos Sociais, Sherer-Warren (1993) demonstra, assim como Sader (1988), a preocupação destes com o perigo da cooptação, pelos políticos, da gestão do espaço público. Ou seja, estes movimentos sentiam-se ameaçados pelas políticas cooptativas e clientelísticas exercidas pelos partidos políticos.

No que diz respeito à mudança nos padrões políticos, tanto Sherer-Warren, Sader, quanto Gohn e Doimo concordam que esses movimentos tentaram romper com a tradicional cultura política brasileira, caracterizada como clientelista e paternalista, na medida em que emergem com uma concepção de participação.

Muitas foram as problematizações e teorizações acerca dos movimentos sociais nos anos 1970/1980, tanto na América Latina como nos países centrais. A sociologia desse período esteve dominada por tal temática, levando Touraine a colocar como objeto único das ciências sociais os movimentos sociais (GOHN, 2006; SANTOS, 2005). Nesse sentido, aqui se buscou apenas exemplificar e dialogar de forma sucinta com os diferentes pontos de vistas acerca desse objeto extenso.

De um modo geral, pode-se perceber a heterogeneidade de interpretações e também a diversidade desses movimentos, colocando a dúvida, assim como declarou Boaventura de Sousa Santos (2005), acerca da existência de uma teoria sociológica única que explique essa diversidade.

Portanto, será através dessa heterogeneidade de interpretações e de alguns elementos trabalhados aqui que se buscará, como já explicitado anteriormente, logo em seguida, lançar mão de subsídios e pistas que possam contribuir para se pensar o momento de emergência do movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes no estado do Espírito Santo. Concomitantemente, buscar-se-á apresentar o contexto político, econômico e social da emergência destes movimentos, desde os anos da ditadura, até a aprovação do ECRAD, procurando demonstrar que as articulações entre as políticas sociais de

---

irradiou-se a partir do Rio Grande do Sul, o movimento feminista teve mais força de mobilização política inicialmente no Rio de Janeiro e São Paulo, o movimento sem terra irradiou-se com força para Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, entre outros (SCHERER-WARREN, 1993).

atendimento as crianças e adolescentes, em sua relação com o Estado e sociedade civil, aprofundaram, ainda mais, os elementos repressivos que já estavam contidos na história do país<sup>12</sup>.

## **2.1 – O Surgimento do Movimento de Defesa dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes no Espírito Santo**

Durante o período de vigência da ditadura militar no Brasil, os direitos civis e políticos foram duramente atingidos. Os atos institucionais foram utilizados para a repressão legal e os direitos políticos de grande número de líderes políticos, sindicais, intelectuais e militantes foram cassados. Os sindicatos sofreram intervenções e ocorreu o fechamento de muitos órgãos da cúpula do movimento operário. A UNE foi militarmente invadida e fechada juntamente com outros movimentos sociais da época (CARVALHO, 2006). A ditadura, desse modo, provocou uma grande desmobilização dos movimentos políticos tradicionais, embora não se possa caracterizar tal período como homogêneo em seus efeitos e conseqüências.

Em um primeiro momento (1964-1968), o regime teve dificuldades de se legitimar politicamente através de um grupo de apoio que lhe desse sustentação. Embora isso não tenha ferido o andamento formal da vida legislativa, nem comprometido o calendário eleitoral, houve fraturas que vulnerabilizaram a unidade dos parceiros do regime. Existiu, por exemplo, a dificuldade de estabelecer consensos entre as diferentes forças que apoiaram o golpe de 1964, devido às disputas internas. Além disso, não existiu um apoio de setores significativos da classe trabalhadora, o que demonstrava a necessidade de novos mecanismos de rearticulação e legitimação (NETTO, 1994).

Frente a esse estrangulamento político e também aos estrangulamentos sociais, havia a necessidade da retomada do crescimento econômico. Assim, em um

---

<sup>12</sup> Estudos importantes, como o de Rizzini (1997), Freitas (2003), Del Priore (2007) já foram realizados acerca da política social de criança e adolescente nos momentos anteriores à ditadura no Brasil. Estes autores fazem um resgate desde as rodas dos expostos, do Código de Menores de 1927, do Departamento Nacional da Criança (DNCr) em 1940, o Serviço de Atendimento ao Menor (SAM) em 1941 e a LBA em 1942.

segundo momento (1968-1974), o regime incorporou a tendência de militarização do Estado e da sociedade com o objetivo de instaurar uma nova ordem (NETTO, 1994).

Houve, dessa forma, um recrudescimento do “golpe de abril” com a instauração do AI5, em 1968, que colocou o Brasil em estado de segurança absoluta e incorporou os interesses do monopólio imperialista daquele regime, combinando características fascistas, terrorismo de Estado com uma política de “modernização conservadora” (NETTO, 1994).

O Estado, a serviço dos monopólios, liquidou as práticas e instituições do pré-64, (que reduziam a velocidade da ‘modernização conservadora’) e provocou um crescimento quantitativo de aparatos funcionais ao modelo econômico, além de alterar qualitativamente o seu rebatimento na ordem econômica. Esses fatores conferiram-lhe um enorme poder de definição macroscópica de políticas sociais, além de transformar as forças democráticas em uma política de resistência residual e compelir o movimento popular a uma atividade molecular (NETTO, 1994).

Portanto, o processo de repressão política não foi a única face da ditadura. Houve, também, uma reorganização das políticas sociais nesse período<sup>13</sup>. Pereira (2000) destaca, por exemplo, que as políticas sociais nos anos da ditadura funcionaram como uma “cortina de fumaça” para encobrir as verdadeiras intenções do regime militar. Segundo a autora, foi durante estes regimes autoritários e sob os governos conservadores que a política social brasileira teve momentos de expansão, ou seja, nos períodos mais avessos à instituição da cidadania<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Faleiros (1983), ao problematizar os diversos tipos de Estado demonstra como o modelo de Estado Militar tecnocrático, modelo figurado no Brasil nos anos 1960, destrói as organizações populares, ao mesmo tempo em que as controla, através de um aparato técnico e administrativo que predominam sobre o político.

<sup>14</sup> De um modo geral, desde os anos 1930 até o governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), as políticas sociais brasileiras tiveram sua trajetória, em grande parte, influenciadas pelas mudanças econômicas e políticas externas, produzindo o que Pereira (2000) denomina de “sistema de bem estar periférico”. Problematizações parecidas foram feitas por Carvalho (2006), que demonstra como, nesse período, os direitos sociais foram ampliados, com a universalização e unificação da previdência, ao mesmo tempo em que foram restringidos os direitos políticos. O autor demonstra em seu livro “Cidadania no Brasil” como em cada período histórico brasileiro os direitos desenvolveram-se. Apesar de o autor fazer uma crítica ao padrão ocidental de cidadania, o conceito por ele tomado se baseia na visão marshalliana de direitos civis, políticos e sociais. Assim ele demonstra que a seqüência descrita por Marshall, no Brasil, foi invertida. Aqui primeiro vieram os direitos sociais, seguidos dos direitos políticos de maneira bem peculiar. Já os direitos civis, a base da seqüência de Marshall, continuam inacessíveis à maioria da população.



No contexto da ditadura militar implantada a partir do Golpe de 1964 surge a Doutrina de Segurança Nacional (DSN)<sup>15</sup>, que foi instrumentalizada pela Escola Superior de Guerra e fornecia todo o conteúdo doutrinário e ideológico para a manutenção do poder em 1964. Os militares ocupavam posições estratégicas no interior do Estado, estabeleceram limites e restringiram a ação civil, ou seja, concentraram em suas mãos todos os poderes e funções do Estado<sup>16</sup> (BORGES, 2003).

Os pressupostos da DSN, de um modo geral, baseavam-se em uma luta política, uma forma de guerra interna que tinha como base a não negociação e também a guerra psicológica. Ou seja, estabelecia formas estratégicas de agir, a partir de técnicas psicossociais e dos meios de comunicação, para impor seu projeto político. Assim, essa doutrina buscou desmoralizar o construído e elencado “inimigo”, criar silêncios, ou fazê-lo cooperar e aderir às políticas do Estado. Portanto, a sociedade deveria se enquadrar às exigências de uma guerra interna, psicológica, física e ao mito de um inimigo interno comum. Este mito permitiu ao Estado instalar sua política repressiva, acionando os aparelhos de segurança e informação para moralizar e desmobilizar a população (BORGES, 2003).

No Brasil a DSN assumiu toda a estrutura do poder público, inclusive da escola, onde foram instituídas disciplinas com conteúdos baseados nos princípios da Segurança Nacional (por exemplo, Educação Moral e Cívica) (BORGES, 2003). Portanto, a ideologia da Doutrina de Segurança Nacional foi disseminada por todos os setores da sociedade brasileira.

---

<sup>15</sup> A DSN tem sua origem nos Estados Unidos, durante a Guerra Fria, na guerra entre o comunismo e os países ocidentais. Esta Doutrina fornecerá a estrutura necessária à instalação e manutenção de um Estado forte e de uma ordem social. A concepção desta doutrina baseia-se na guerra e na estratégia. Dessa forma, ela deve “escravizar os espíritos e os corpos” (BORGES, 2003, p.24).

<sup>16</sup> Nilson Borges, ao analisar o papel das Forças Armadas no processo político brasileiro, pensa-o contendo duas fases. A primeira, anterior a 1964, quando os militares intervêm na política, “restabeleciam a ordem institucional, passavam a condução do Estado aos civis e retornavam aos quartéis, exercendo a função arbitral-tutelar” (BORGES, 2003, p.16). A segunda fase, após 1964, com a Doutrina de Segurança Nacional, quando os militares assumem o papel de próprios condutores do Estado, como atores dirigentes e hegemônicos, alijando os a sociedade civil do processo de participação e decisão política. “A política deixa de ser uma arte civil para se transformar em arte militar” (BORGES, 2003, p.28).

No que diz respeito à política da criança e do adolescente, em 1964 foi implementada a FUNABEM em substituição à famigerada “escola do crime”, como ficou conhecido o Serviço de Atendimento ao Menor (SAM)<sup>17</sup>. Como sucessora do SAM, a FUNABEM era suspeita de ter herdado também seus métodos e de ser portadora de um imaginário institucional que poderia não romper com a racionalização da assistência, a criminalização da pobreza e o internamento. Diante dessas questões, a FUNABEM realizou a chamada PNBEM (Política Nacional do Bem Estar do Menor) como forma de reformulação da política do SAM. Embora seja possível verificar avanços em seus pressupostos, com o passar do tempo, ela continuou a exercer a controvertida política até o final de seus dias (VOGEL, 1995).

As práticas que prevaleceram na FUNABEM foram as mesmas práticas repressivas embasadas pela Política de Segurança Nacional da Ditadura Militar. Assim, no contexto da política do medo e da repressão, pautada na idéia de ameaça do comunismo e de que a sociedade deveria ser controlada em todos os seus espaços, pois existia um inimigo interno, também as crianças e adolescentes pobres, “os menores infratores”, “os menores desvalidos”, “menores abandonados” eram considerados inimigos concretos ou potenciais que colocavam em risco toda a ordem estabelecida e que, portanto, deveriam ser corrigidos, contidos a tempo, docilizados e transformados em mão-de-obra útil ou “capitais humanos nacionais”.

Essa prática da FUNABEM foi reforçada pela repressão política, especialmente com a instauração do AI5 em 1968, que assinalou um momento de maior fechamento do

---

<sup>17</sup> O Serviço de Atendimento ao Menor (SAM) foi criado em 1941 e tinha como objetivo primeiro centralizar a assistência no Distrito Federal (funcionando como modelo à política que, posteriormente, seria irradiada ao país) e resolver os problemas enfrentados pelo Juízo de Menores. Ele teria a função de organizar os serviços de assistência, fazer estudo e ministrar o tratamento aos “menores” (que até então eram feitas primordialmente pelos juizes). O SAM seria o órgão central, orientador, que moldaria as instituições estaduais. O que se verificou, porém, foi a configuração de uma política que se transformou na experiência mais condenável na assistência às crianças e adolescentes. Ou seja, na vigência do SAM institucionalizou-se, ainda que sem ancoragem no discurso e diretriz oficial, os maus tratos, castigos corporais, extrema violência e até morte de crianças e adolescentes; exploração do trabalho, abuso sexual, entre outras violências. Além disso, existiu grande corrupção dentro deste órgão, transformada em uma fonte de recursos para fins pessoais. O SAM foi extinto em 1964. Além disso, é importante, ainda, referenciar as problematizações feitas por Irma Rizzini (1995) acerca da cisão na assistência à criança e ao adolescente com a criação do SAM e do DNCr (Departamento Nacional da Criança) nos anos 1940. Criaram-se duas categorias, com reforço da política brasileira oficial: a do *menor* e a da *criança*. O DNCr colocava-se como uma política de proteção à infância, à adolescência e à maternidade e tinha um caráter mais preventivo e o SAM, sob o controle do Ministério da Justiça, destinava-se aos menores (os considerados infratores, delinqüentes, desvalidos e transviados). Ao longo do texto far-se-á referência a essas políticas, pois algumas foram extintas bem recentemente e algumas concepções permanecem até os dias atuais.

Estado brasileiro e atingiu profundamente os direitos civis e políticos. Neste momento, não existia liberdade de reunião; os partidos eram controlados pelo governo; os sindicatos estavam sob constante ameaça de intervenção; as greves eram proibidas; a justiça militar julgava os crimes civis; não era respeitada a inviolabilidade de correspondência e do lar; a integridade física era violada constantemente; e o próprio direito à vida era desrespeitado. Este período de maior repressão foi, também, o período de maior crescimento econômico, mas que crescimento beneficiou de maneira desigual os vários setores da população. No final as desigualdades cresceram ao invés de diminuir (CARVALHO, 2006).

Esse crescimento econômico desmistificou-se já no início dos anos 1970, quando se iniciou a crise do suposto milagre econômico e, com ela, intensificaram-se resistências de cunho democrático e ações de movimentos populares, deixando evidente a instabilidade do regime no processo eleitoral de 1974, com a vitória do MDB (NETTO, 1994).

Diante disso, os representantes do regime militar buscaram, num terceiro momento (1974-1979), estratégias de sobrevivência, através do 'processo de distensão', quando se tentou concluir a institucionalização do Estado de Segurança Nacional e criar uma representação política mais flexível para, ao mesmo tempo, controlar o avanço organizativo da sociedade civil (NETTO, 1994).

Até o final dos anos 1970, o modelo de política social de criança e adolescente que prevaleceu no Brasil foi o modelo da Doutrina da Situação Irregular (DSI). Ou seja, foi reformulado o Código de Menores (1979)<sup>18</sup>, mantendo seu caráter repressivo e corretivo presente nas legislações anteriores e inaugurou a Doutrina de Situação Irregular (DSI). Passou-se a considerar qualquer criança e adolescente que estivesse em oposição à situação considerada de normalidade, caso daqueles mais pobres, como irregulares. De acordo com essa Doutrina, estava em situação de

---

<sup>18</sup> A primeira tentativa de um projeto específico para a infância e adolescência pobre foi apresentada em 1906 à Câmara de Deputados por Alcindo Guanabara, que tinha a intenção de tomar providências acerca da infância abandonada e delinqüente. Essa proposta tomaria sua forma mais acabada no projeto que ficou conhecido como o Código Mello Mattos, de 1927, o Código de Menores. Esse Código tinha como objetivo zelar pela infância abandonada e criminoso, extirpando o mal pela raiz e livrando a sociedade dos vadios e desordeiros. Portanto, o objetivo era manter a ordem (RIZZINI, 1995).

irregularidade social toda a criança e adolescente que se encontrasse em situação de abandono, carência, de vitimização e de infração. Deste modo, os modelos de políticas também eram baseados nesta Doutrina, ajustadas pelo modelo asilar, higienista, de valorização do trabalho e de criminalização da pobreza, onde os filhos dos pobres eram ideologicamente considerados e tratados como “menores” e os filhos daqueles com condições sócio-econômicas relativamente suficientes para a manutenção digna da dinâmica e cotidiano familiares eram tidos como “crianças e adolescentes” (RIZZINI,1995). Assim, os estabelecimentos trabalhavam, ainda, em regime de internação, violência física e castigo, pautando-se numa lógica assistencial-repressiva, regulando e enquadrando as pessoas, desde a infância, a um comportamento disciplinado e ao trabalho (RIZZINI, 1997).

Resumidamente, pode-se afirmar que a Política Nacional do Bem Estar do Menor não trouxe diferenças contundentes em relação às políticas predecessoras (SAM) no que se refere à execução de ações repressivas, policiais e de controle, além de fracasso dos intentos de trabalhar com as famílias vistas como “disfuncionais” por fragilidades sócio-econômicas. O tom de combate a inimigos da pátria, externos ou internos, pulverizado nas práticas políticas governamentais como um todo, engolfaram o contraponto que o discurso da FUNABEM tentava implementar na orientação da política ao “menor”, de maneira que, à revelia dos protestos e contra-argumentações de seus técnicos e formuladores, a prática real dessa instituição pôs em funcionamento a lógica tecno-política anterior a ela (ao que pretendia ser verdadeira antítese), reforçada pelo contexto da ditadura militar (VOGEL, 1995).

A FUNABEM, assim, não se fez eficaz nos seus propósitos originários e reiterou nas suas práticas o caráter das políticas anteriores destinadas aos “menores”, além de não romper com a separação ideológica “menor carente” e “criança/ adolescente”, destinando sua ação para aqueles considerados marginalizados e potenciais delinquentes, respeitando a Doutrina da Situação Irregular implementada em 1979. Embora trouxesse avanços em suas diretrizes e princípios, não explicitava a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, reduzindo suas ações a um cunho marcadamente assistencialista e preventivo a futuros problemas para a segurança do país.

De um modo geral, pode-se apontar como características da assistência pública à infância e adolescência no país até este período: vinculação legal ou prática às instituições jurídico-policiais; o controle e a repressão; a dependência das instituições particulares beneficentes; o recolhimento de crianças nas ruas pelo aparato policial; a linha mestra da política era a internação; diferenciação entre duas categorias: menores e crianças/ adolescentes; valorização do trabalho como instrumento disciplinador do corpo e da mente por ser considerada uma forma privilegiada de tornar o menor desvalido um indivíduo útil para a sociedade.

Assim, os direitos das crianças e adolescentes no Brasil foram consideravelmente violados neste período. No estado do Espírito Santo, também, a violação dos direitos das crianças e adolescentes pobres eram corriqueiras, assim como a prática de extermínio<sup>19</sup>.

Neste sentido, o cenário capixaba, no que diz respeito à infância, apresentava-se violento, ainda mais quando se tratava das crianças e adolescentes pobres, já que a estes eram reservadas as políticas de internação da FUNABEM e IESBEM, que se pautavam pela Doutrina de Situação Irregular. Muitas vezes, crianças e adolescentes eram levados sem motivo aparente para esses estabelecimentos e nem sabiam o porquê de estarem naqueles espaços e estes motivos também não lhes era revelado posteriormente. Não eram ouvidos, não existia a preocupação, por parte dos profissionais do estabelecimento, em saber de onde eram e os motivos que os levaram a serem internados. Aparentemente, o único momento em que o adolescente se fazia um pouco “ouvido”, era quando tinha que preencher uma ficha com um questionário frio e objetivo (XAVIER, 2005).

O espaço físico das instituições capixabas demonstrava atendimento correccional, repressivo e asilar, que separavam sensivelmente as crianças e adolescentes dos

---

<sup>19</sup>Pode-se citar como um grande exemplo de violação dos direitos o assassinato da menina Araceli, que ficou conhecido no Brasil como “O caso Araceli”. Em 18 de maio de 1973, o corpo de Araceli foi encontrado atrás do antigo Hospital Infantil em Vitória e foi comprovado que a mesma havia sido espancada, estuprada, drogada. Em sua genitália, peito e barriga foram encontradas marcas de dentes, seu maxilar foi deslocado e grande parte de seu corpo, principalmente o rosto, foi desfigurado com ácido. Este caso foi arquivado e os culpados ficaram impunes. Em referência a este caso, o dia 18 de maio ficou conhecido como o dia nacional de combate à violência sexual infanto-juvenil. O caso Araceli se coloca apenas como mais um dos exemplos das violências cometidas contra crianças e adolescentes no Espírito Santo.

técnicos. Portanto, o Espírito Santo refletia a política nacional daquele período para os “menores” e a conjuntura macro-política de grande repressão política. Posteriormente, o regime militar, com toda a sua ideologia, demonstraria sua instabilidade, diante da nova dinâmica que se apresentava. Assim, o regime buscou sua legitimação através de um “projeto de auto-reforma”, que tinha como objetivo inicial uma combinação de liberalização controlada e limitada, com mecanismos decisórios ditatoriais. Para implementar esse projeto, seria necessário enquadrar todo aparelho político-militar repressivo, suspender a autonomia de facções do partido popular e subordiná-los a um comando único e, também, conquistar, de forma indireta, segmentos da sociedade. E foi nesta intervenção que se encontraram os maiores obstáculos, pois a classe operária ocupou o cenário político através das greves do ABC paulista, radicalizando uma oposição democrática (NETTO, 1994).

Foi neste momento que ocorreu a revogação do AI5 em 1978, o fim da censura prévia e a volta dos exilados políticos. A criação do PT em 1979, com o fim do bipartidarismo. Em 1981 ocorreu a primeira Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (CONCLAT) para criar uma entidade nacional. Posteriormente há a divisão da CONCLAT em CUT (do PT) e CONCLAT (do partido comunista.). Em 1986 tanto a CUT, quanto a CONCLAT se reúnem para criar a CGT (Central Geral dos Trabalhadores). Em 1984 ocorreram eleições diretas que foi a maior mobilização popular da história do país (CARVALHO, 2006).

Ocorreu, também, a expansão de associações de profissionais de classe média, professores, médicos, engenheiros, funcionários públicos, entre outros. Ou seja, aconteceu uma rearticulação da sociedade civil e os movimentos populares saíram da clandestinidade para lutar por direitos básicos frente às condições deterioradas de vida. Contaram com o apoio da Organização dos Advogados do Brasil (OAB), da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e de setores progressistas da Igreja católica (CARVALHO, 2006).

De um modo geral, pode-se dizer que até a década de 1970/1980, os movimentos de oposição foram massacrados, com pouquíssimo espaço de expressão coletiva. No entanto, contraditoriamente, a ditadura, ao mesmo tempo, em que fechou os espaços públicos de participação e provocou deterioração das condições de vida,

também contribuiu para que emergissem os chamados “Novos Movimentos Sociais” (SADER, 1988).

Assim, diversas expressões e movimentações sociais marcaram as décadas de 1970/1980, como por exemplo, o novo sindicalismo, as CEBs, o movimento feminista, o movimento ecológico, o movimento pacifista, o movimento estudantil, o movimento da saúde, da educação etc.

Foi neste contexto sociopolítico<sup>20</sup>, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, que surgiram, também, as primeiras críticas à Doutrina de Situação Irregular.

Para alguns, os anos de 1980 foram considerados como a “década perdida” em termos econômicos, devido à inflação, recessão, desemprego e miséria. Porém, foi esta década decisiva para os direitos das crianças e adolescentes, pois o referido período foi palco do surgimento e desenvolvimento de uma nova postura em relação às crianças e adolescentes (COSTA, 1993).

VOGEL (1995), por exemplo, destaca que nos anos de 1980 ocorreram grandes transformações referentes às políticas de atendimento às crianças e adolescentes, como, por exemplo, o fracasso da FUNABEM e com ela a concepção de atendimento repressivo e assistencialista baseado na Doutrina de Situação Irregular. Isso porque estava em crise, também, o regime militar que dava sustentação a essa política com a Doutrina de Segurança Nacional.

Por outro lado, com o fracasso da FUNABEM, surgem pessoas, principalmente seus técnicos, comprometidos com uma pauta de alterações institucionais, que

---

<sup>20</sup> No que diz respeito à conjuntura internacional, nos anos 1970 e 1980, vivia-se num processo de globalização, num contexto de grandes transformações e de crise. Como forma de enfrentar esta crise, novas políticas foram adotadas, baseadas na flexibilidade dos processos de trabalho e dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. O resultado é, de um lado, um processo de reorganização produtiva e, de outro, a implantação de um sistema político e ideológico baseado na retirada do Estado de suas responsabilidades para com a promoção de direitos econômicos, sociais e culturais.. Portanto, há um enfraquecimento do Welfare State, fragilizando conquistas na seguridade social, relacionadas ao pleno emprego, na previdência social, saúde, assistência social, entre outros. Essa crise seria acentuada com o aparecimento de novos movimentos, como os estudantis, pacifistas, feministas, homossexual, ecológico etc., que acabaram por retirar a centralidade do movimento operário. Ou seja, aparecem, neste momento, outras formas de participação que não tinham, apenas, a categoria trabalho como a base para a transformação (EVANGELISTA, 1992). Assim, outras formas de relações globais se configuravam diante do processo de reestruturação produtiva, do desemprego estrutural e da precarização das relações de trabalho, colocando em xeque a política social, diante do enfraquecimento do Estado de Bem Estar Social.

favoreceram a produção de posicionamentos e visão mais crítica das políticas sociais de atendimento às crianças e adolescentes e da própria FUNABEM, frente às transformações sociais que ocorriam na sociedade brasileira (VOGEL, 1995).

Dentre essas transformações, o que se pôde verificar foi a maior visibilidade de uma das questões sociais consideradas mais graves a serem enfrentadas pelo Brasil: os meninos e meninas de rua (RIZZINI, 1995).

Em 1980, 64,5% das crianças e adolescentes com idade inferior a 19 anos compunham a população urbana. Das 27 milhões e 690 mil famílias, 48% caracterizavam-se por ter como chefe uma pessoa com rendimento mensal inferior a 2 salários mínimos, além de abrigar 51,2% das crianças e adolescentes menores de 19 anos. Se a esse dado fossem acrescentados os sem-rendimentos poderia ser considerada a existência de 32 milhões de crianças e adolescentes atingidos pela carência sócio-econômica na década de 1980 (RIZZINI, 1995).

O governo enfraquecido, com suas bases ideológicas questionadas pelas novas forças políticas que surgiam naquele momento, sem políticas eficazes de enfrentamento, criou, diante da questão que se colocava, diferentes ações de caráter paliativo e assistencialista, como por exemplo, o “Programa Bom Menino” de encaminhamento de crianças e adolescentes ao trabalho nas empresas e com ele a bolsa trabalho e a obrigação de freqüentar a escola<sup>21</sup> (FALEIROS, 1995).

Vários foram os fatores que impulsionaram ou a articulação de grupos e instituições voltados à área da infância e adolescência no início dos anos 1980, a formando um movimento em torno dessa problemática. Dentre esses fatores, poder-se-ia citar a ineficácia do Estado em lidar com a questão que se colocava, a crise do regime militar; o processo de abertura política, que por sua vez possibilitou aos movimentos sociais e atores políticos saírem da clandestinidade, a ampliação da figura de meninos e meninas na rua, a ineficácia de políticas sociais para o enfrentamento dessa questão etc.

---

<sup>21</sup> O trabalho das crianças e adolescentes de 12 a 18 anos com uma remuneração de ½ salário mínimo não gerava vínculo empregatício, encargos previdenciários ou FGTS para as empresas.



Além disso, várias denúncias, ações, manifestações populares são feitas para mostrar a ausência de direitos desses sujeitos. As crianças e adolescentes conhecidos na época como “pivetes”, “trombadinhas”, “menores abandonados”, “infratores” etc., chamam a atenção de escritores, jornalistas, produtores de filmes, contribuindo para a popularização do tema<sup>22</sup> (RIZZINI, 1995).

Esse movimento, de acordo com Gregori (2000), priorizou a modificação do panorama legislativo e das políticas públicas e buscou oferecer um atendimento diferenciado para meninos e meninas em situação de rua. Este movimento, afirma Rizzini (1995), passa a questionar a prática de internamento de crianças e/ou adolescentes por pertencerem a famílias pobres, conforme apregoado no Código de Menores de 1979. Destarte, começam a discutir a necessidade de rever o papel do Estado frente ao fracasso da Política Nacional do Bem Estar do Menor, além de considerarem que a responsabilidade deveria ser da sociedade como um todo. As atenções acabam voltando-se para a participação comunitária que buscava, a partir da vivência direta com as crianças e adolescentes, entender as condições dos mesmos e buscar soluções para a questão social que se apresentava.

Portanto, a própria vanguarda técnica da FUNABEM, do Ministério da Previdência e Assistência Social e do UNICEF (Fundação das Nações Unidas para a Infância) foram ao encontro dessas práticas alternativas desenvolvidas por segmentos da população nas ruas ou em comunidades pobres e tentaram compreender o trabalho das experiências bem sucedidas de atendimento a meninos e meninas de rua que se realizavam (VOGEL, 1995).

Assim, pode-se dizer, como bem afirma Liduina Silva (2005), que houve um “consenso” entre movimentos sociais, sociedade e governo quanto à ineficácia das políticas existentes naquele momento para o atendimento a crianças e adolescentes. Diante de uma crise, foram desencadeados diversos acontecimentos que produziram um jogo de forças distintas, com diferentes propostas, de lugares e instituições diferentes que ora se coadunavam e ora divergiam, porém, mobilizaram-se num processo que levaria à corporificação de uma legislação específica e única: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECRIAD).

---

<sup>22</sup> Pode-se citar, por exemplo, o filme “Pixote” de Hector Babenco e o livro de Sandra Mara “Herzer-A queda para o alto” (1982).

Nos anos 1980, não foram apenas os direitos das crianças e adolescentes que ficaram em evidência. Os Direitos Humanos foram mundialmente debatidos, situação que incitou a concepção da Constituição de 1988, na qual atores sociais se movimentaram no sentido de garantir, também, a inclusão do artigo 227 que versa sobre os direitos das crianças e adolescentes (RIZZINI, 1995).

A mobilização popular mais marcante na área da infância e da juventude foi o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR), que se fortaleceu a partir da articulação iniciada por um projeto que visava destacar as experiências alternativas existentes no país, sob a coordenação do SAS/UNICEF/FUNABEM (RIZZINI, 1995).

Esta articulação resultou numa série de encontros e seminários, dentre eles o I Seminário Latino-Americano de Alternativas Comunitárias de Atendimento a Meninos e Meninas de Rua em Brasília, realizado em 1984, culminando, em 1985, na formação da coordenação do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua. Constituíu-se e fortalecia-se um movimento social que se opunha às diretrizes da Doutrina de Situação Irregular, consagrada pelo código de 1979, corporificando, na agenda das políticas públicas, o atendimento às crianças e adolescentes (VOGEL, 1995).

O MNMMR surge com o intento de valorizar e incentivar a construção de propostas de ação e mobilização contando com a participação dos próprios meninos e meninas na sua formulação e execução em defesa de seus direitos e com ações pautadas numa dimensão política. Afinal, foi essa dimensão que incentivou a organização a buscar, em conjunto com outras instituições e movimentos sociais nacionais e internacionais, soluções para as causas estruturais e para a situação emergencial dos meninos e meninas de rua (MNMMR, 1995).

O MNMMR realizou encontros nacionais, com a participação de crianças e adolescentes, o que contribuiu significativamente para trazer a questão da política para a infância como debate nacional (FALEIROS, 1995).

Foram através destas movimentações, passeatas, atos públicos, denúncias e cartas abertas etc., que o MNMMR ganhou visibilidade. Foi fundado em 1985 como

organização não-governamental e com sede em Brasília, obtendo representações em todos os estados do Brasil (MNMMR-PE, 2002).

Assim, na segunda metade da década de 1980, juntamente com diversos movimentos sociais que emergiam neste momento, o movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes marca sua presença de forma atuante através da articulação política que possibilitou um grande feito: a revogação do Código de Menores e a sua substituição pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (RIZZINI,1995).

A luta pelo Estatuto surge, portanto, em um momento de grandes transformações no Brasil e no mundo. Surge quando as novas relações neoliberais estavam sendo estabelecidas, momento de crise do Welfare State, de abertura política no Brasil, quando novas forças políticas emergiam, quando o Estado militar brasileiro estava em processo de desfragmentação, quando as políticas sociais não davam conta das questões sociais que se produziam..

Concomitante às movimentações que ocorriam em nível nacional na área da infância e da adolescência, no final dos anos 1970, no Espírito Santo alguns atores também se articulavam no sentido de formarem um movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes capixabas, posto que a política social local nessa área repetia a Política Nacional de internação, de limpeza dos centros urbanos, como já demonstrado anteriormente.

Alguns técnicos começaram a questionar a Doutrina de Situação Irregular e mesmo nos espaços onde práticas de repressão se faziam sensivelmente presentes, era possível perceber formas de resistência por parte das crianças e adolescentes. Uma forma de resistência era mentir. Muitos mentiam por não confiarem e, também, por não terem clareza do que significava aquele espaço, uma vez que muitos eram internados por questões de situação financeira ou problemas de ordem familiar (XAVIER, 2005).

Alguns técnicos, através de algumas pequenas ações, demonstravam que não se concordava com a dinâmica de funcionamento daqueles espaços. Criavam estratégias para sair daquele atendimento repressivo, formavam vínculos, através de espaços de conversas com as crianças e adolescentes. Assim, dentro desse

contexto, os próprios profissionais que atendiam nessas instituições passaram a questionar a sua prática.

Marilena Chauí, em seu livro “Conformismo e Resistência” (1989) trabalha a cultura popular como as ações e representações que “se inserem num contexto de reformulação e de resistência à disciplina e à vigilância. Nela, o silêncio, implícito, o invisível são freqüentemente, mais importantes do que o manifesto” (Chauí, 1989, p. 33). Assim, aqueles atores começam a convidar as crianças para passeios, brincadeiras fora daquele espaço repressor. Criaram diálogos e conversas, o que quase inexistia dentro dos estabelecimentos. Portanto, são construídas formas de resistência aos estabelecimentos repressores por parte de alguns técnicos e de crianças e adolescentes no Espírito Santo. Em outras palavras, constroem-se práticas de resistência às práticas dominantes à época.

Os técnicos, por possuírem essa experiência junto às instituições de atendimento a crianças e adolescentes, receberam, em 1980, proposta para trabalhar com meninos e meninas de rua do centro de Vitória. Esse convite foi feito pelo fato de possuírem um olhar e estratégias de trabalho diferenciadas e porque, de alguma forma, conseguiam estabelecer contatos, serem ouvidos por esses meninos e meninas. Mas, o objetivo do trabalho era, na realidade, de limpeza do Centro de Vitória, a partir do convencimento a crianças e adolescentes a saírem das ruas e a voltarem para suas comunidades<sup>23</sup> (XAVIER, 2005).

A partir dessa proposta, sem definição, sem objetivo, iniciou-se, através de alguns técnicos, um trabalho nas ruas e praças do Centro da cidade de Vitória que posteriormente daria origem ao Movimento Nacional de Meninos e Meninas do ES. Portanto, de uma proposta inicial de convencimento aos meninos e meninas de rua a voltarem para seus municípios, iniciou-se um processo de elaboração de questionamentos à realidade dos meninos e meninas, da forma como estava instituída, partindo para um trabalho de pedagogia de rua, de crítica ao paradigma da Situação Irregular (XAVIER, 2005).

---

<sup>23</sup> Esse pensamento, como já foi demonstrado, perpassava toda a sociedade, todas as políticas e o Estado. Não era um caso particular do ES, mas geral de todo o Brasil.

Concomitantemente ao trabalho que iniciava no Centro de Vitória, membros da Igreja Católica do bairro Jardim da Penha, preocupados com o aumento do número de meninos e meninas nas ruas, iniciaram, também, um trabalho.

Podia-se perceber, neste momento, adolescentes e crianças de 5 e 6 anos nas ruas do centro da cidade e, também, em bairros nobres de Vitória, como Jardim da Penha. Essas crianças e adolescentes dormiam nas garagens das casas, nas ruas, ou na areia da praia e a maioria delas permanecia nas ruas por sofrerem violência na família ou por ausência de estrutura física e econômica (XAVIER, 2005).

No que diz respeito à atividade econômica a década de 1980 para o Espírito Santo foi marcada por um retrocesso, materializado no favorecimento da concentração de renda, desigualdade social, e diminuição do rendimento familiar. Aumentou-se o contingente populacional vivendo abaixo da linha de pobreza (COLBARI, 2003). Essas questões econômicas, juntamente com a chegada de migrantes no Espírito Santo, evidenciaram e intensificaram, no estado, a presença de crianças e adolescentes nas ruas<sup>24</sup>.

Esses meninos e meninas realizavam pequenos furtos, lavavam carros, eram engraxates, carregavam sacolas de compras das senhoras, tudo como estratégia de sobrevivência nas ruas<sup>25</sup>. Muitos vendiam frutas, amendoim, picolé para complementar a renda familiar e quando não conseguiam vender todas as mercadorias, alguns eram impedidos pelos pais de voltar para suas casas. Dessa forma, muitos permaneciam nas ruas com medo da repressão e violência que podiam encontrar em casa.

Havia crianças que eram aliciadas por adultos ou pelos próprios adolescentes (maiores) para venda de drogas. Existiam, também, aquelas pessoas que compravam toca-fitas, relógios e outros objetos furtados dos meninos e meninas de rua. Além disso, fazia-se presente abuso e exploração sexual envolvendo as meninas.

---

<sup>24</sup> No início da década de 1970, iniciou-se a implantação, no Estado do Espírito Santo, de um aglomerado de indústrias e Grandes Projetos a cargo da Companhia Vale do Rio Doce, Companhia Siderúrgica de Tubarão - CST, Aracruz Celulose e Samarco, o que incentivou fluxos migratórios para este estado. (<http://www.seculodiario.com/seculo/2000/01fev/poluicao/index.htm>).

<sup>25</sup> Para maior aprofundamento da temática, ver Capítulo I de Marques (2001), "Trabalho Infantil e Sobrevivência das Famílias" in *Infâncias (Pré)ocupadas: Trabalho Infantil, Família e Identidade*.

Na rua era ainda possível ter contato com as drogas, que naquele momento resumia-se à cola e ao *tinner*. A maioria dos adolescentes e crianças que usava esses produtos concentrava-se embaixo da Ponte Seca no centro de Vitória. Estes traficavam, constituindo-se nos chamados “aviõezinhos”, que também consistia numa estratégia de sobrevivência nas ruas.

Viviam, geralmente, em grupos e cada integrante do grupo tinha a função de cuidar do outro. Criavam regras do tipo não “mexer com a menina do outro” ou “não xingar a mãe de alguém”. Isso porque na rua tudo era esperado, tudo era possível. “A rua é do mundo não é de ninguém, se você cruza com alguém na rua, esse alguém não te deve respeito, não te deve nada. Tudo que vier é lucro” (Xavier, 2005). Ou seja, a rua parecia ser um local onde era mais admissível sofrer violência, maus-tratos e qualquer outro tipo de violência do que na própria família, que para os meninos e meninas poderia e deveria representar local desproteção (sendo esta uma forte ideologia social) tornando a violência doméstica inaceitável<sup>26</sup>.

A violência policial fazia-se muito presente no cotidiano dos meninos e meninas de rua, além da violência cometida, também, pelos comerciantes (Xavier, 2005).

Diante desta realidade de violência e repressão, alguns atores iniciaram o trabalho nas praças do Centro de Vitória e, num primeiro momento, utilizaram-se apenas de observações que eram registradas em diário de campo.

Em Jardim da Penha, o trabalho também teve início com a formação de vínculos e muitas vezes, na expectativa de ajudar, buscavam cuidar fisicamente dessas crianças, dando-lhes roupas, calçados, brinquedos e levando-os de volta às suas casas. No entanto, essas crianças e adolescentes retornavam para o bairro, o que começa a despertar para um entendimento de que a questão estava muito além do que se apresentava. Foram privilegiando a formação de vínculos através da aproximação e conhecimento da realidade em que viviam aqueles meninos e meninas.

---

<sup>26</sup> Marques (2001) trabalha essa representação da família ideal que, segundo as crianças e adolescentes, é o lugar de carinho e de proteção. Essa representação aparece numa ambigüidade entre o pensado e o vivido, entre um modelo ideal e aquele que conseguem organizar.

Eles perguntavam sempre assim: “você é do juizado?” O juizado era o bicho papão, o juizado e FEBEM. Se falasse juizado ou FEBEM eles caíam fora. Mas aí a gente não se identificava como de órgão nem nada, nem por que estava ali, isso a princípio e na verdade não chegamos assim fazendo uma proposta, simplesmente chegamos e ficamos observando e eles nos observavam e daí foi acontecendo os contatos (ENTREVISTADO Nº01 apud XAVIER, 2005).

Através desta criação de vínculos e confiança com os educadores, foram surgindo propostas de trabalhos como grupos de capoeira, pintura e desenhos e muitas discussões eram pautadas a partir dos temas trazidos pelos próprios meninos(as).

Figura 1: Roda de Capoeira na Rua promovido nos encontros do MNMMR



Fonte: arquivos do Movimento de Meninos e Meninas de Rua do Espírito Santo

Essa prática realizada constituía-se na chamada Pedagogia Social de Rua, que segundo Graciane

[...] privilegia, como eixo central a descoberta dos matizes da matriz cultural de seus sujeitos, na ação educativa, para traçar e delinear seus princípios pedagógicos o mais próximo da realidade do educando, aproveitando a oportunidade educativa para interpretar o mundo humanamente construído com os elementos essenciais da cultura universal. (GRACIANE, 1999, p.179).

Na metodologia de trabalho com as crianças e adolescente de rua privilegiaram-se as leituras e/ou pedagogia de Paulo Freire<sup>27</sup>, baseado na autonomia e participação dos meninos e meninas de rua, teoria essa que influenciou a maioria dos Chamados “Novos Movimentos Sociais” surgidos no final da década de 1970, como forma de construir alternativas de participação popular que não reforçassem ou passassem pelas práticas de autoritarismo (BRANT, 1980).

Segundo os relatos, desde as primeiras aproximações com as crianças e adolescentes de rua, existiu a preocupação com a participação dos meninos e meninas de rua no processo de qualquer trabalho que se propunha a fazer. O maior exemplo disso foram os núcleos de base onde eram feitas reflexões do cotidiano, trabalhando em uma perspectiva política.

Dessa forma, o trabalho ganhou visibilidade e chamou a atenção de outros atores envolvidos com a temática. Vão-se criando movimentos a partir do desenvolvimento de laços entre aqueles sujeitos que estavam conscientes do desamparo existente em relação às crianças e adolescentes de rua, através de intercâmbios, articulação e propostas conjuntas. Este processo possibilitou a formação de vínculos dos profissionais e militantes da Igreja com os meninos e meninas de rua, dando início à formalização de um forte movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes: o MNMMR-ES.

Os sujeitos reelaboraram aquela situação de violência e repressão contra as crianças e adolescentes, em função do que definiam enquanto suas vontades: o respeito àqueles atores sociais. Assim, através da elaboração dessas experiências, junto às crianças e adolescentes, técnicos, educadores, interpretaram de uma maneira diferente do que vinha sendo colocado. Portanto, percebe-se uma mudança, um questionamento do paradigma da prática de situação irregular através de experiências do dia-dia.

Os atores aglutinaram-se, articularam-se e começaram a fazer palestras, seminários sobre o trabalho com crianças e adolescentes de rua etc. Criou-se um grupo de discussão chamado “Grupo Só Criança”, em que participavam diversos atores

---

<sup>27</sup> Paulo Freire em um dos seus mais conhecidos livros, Pedagogia da Autonomia, demonstra que educar, ‘formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas’. Aposta nos sujeitos, nos diálogos e na reflexão crítica.



envolvidos com a temática criança e adolescente. Como todos os estados possuíam comissões locais, o “Grupo só Criança” passou a ser a comissão local no ES e passaram a se reunir formalmente. Dessa forma, o trabalho se transforma em movimento social propriamente dito, transforma-se em MNMMR-ES, onde os atores se reúnem, fazem discussão, grupos de estudo, articulam-se com outros autores, inclusive fazem a proposta de implantação da Pastoral do Menor em Vitória (Xavier, 2005)

Já com a Pastoral do Menor em Vitória, as ações do movimento ganham mais força e começam a trabalhar juntos, articulados com outros movimentos sociais.

Assim constroem-se redes com princípios que permitem a comunicação, articulação, intercâmbio e solidariedade entre os atores sociais, como afirmara Sherer-Warren (1993). Pode-se perceber aqui, também, que a Igreja constituiu-se enquanto um grande centro organizador de movimento social, como já declarado por Doimo (1995).

Organizados localmente, começam também a se articular nacionalmente, participando de Encontros Nacionais e Internacionais do MNMMR. Em 1984, por exemplo, um representante do movimento participou do Encontro Internacional de Atendimento de Meninos e Meninas de Rua, em Brasília, onde foi criado, formalmente, o Movimento, que foi chamado inicialmente de “Movimento Comunitário de Alternativas a Meninos e Meninas de Rua” (XAVIER, 2005)

A articulação política do referido movimento no Espírito Santo deu-se através da participação em diversos encontros e reuniões locais e nacionais, abaixo-assinados, cartas nacionais e locais. Numa carta enviada pelo movimento de Belém em 14 de janeiro de 1986, por exemplo, é discutida a necessidade de tomadas de decisões coletivas acerca do I Encontro Nacional em Brasília, onde haveria a presença das crianças e adolescentes de rua de todos os estados, com o objetivo de sensibilizar a opinião pública. A tomada de uma decisão mais geral, portanto, só era permitida quando as decisões eram tomadas passo a passo por cada grupo de base (BRANT, 1980).

Essa articulação é percebida também em outra carta do movimento de Belém, em 17 de março de 1986, quando informaram que o I Encontro Nacional de Meninos e

Meninas de Rua seria nos dias 26, 27 e 28 de maio e que os temas a serem discutidos no encontro seriam sugeridos pelas crianças e adolescentes. Assim, em 1986 ocorreu o primeiro Encontro Nacional de Meninos e Meninas de Rua em Brasília (com a participação de 25 meninos do Espírito Santo), quando meninos e meninas gritaram por justiça (MNMMR-PE, 2002).

Em suma, percebe-se um incentivo à participação das crianças e adolescentes no que diz respeito à defesa dos seus direitos, visto que o movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes, neste período, trazia em sua filosofia, com já explicitado, a pedagogia da autonomia, com a formação política dessas crianças e adolescentes, conforme preconizada por Paulo Freire (1996)

Além da teoria de Paulo Freire, outras visões atravessaram os espaços de vivências do movimento no ES. Pode-se, por exemplo, perceber nos primeiros anos depois da formalização do movimento nacionalmente, alguns debates e seminários trazendo discussões marxistas. Esses debates traziam a percepção da escola, família e trabalho como elementos reprodutores do sistema capitalista e não como solução para a problemática das crianças e adolescentes de rua. Em alguns momentos negava-se o próprio espaço das instituições (XAVIER, 2005).

No encontro de aprofundamento político-pedagógico do movimento, por exemplo, acontecido de 11 a 13 de setembro de 1987, organizado pelo “Grupo só Criança”, com diversos assessores da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), da Associação de Moradores e dos movimentos populares, discutiu-se os seguintes temas: análise da estrutura social; Estado; ideologias; condições materiais de existência; método histórico para entender a complexidade da sociedade capitalista; base econômica da sociedade capitalista; mais valia; superestrutura e infraestrutura; classes sociais; Movimento Popular: caracterização, origem, formas de organização, conquistas e entraves; e conjuntura sócio política brasileira (XAVIER, 2005)

Este encontro tinha como objetivo definir a estratégia de luta do Movimento, como ele deveria caminhar e de que forma seria possível estar próximo das classes oprimidas. Toda discussão do Encontro foi baseada numa visão marxista, que negava, naquele momento, as vias institucionais e/ou estatais.

Neste encontro definem o Movimento como um conjunto de Comissões Locais que se encontram em luta contra a opressão feita aos meninos e meninas de rua e que tem como proposta a transformação da realidade pela luta de classes.

Nos dias 08 e 09 de outubro de 1987, ocorreu o II Encontro de Meninos e Meninas de Rua do ES no Centro de Treinamento D.João Batista em Vitória, tendo como objetivo o fortalecimento da organização do movimento de meninos e meninas de rua. O Encontro contou com a participação de assessores das seguintes instituições: FUNABEM, SEDU, IESBEM, Pastoral do Menor, UFES, Secretária de Esporte e Cultura da PMV.

Figura 2: reunião de meninos e meninas de rua com Educador do MNMMR-ES, no Centro de Treinamento D.João Batista, em Vitória



Fonte: arquivos do Movimento de Meninos e Meninas de Rua do Espírito Santo

Figura 3: meninos encenando no II Encontro Regional de Meninos e Meninas de Rua



Fonte: arquivos do Movimento de Meninos e Meninas de Rua do Espírito Santo

Neste encontro, definem o Movimento como forma de luta popular. No último dia de sua realização, foi feita uma caminhada pelo fortalecimento do Movimento de Meninas e Meninos de Rua do Espírito Santo até o Palácio do Governo e, em seguida, de ônibus, fizeram o trajeto Assembleia Legislativa/ IESBEM/ Palácio da Justiça. Isso culminou numa matéria no Jornal “A Gazeta” no dia 10 de outubro de 1987 com o título “Menor de rua debate violência e faz passeata”.

Figura 4: após o II Encontro de Meninos e Meninas de Rua do Espírito Santo crianças e adolescentes fazem protesto.



Fonte: jornal A Gazeta, de 10 de outubro de 1987

Em 11 de julho de 1988, meninos e meninas de rua fizeram vigília no centro da cidade, promovida pelo MNMMR (região sudeste), Pastoral do Menor da Arquidiocese de Vitória e FAMOPES. Denunciaram que a questão dos meninos e meninas de rua estava deixando de ser responsabilidade das instituições e órgãos governamentais para ser exclusivamente ocupação da polícia (XAVIER, 2005).



Figura 5: Crianças e adolescentes na Praça Costa Pereira, no centro de Vitória, numa vigília contra a violência.



Fonte: jornal A Gazeta, de 11 de julho de 1988

O MNMMR-ES, portanto, envolveu-se em diversas ações políticas, articulado com outros movimentos sociais cobrando de entidades governamentais ações no que diz respeito à defesa dos direitos das crianças e adolescentes, além de denunciarem as violações porque passavam os meninos e meninas de rua do estado.

Uma outra questão observada no cotidiano das crianças e adolescentes, neste período, é que bastava ser menino ou menina pobre e estar na rua para ser alvo de tortura dos policiais. Um exemplo dessa situação foi demonstrada em uma pequena nota do jornal A Tribuna, de julho de 1988, com o seguinte título: “Menor agredido por PM por causa de brincadeira”, onde é relatado que um adolescente de 13 anos foi chicoteado e espancado por um PM, por ter espantado cavalos em uma área qualquer de Vitória (A Tribuna, 24/07/1988 apud XAVIER,2005).

Em agosto de 1988 um adolescente de 17 anos, que se encontrava no DML, denunciou para o Jornal “A Tribuna” a violência policial e os locais utilizados por estes para a tortura, citando a Torre de Televisão, o Contorno de Vitória e a Pedra da Cebola (A Tribuna, agosto de 1988, apud XAVIER, 2005).

Além da tortura, a deportação de crianças e adolescentes pobres se faz muito presente no cotidiano das ruas de Vitória. Em agosto de 1988, por exemplo, 11 crianças e adolescentes do ES foram encontrados no Rio de Janeiro por educadores do MNMMR do ES<sup>28</sup>. Essas crianças e adolescentes foram deportadas por policiais capixabas e abandonados no RJ e ameaçados de morte caso voltassem para seu estado. O Comando da PM defendeu-se, dizendo que a acusação não fazia sentido e aguardava fatos concretos. Neste mesmo período, o MNMMR denunciou tal ação da PM ao governador do Estado Max Mauro (Jornal do Brasil, 04/08/01988) (XAVIER, 2005).

Em relação a tais práticas de deportação empreendidas, o promotor de menores da Comarca de Vitória, Jeová de Miranda, encaminhou ao secretário de segurança pública do ES, Sérgio Reis, ofício solicitando abertura de inquérito para apurar a denuncia de deportação de crianças e adolescentes capixabas para o Rio de Janeiro. Representante do MNMMR participou das investigações e denunciou outros casos (XAVIER, 2005).

Neste mesmo período, o MNMMR do Rio de Janeiro fez articulação com órgãos internacionais e denunciou a notícia da violência da PM do ES, que culminou na migração forçada de crianças para o Rio, a órgãos internacionais como o Centro Internacional de Defesa da Criança ligado à Organização das Nações Unidas (O Dia, 05/08/1988).

A ocasião da Constituinte foi um grande momento de articulação do movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes. Existiam deputados do Espírito Santo na comissão “Criança, Família, Idoso” o que levou a uma grande mobilização do Movimento do Espírito Santo. Este Movimento passou a fazer abaixo-assinados, realizar discussões na comissão Nacional e com as próprias crianças e adolescentes do Espírito Santo, com o objetivo de levar propostas e cobranças, no que diz respeito aos direitos das crianças e adolescentes para Brasília.

Foram feitas reuniões nacionais para discussão com diversos atores como cientistas políticos para discutir e pensar a realidade da rua e os trabalhos dos educadores. Nessas reuniões havia sempre um representante do MNMMR-ES. Dentre os atores

---

<sup>28</sup> Essa prática corriqueira inspirou a música de *Flávio Vezioni* do grupo Moxuara “Os meninos da Baía de Vitória” onde retrata toda a violência sofrida pelos meninos de rua de Vitória.

foram destacados principalmente Paulo Freire e Antonio Carlos Gomes da Costa, que realizaram diversos trabalhos com o MNMMR.

Neste momento, mais uma vez, os grupos de discussões locais foram priorizados e também os grupos de crianças e adolescentes. Eles buscaram estudar as legislações nacionais para pensar a legislação brasileira. Portanto, havia todo um pensamento que era embasado pelas experiências, mas também em estudos para se pensar o artigo da Constituição e posteriormente o ECRIAD.

De 12 a 14 de agosto de 1989 ocorreu o III Encontro Estadual de Meninos e Meninas de Rua do Espírito Santo, no Ginásio da Educação Física da UFES, organizado pela Comissão Estadual Só Criança, com os seguintes assessores: PT, CECOPES, CUT, APAAD, Arquidiocese de Vitória e FAMOPES. Neste encontro houve várias discussões, dentre elas sobre os direitos das crianças e adolescentes na Constituição.

Vale ressaltar, mais uma vez, a articulação do Movimento de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes do ES com os diversos movimentos sociais, com a própria Universidade Federal do Espírito Santo, com partidos políticos e também a força de denúncia política que este movimento demonstrou no estado, de um modo geral. Este enfoque de denúncia, de pressão para investigações contra os crimes cometidos contra crianças e adolescentes esteve presente em todo período estudado através dos encontros e passeatas, atos públicos, abaixo-assinados, em publicações de notas nos jornais do estado, cartas, etc.

No início dos anos 1970 a maioria dos movimentos sociais se colocava de costas para o Estado. Scherer-Warren (1984) demonstra, por exemplo, que os chamados Novos Movimentos Sociais contribuíram para o que consideram um “divórcio” entre sociedade civil e Estado e partidos políticos. O MNMMR iniciado em 1980, mesmo tendo conexão com os “chamados Novos Movimentos Sociais”, buscou a articulação com alguns partidos políticos, principalmente o PT, desde a sua gênese.

Houve intensa mobilização do MNMMR em 1989 quando meninos e meninas de rua fazem movimentação na Praça Costa Pereira, em Vitória, com cartazes e insatisfeitos pela não garantia do Conselho Estadual do Bem Estar do Menor na



Constituição Estadual. Em um dos cartazes entregue ao deputado Hugo Borges da Assembléia Legislativa estava escrito:

Senhores deputados, onde estão nossos direitos na Constituição Estadual? Espancamentos, assassinatos, repressão, isso não. Queremos liberdade, direito de viver, trabalhar, estudar, brincar, moradia. Nada disso está sendo respeitado. Educai as crianças de hoje e não será preciso castigar os homens de amanhã. O problema do menor é o maior (A Gazeta, 15/08/1989 apud XAVIER, 2005)).

Percebe-se, portanto, um grande incentivo à participação das crianças e adolescentes em protestos, passeatas e atos públicos no Espírito Santo e em diversos estados, entre eles Brasília.

Em relação ao ECRIAD<sup>29</sup>, pode-se dizer, assim como no período da Constituinte, que houve uma grande mobilização e articulação local/nacional do movimento no Espírito Santo. Assim, logo após a aprovação do artigo que diz respeito aos direitos das crianças e adolescentes na constituição de 1988, o próximo passo era o Estatuto. Dessa forma, no dia 25 de setembro de 1989 embarcaram 27 meninos(as) do estado, sendo 11 de Vitória, para Brasília para participarem do II Encontro Nacional de Meninos(as) de rua (O Globo, 26/09/1989).

Em 1989, portanto, ocorreu o II Encontro Nacional de Meninos e Meninas de Rua em Brasília, quando meninos e meninas de todos os estados promoveram uma votação simbólica do Estatuto. Esse processo levou a opinião pública a pressionar o governo a reconhecer as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos e a aprovar o Estatuto (MNMRR-PE, 2002). Neste encontro 500 meninos aproximadamente tomaram o plenário e fizeram diversas perguntas a Covas como, por exemplo, essas publicadas no dia 28/09/1989 no “Correio Braziliense”:

Quem você acha que é bandido? A policia ou o ladrão? Por que os policiais obrigam a gente a roubar, para dividir o lucro ao meio e se a gente não roubar, apanha até morrer? Você gosta de criança ou só quer voto? É verdade que o Fernando Collor vai construir uma Papudinha (Papuda é a penitenciária de Brasília) para as crianças carentes, que só vão sair de lá quando fizer 18 anos? (Correio Braziliense, 28/09/1989 apud XAVIER).

---

<sup>29</sup> O ECRIAD foi resultado de um levantamento de leis sobre direitos das crianças e adolescentes realizado pelo deputado Néelson Aguiar (PDT-ES), na época em que presidia a FUNABEM aqui no estado (O Globo, 29/09/1989).

Covas faz um discurso e diz que “a violência é irmã gêmea da injustiça” e os meninos aos gritos dizem “Isso a gente já sabe. Não queremos só conversa. Queremos ação!” (Correio Braziliense, 28/09/1989).

Figura 6: II Encontro Nacional de Meninos e Meninas de Rua em Brasília, destacando a participação de Covas.



*Covas participou do encontro e ficou atônito com as crianças*

Fonte: jornal Correio Brasiliense, de 28 de setembro de 1989

As crianças e adolescentes tiveram sua maior participação no momento em que fizeram a votação simbólica do Estatuto, quando fizeram várias denúncias: “Gostaríamos que os senhores tivessem consciência de que menino de rua não é marginal. É marginalizado. Nós não queremos mais ser violentados, espancados, viver sem proteção ou atendimento médico” (Edvaldo Marinho 15 anos, Paraíba) (O Globo, 29/09/1989).

As crianças e adolescentes tomaram a plenária e por meio de microfones falaram para todos os deputados que ali se encontravam quais os direitos que reivindicavam, além de fazerem denúncias e perguntas.

Figura 7: Crianças e adolescentes de rua em passeata pelo Eixo Monumental, depois de terem ocupado o plenário da Câmara durante uma hora



Fonte: jornal O Globo, de 29 de setembro de 1989

“Eles gritam como eu não sabia gritar, se organizam como a gente não sabia fazer” (Dadá Maravilha, 43 anos, ex menino de rua) (O Globo, 29/09/1989). E gritavam ainda: “Menino na rua. Governo a culpa é sua” (O Globo, 29/09/1989).

Então os meninos sentaram nas cadeiras dos deputados e os deputados ficaram assistindo e um menino com um pedaço de asfalto escreveu a palavra vida com letras retilíneas e disse para ele: “o que nós queremos que seja garantido nessa lei que vocês vão fazer para nós é isso: é vida” (ENTREVISTADO Nº02, apud XAVIER, 2005)

Figura 8: retratação de um momento em que o MNMMR tomou as ruas de Brasília



Fonte: jornal O Globo, de 29 de setembro de 1989

Essas ações do MNMMR levaram à explosão de matérias em jornais com os seguintes títulos: “Mais de mil meninos de rua de todo o país tomam os assentos dos deputados, na Câmara, em Brasília, e aprovam simbolicamente o Estatuto da Criança”; “Meninos de rua discursam no congresso”; “Meninos-deputado ‘ganham’ a Câmara” (O Globo, 29/09/1989, apud XAVIER, 2005); “Meninos de rua discursam no Congresso” (Jornal de Brasília, 29/09/1989, apud XAVIER, 2005).

Essas matérias traziam também informações acerca de mudanças trazidas pelo Estatuto, como por exemplo, as anunciadas pelo deputado Nelson Aguiar (PDT-ES), autor do projeto de Lei 1506, que dispunha sobre o Estatuto. Se antes o julgamento da criança dependia, exclusivamente, do entendimento do juiz, com o Estatuto essa decisão deveria ser tomada com base em uma legislação (O Globo, 29/09/1989 apud XAVIER,2005).

Esse processo demonstrou a total importância que o Movimento de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente teve para a na aprovação do artigo 227 da Constituição Federal de 1988 e do ECRIDAD. As próprias reportagens trazem entrevistas de militantes que denunciavam a violência policial e as violências perpetradas e ocorridas nos estabelecimentos de atendimento a crianças e adolescentes.

Como diria Sader (1998), esses atores identificaram interesses que levaram à constituição de sujeitos coletivos que elaboraram uma identidade e se organizaram em um movimento cujos membros pretendiam defender determinados interesses, constituindo-se nas lutas em prol dos direitos das crianças e adolescentes. Articularam objetivos práticos que deram sentido à existência do grupo em questão. Isso dependeu também das experiências vividas de alguns atores nos estabelecimentos de atendimento como a IESBEM e CRT e também daqueles que tiveram contato com a realidade dos meninos e meninas na rua por uma questão religiosa.

Pode-se dizer que fizeram um “*detour*”<sup>30</sup>, ou seja, começam a questionar aquela realidade que mostrava crianças e adolescentes como “menores” ou como “adultos

---

<sup>30</sup> A palavra “*detour*” é utilizada por Kosic (1995) em seu livro *Dialética do Concreto*. É através do “*Detour*” ou desvio que o homem capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade. Como a realidade

em miniaturas” que deveriam ser internados em estabelecimentos para serem corrigidos. Organizam grupos de estudos, buscam em teorias como a de Marx e Paulo Freire as respostas para aquelas questões. Percebem que as crianças e adolescentes de rua não eram uma situação isolada, mas existia toda uma conjuntura política, econômica e social que envolvia aquela problemática, uma realidade de excluídos, de dominação e de (re)produção de meninos e meninas de rua. A partir desses questionamentos buscaram mudanças através da militância, ou seja, por meio de uma luta articulada local/nacionalmente por direitos humanos, que culminou na inclusão do artigo 227 na constituição de 1988 e posteriormente a aprovação do Estatuto da Criança e do adolescente.

Se, de um lado, como afirmara Sader (1988), a Igreja, a esquerda e o sindicalismo abriram espaço para novas elaborações e influenciaram a população, oportunizando recriações de suas práticas, no Movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes essa influencia ocorreu, realmente, a partir das Comunidades Eclesiais de Base, através de uma nova integração com os trabalhadores e com o novo sindicalismo. Estes atores, principalmente os sindicatos, a CUT, as CEBS e outras organizações participaram ativamente no movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes no Espírito Santo.

De outro lado, pode-se considerar que esse movimento, assim como afirmou Doimo (1995), referia-se a um movimento reivindicativo diante de um Estado de mal estar, de um Estado autoritário inaugurado pela Ditadura Militar brasileira. Isso porque se vivia num momento de repulsa ao autoritarismo, da Ditadura militar, que demonstrava esgotamento de suas bases, fazendo emergir movimentos de luta em prol da democratização do país.

Diante desse processo, pôde-se perceber também, como afirmara Doimo (1995), a influência da força paradigmática dos códigos ético-políticos da Igreja católica. Neste sentido, no movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes, pode-se verificar através das práticas e das falas dos militantes a defesa da “autonomia”, “independência”, “democracia de base” etc. Esses códigos difundiram-se pela sociedade, através das trocas de experiências e das práticas

de educação popular, inclusive entre os atores da área de criança e adolescentes.

Também, não se pode desconsiderar que o movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes organizou-se, muitas vezes, através do que Scherer (1993) chamou de redes, comunicando-se e fazendo intercâmbio de experiências, além de articularem-se localmente, nacionalmente e até internacionalmente, através de denúncias como forma de somarem forças para combater os crimes, violações dos direitos das crianças e adolescentes.

Pode-se dizer, de um modo geral, que o movimento de defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes emergiu no final dos anos 1980 através de um misto de atores. Ou seja, da iniciativa de atores ligados a igreja, de técnicos que atuavam nas políticas do Estado de atendimento a crianças e adolescentes, de atores da sociedade de um modo geral. Em outras palavras, através de críticas às políticas do Estado, alguns técnicos do próprio Estado e atores da sociedade, da igreja, etc entraram num debate, obtendo consenso de que, diante da nova conjuntura do esgotamento do Código de Menores e das Políticas repressivas de atendimento a essas crianças e adolescentes, levou-se, a partir de um emaranhado de acontecimentos, à organização de um movimento que conseguiu um feito considerado único: a aprovação de uma legislação que reconheceu todas as crianças e adolescentes, independente de classe, gênero e raça, como sujeitos de direitos e garantido a todos uma política de proteção integral previsto em legislação nacional. Mas este processo não foi um processo homogêneo, assim, no subtópico abaixo, buscar-se-á, justamente, discutir como se deu esse processo.

## **2.2 – O processo de aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente**

Silva (2005) demonstra como se deu o processo de aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, na medida em que busca clarificar aspectos que apontem

para continuidades e discontinuidades do ECRIAD em relação às legislações anteriores (Código de Menores)<sup>31</sup>.

Em 1979 comemorava-se o ano internacional da criança, fruto de uma mobilização mundial que exigia atenção especial aos direitos das crianças e adolescentes, ainda não contemplados no Código de Menores (representante dos ideais militares). Além dessa movimentação internacional, como já colocado anteriormente, problematizava-se em nível nacional sobre a ineficácia do Estado e de suas políticas em lidar com a questão social que se apresentava. Além disso, o regime militar estava em crise, o que pressionava para uma abertura política que, por sua vez, possibilitou aos movimentos sociais e atores políticos saírem da clandestinidade (SILVA, 2005).

Diante de todos esses fatores foi possível perceber confluências e integrações entre governo, sociedade e movimentos sociais, no que diz respeito ao reconhecimento de haver esgotado o Código de Menores. Tanto que a FUNABEM, SAS e UNICEF fizeram críticas abertas ao Código de Menores e passaram, elas mesmas, a estimular e financiar a implementação de experiências alternativas comunitárias de meninos e meninas de rua (SILVA, 2005).

Este aparente consenso não deixou passar despercebidas as divergentes forças políticas, as tensões e conflitos que marcaram as propostas enviadas para a constituinte, por exemplo, no momento de formulação da nova constituição brasileira, de 1988. Nessa conjuntura foi enviada uma proposta de iniciativa governamental, através do Ministério da Educação, e uma de caráter popular que expressava as propostas dos movimentos de defesa dos direitos da infância. Durante o decorrer desse processo, foi criado o Fórum Nacional Permanente de Entidades não Governamentais de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes (Fórum DCA) que desempenhou importante papel político (SILVA, 2005).

---

<sup>31</sup> A autora afirma que o ECRIAD “surge, no contexto neoliberal, como resposta ao esgotamento histórico, jurídico e social do Código de Menores, pois esta última legislação não correspondia mais ao projeto político-ideológico das novas “forças políticas que emergiam, pós-ditadura militar” (SILVA, 2005).

O processo de elaboração do anteprojeto de regulamentação dos artigos da Constituição, que tratava dos direitos da infância, também foi marcado por posições divergentes. Construiu-se uma proposta pelo Fórum DCA, outra pela coordenação de Curadorias do Menor de São Paulo, e uma terceira pelo governo, elaborada pela acessória Jurídica da FUNABEM. Essas três propostas foram sistematizadas pelo Fórum DCA, resultando no projeto de lei “Normas gerais de Proteção à Infância e à Juventude” que foi apresentado a câmara de deputados em 1989 pelo deputado Nelson Aguiar<sup>32</sup> (SILVA, 2005).

O grupo responsável pela sistematização da proposta, vinculado ao Fórum DCA, foi composto por representantes do movimento de defesa dos direitos da infância, consultores da UNICEF e assessores ligados às políticas, como SAS e FUNABEM.

Portanto, o Estatuto pode ser considerado constructo-síntese de diferentes interesses políticos, jurídicos e sociais, uma vez que agregou conteúdos e interesses divergentes. É na implementação desta lei que os confrontos de idéias se explicitaram mais intensamente, indicando que o Estatuto não foi produto de um movimento convergente e uniforme. Assim, “como qualquer outra lei, apresenta contradições, avanços e retrocessos. E nunca irá satisfazer a todos os interesses. É algo novo, vivo, em movimento – sempre sujeito às pressões para constantes reformulações, em todos os tempos” (RIZZINI, 2000 apud Silva, 2005, p.89).

Destarte, o ECRIAD sintetiza processos com múltiplas determinações, sendo uma construção histórica fruto de lutas e embates políticos e não uma dádiva do Estado. Deu-se em um movimento de abertura política, sendo produto da conjuntura social, política, econômica e cultural de seu tempo. Produziu-se mediante vários acontecimentos sociais e históricos, em um contexto em que os movimentos de defesa dos direitos das crianças e adolescentes almejavam uma justiça distributiva que favorecesse socialmente os desiguais (SILVA, 2005).

---

<sup>32</sup> As forças políticas que mais se destacaram neste momento foi a FUNABEM, o Fórum Nacional dos Dirigentes de Políticas Estaduais para a criança e o adolescente (FONACRIAD), o mundo jurídico, os movimentos de defesa dos direitos das crianças e adolescentes, incluindo o Fórum DCA, ONG’s, com destaque para o MNMMR (SILVA, 2005).



Deste modo, o paradigma de proteção integral que os movimentos sociais pensaram naquele contexto das lutas sociais defendia o protagonismo<sup>33</sup>, a liberdade e a emancipação das crianças e adolescentes. Estava ancorado em um projeto político social de transformação da sociedade, um projeto distributivista que se distanciava do de Estado mínimo, que tem como base o investimento em políticas compensatórias (SILVA, 2005).

Antônio C. Gomes da Costa (2003) considera que o Estatuto propôs uma mudança de conteúdo, método e gestão. De Conteúdo, pois insere conteúdos de direitos individuais como direito à vida, liberdade e dignidade e, também, direitos coletivos, tais como direitos econômicos, sociais e culturais. De Método, porque aponta numa direção de superação do assistencialismo, pois encara as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos. De Gestão, pois propõe a descentralização administrativa e a participação da população por meio de suas organizações representativas.

No que se refere à política de atendimento, o artigo 86 do Estatuto afirma que esta se fará através de um conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais, da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios e afirma que a implementação de políticas sociais básicas é dever do Estado e direito de todas as crianças e adolescentes. São exemplo de políticas sociais básicas as de Educação e Saúde; compreende também como política de atendimento as denominadas Políticas de Assistência Social. Estas são destinadas a um determinado grupo que se encontre em estado permanente ou temporário de privação econômica ou de outros fatores de vulnerabilidades, não sendo, portanto, de âmbito universal como as políticas sociais básicas; já as Políticas de Proteção Especial destina-se a um grupo que se encontra em circunstâncias especialmente

---

<sup>33</sup> Naquele período, segundo Silva (2005), a expressão sujeito histórico-político era bem presente principalmente dentro do MNMMR. No entanto, colocava-se como uma expressão polêmica, pois segundo a autora, "ao mesmo tempo em que se discursava sobre crianças e adolescentes como agentes políticos de seus direitos, eram os educadores e os militantes que assumiam essa condição, na medida em que denunciavam as arbitrariedades, as omissões das políticas governamentais, a irregular "situação irregular", os abusos, as torturas policiais, os maus tratos, a negligência e omissões da família, da sociedade e do Estado" (SILVA, 2005, p.127). A autora faz uma diferenciação entre protagonismo e sujeito histórico-político: o protagonismo emerge da relação da criança e do adolescente com os outros, com seu mundo, seu tempo, em termos de tomada de decisão e escolhas para realização de seu projeto de vida, já o sujeito histórico político estaria ligado à responsabilidade de se tomar decisões e atuar no enfrentamento político com o Estado na luta e defesa de seus direitos. Isso não quer dizer que crianças e adolescentes não possam tornar-se sujeitos histórico-políticos a partir de um trabalho de base, de formação política, o que era justamente a proposta dos núcleos de base do MNMMR.

difíceis, ou seja, quando está exposto a fatores que ameacem a sua integridade física e psicológica. Por exemplo, as crianças vítimas de abuso/exploração sexual, maus-tratos, trabalho infantil etc.; compreende também como política de atendimento aquelas que Costa nomina como “Políticas de Garantias”, voltadas para a defesa jurídico-social dos direitos individuais e coletivos, ou seja, crianças e adolescentes envolvidos em conflitos de natureza jurídica, abarcando Ministério Público, Defensorias públicas, Centro de Defesas etc.

Além disso, o Estatuto pauta-se sobremaneira nos princípios da Constituição de 1988. Por exemplo, prima pela descentralização político-administrativa e participação popular na gestão quando prevê a criação dos Conselhos municipais, estaduais e nacional dos direitos das crianças e adolescentes, órgãos estes deliberativos e controladores das ações, assegurando participação paritária da população por meio de organizações representativas (ECRIAD, 1990).

Portanto, o Estatuto da Criança e do Adolescente se coloca como uma lei altamente avançada, uma vez que afirma serem as crianças e adolescentes prioridade absoluta, além de estruturar um sistema de garantias de direitos e de uma política de atendimento necessariamente articulada e intersetorial. Porém, de outro lado, a partir dos anos 1990, passa-se a conviver, também, com propostas neoliberais de focalização das políticas sociais e de minimização do Estado (MANFROI, 2005). Assim, alguns discursos apresentam-se de forma avançada e caminham na direção da proteção integral, entretanto, outros discursos e práticas continuam ancorados nos fundamentos da DSI (SILVA, 2005).

Para Silva (2005) estar em situação irregular significava estar impossibilitado de ingressar no mundo do trabalho e adquirir comportamentos pautados na civilização burguesa. A partir deste conceito é o caso de se pensar se a DSI ainda prevalece nos dias atuais, pós-estatuto. Isso será retomado a partir de alguns dados acerca das violações dos direitos das crianças e adolescentes pobres no ES apresentados num próximo tópico.

Evidencia-se, a partir disso, o descompasso entre a concepção e a aplicação do Estatuto, pois mesmo o ECRIAD sendo destinado a todas as crianças e

adolescentes, indiferente de sua condição social, as intervenções são voltadas para os adolescentes pobres e infratores, revitalizando a criminalização da pobreza.

Dentro dessa lógica, um dos sujeitos que foi entrevistado no processo de pesquisa afirma:

Meu filho é doente, o filho do outro é bandido; o meu é adolescente, o filho do outro é menor; o meu é homossexual, o filho do outro é bicha louca; o meu fica doente, o do outro é drogado. Então, os pais de classe média vêm do lado dizendo que 'meu filho é criança, ele estuda', mas com os filhos dos outros, sobretudo os pobres, é diferente. A própria exposição de um menino de classe média alta é diferente, são colocadas somente as iniciais, não coloca o nome, mas se for de classe pobre, põe o nome todo, o policial levanta a cara dele para ser fotografada pelos jornalistas (ENTREVISTADO Nº5)

Não bastasse isso, as políticas que recebem investimento, tanto do Estado, quanto das iniciativas privadas, são aquelas de Proteção Especial, ou seja, quando as crianças e adolescentes se encontram em situações precárias, já tiveram vários de seus direitos violados e já se encontram em condições de vítimas de abuso/exploração sexual, maus-tratos, ameaça de homicídio, trabalho infantil etc.

Portanto, as crianças e adolescentes tornam-se merecedoras do olhar do Estado e de políticas sociais quando já estão em situação de total violação de direitos, quando já sofreram omissão do Estado, da família, da sociedade, sofreram consequências da precarização das relações de trabalho e das políticas públicas. Somando-se a esses fatores, existe o fato de que a maioria são políticas de governo e não políticas de Estado, correndo o risco de, a cada período eleitoral, desfazer-se do Projeto ou Programa de atendimento.

Esse pensamento é confirmado pelos dados trabalhados por Manfroi (2005) que demonstram, por exemplo, que no governo de FHC os programas voltados ao público infanto-juvenil se apresentaram segmentados, seletivos, descontínuos

centralizadores do planejamento em nível nacional<sup>34</sup>. O Governo posterior, de Lula, manteve programas semelhantes ao governo anterior<sup>35</sup>

Deste modo, no que concerne às políticas sociais de crianças e adolescentes, não houve nenhuma alteração significativa nestes dois governos. Ambos mantiveram suas ações dentro da perspectiva socorrista (MANFROI, 2005).

Com isso, fica evidente que, se houvesse um investimento nas Políticas Básicas e nas Políticas de Assistência, talvez as crianças e adolescentes não necessitassem das políticas de proteção especial, nem daquelas de garantias, quando o adolescente entra em conflito com a lei. Diante disso, conclui-se que

a rica proposta gestada na elaboração do Estatuto da Criança e Adolescente ainda não tem tido espaço para se tornar parâmetro das políticas sociais [...]. O estatuto previu um sistema de garantias funcionando em rede, funcionando de forma articulada, mas o sucateamento das instituições não tem propiciado que a criança seja, de fato, sujeito de direitos. Falha-se na Doutrina de Proteção Integral, à medida em que não são [suficientemente] articuladas as políticas sociais básicas [...] com as políticas de assistência social e as políticas de proteção especial. As ações continuam sendo isoladas, trabalhando com segmentos, os mais excluídos da população, enfatizando uma violação de direitos (como o trabalho infantil, a violência sexual, o conflito com a lei) sem aprofundar as causas estruturais e a interdependência entre todos os tipos de violação de direitos [MANFROI, 2005, pg 27].

Todo esse processo de parcos investimentos do Estado nas Políticas Sociais e focalização das mesmas apresentaram-se dentro do cenário político brasileiro dos anos 1990. Período quando se tinha, de um lado, a conquista de vários direitos, a partir da constituição de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente, e, por outro, vivia-se o processo de aprofundamento das relações neoliberais iniciado por Fernando Collor de Melo. Neste sentido, no capítulo 02 tentar-se-á apresentar um pouco acerca dessa conjuntura, entendendo os movimentos sociais dentro desse contexto, além de apontar as principais

---

<sup>34</sup> Os programas voltados para a criança e adolescente no período foram: “Toda Criança na Escola”; “Programa Atenção à Criança”; “Programa de Erradicação do Trabalho Infantil”; “Programa Brasil Jovem”; “Programa de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes”; “Programa de Reinserção Social do adolescente em Conflito com a Lei”; “Programa de Defesa dos Direitos da Criança e Adolescente (MANFROI, 2005).

<sup>35</sup> Os Programas estruturados no período em que foi elaborado o artigo da autora foram os seguintes: “Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano”; “PETI”; “Programa de Combate ao Abuso Sexual e à Exploração sexual de Crianças e Adolescentes (Sentinela)”; “Bolsa Família”; “Programa de Atenção Integral à Família”; “Atenção à Criança de 0 a 6 anos” (MANFROI, 2005).

violações dos direitos das crianças e adolescentes neste contexto e as políticas de enfrentamento no Espírito Santo.

### **3 – CAPÍTULO II: OS MOVIMENTOS SOCIAIS NOS ANOS 1990; AS VIOLAÇÕES DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ESPÍRITO SANTO E AS POLÍTICAS DE ENFRENTAMENTO**

#### **3.1 – Os movimentos sociais diante da nova conjuntura dos anos 1990**

Todo esse processo de parcos investimentos do Estado nas Políticas Sociais e focalização das mesmas apresentaram-se dentro do cenário político brasileiro dos anos 1990. Período quando se tinha, de um lado, a conquista de vários direitos, a partir da constituição de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente, e, por outro, vivia-se o processo de aprofundamento das relações neoliberais iniciado por Fernando Collor de Melo.

Sucintamente, podem-se citar alguns legados deixados no período dessa gestão da política nacional: cortes de programas sociais, clientelismo, corrupção, veto ao projeto de criação da LOAS, falta de apoio do governo à descentralização das políticas públicas, ausência de acompanhamento e controle de execução de políticas públicas, centralização das decisões na esfera estatal, etc.(PEREIRA, 2000)

Posteriormente, o governo FHC deu novo impulso ao reformismo liberal do governo Collor. Mostrou logo de início que tinha abraçado o ideário neoliberal elegendo como principal meta a diminuição da participação do Estado nas atividades econômicas. Assim, o Estado cede lugar ao mercado e também não assume efetivamente o papel de promotor de direitos econômicos, sociais e culturais, reforçando a iniciativa privada (PEREIRA, 200).

Neste governo, a proposta era a de que o país deveria abrir-se ao capital estrangeiro e se integrar ao sistema econômico mundial. Esse governo conseguiu aprovar, no Congresso nacional, vários projetos de reforma da CF para impor a orientação de seu projeto, mostrando-se radicalmente neoliberal.

Priorizou-se a estabilização dos preços, com altos custos sociais (aumento da dívida pública, desaceleração do crescimento), fazendo o próprio governo tornar-se refém de previsões otimistas, do mercado financeiro mundial e das empresas

multinacionais sediadas no país<sup>36</sup>. FHC estreitou os laços com o FMI através de empréstimos e seguiu a risca seu receituário, ocasionando o desmonte de direitos sociais, o desmoronamento do patrimônio público através da privatização. Cabe mencionar o Programa Sociedade Solidária como estratégia de combate à pobreza na tentativa de reeditar o PCFMV (**Programa de Combate a Fome e à Miséria pela Vida**) que acabou por imitar as ações assistencialistas da LBA. Deteriorou quantitativamente e qualitativamente o sistema de proteção social construído desde os anos 1930 e criou programa de renda mínima de caráter condicional antevendo FHC a reeleição (PEREIRA, 2000)

Em seu segundo mandato, em consequência do primeiro, acontece o agravamento do desemprego e da pobreza e este período caracteriza-se pela inércia do governo em relação aos problemas econômicos e sociais do país. Adotou um salário mínimo que não acompanhou nem mesmo os níveis dos países do MERCOSUL. Apresentou um projeto de flexibilização das Leis Trabalhistas, mediante a qual direitos garantidos aos trabalhadores pela CF1988 seriam flexibilizados. O Brasil assistiu, portanto, a destruição de um legado de conquistas institucionais, econômicas e sociais construído entre os anos 1930 e 1980. Foi um governo anti-social que aderiu a ala mais fundamentalista do neoliberalismo e radicalizou na focalização dos gastos no campo das políticas sociais, violando direitos sociais adquiridos e deixando no abandono consideráveis parcelas da população que não se enquadraram nos parâmetros focalizados de pobreza definidos. Por força da LOAS o governo teve que tematizar a noção de mínimos sociais, mas foi incipiente e experimental (PEREIRA, 2000)

No que diz respeito aos movimentos sociais, a partir da década de 1990, muitos se institucionalizaram, outros se transformaram em ONG's, mudando a sua dinâmica interna e sua relação com o Estado e a sociedade. Como espaços de participação foram inaugurados os Conselhos a partir da Constituição Federal de 1988.

Portanto, a partir desse período, as formas de relações experimentadas pelos movimentos são diferentes daquelas experimentadas nos anos de 1970/1980. No que diz respeito ao movimento de defesa dos direitos das crianças e

---

<sup>36</sup> Para essas (com câmbio sobrevalorizado) ficou mais fácil importar que produzir internamente, o que causou uma desindustrialização do país e o aumento do desemprego e também a dificuldade das empresas nacionais em competição com os produtos importados.

adolescentes, este conseguiu um feito considerável: a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Juntamente com o ECRIAD e com a descentralização administrativa prevista tanto na Constituição como no Estatuto, inauguram-se os Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente. Segundo o ECRIAD, os Conselhos de Direitos são órgãos públicos, deliberativos, formuladores das políticas, controladores das ações e gestores do Fundo. São instâncias, de nível estadual, municipal e federal, em que a população participa, através de organizações representativas, da formulação e controle de políticas de atendimento dos direitos da criança e do adolescente. Em outras palavras, a formulação e controle de políticas da área de criança e adolescentes devem ter a participação obrigatória da população, através de suas entidades representativas.

Estes Conselhos configuraram os novos espaços de participação nos anos 1990. Os Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente se configuram no plano nacional com o CONANDA (Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente) e também no plano Estadual com o CRIAD e também Municipal. Soma-se a essa estrutura e em nível nacional o FNDCA (Fórum Nacional de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes), inaugurado antes mesmo do ECRIAD, e ONG's voltadas para a temática de crianças e adolescentes. Neste período foram criados, também, os Centros de Defesas em alguns estados, sendo criado aqui no ES, em 2003, o Centro de Defesa Jean Alves da Cunha (CEDEJAC). O FNDCA articula todos os Fóruns Estaduais de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes e Organizações não Governamentais de defesa dos direitos das crianças e adolescentes. Em nível estadual destaca-se o Fórum DCA (Fórum Estadual de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes).

Assim, aqueles chamados de “novos atores sociais” que emergiram na sociedade brasileira após 1970, nos anos 1990 atuam em novos espaços. Gohn identifica estes espaços como “ONGs cidadãos” que tiveram, inicialmente, o papel de assessoria aos movimentos sociais e, posteriormente, passaram a atuar na área social, substituindo, em muitos momentos, a ação do Estado (GOHN, 2002).

Tais ONG's, segundo Dagnino (2002), muitas vezes, funcionam como aparato instrumental do Estado (complementaridade instrumental) mantendo estreitos



vínculos com o paradigma neoliberal ao se desvincular da sociedade civil e atuarem na prestação de serviço do Estado.

Portanto, o cenário das lutas sociais dos anos 1990 no Brasil foi redefinido, uma vez que uma série de acontecimentos internos e externos influenciaram a mobilização e a participação cotidiana desses movimentos (GOHN, 2002).

Nos anos 1990 ocorreu, também, o advento da reestruturação produtiva, que, através do processo de acumulação flexível baseado em experiências do toyotismo, contribuiu, de certa forma, para a manutenção das bases do neoliberalismo. Essa nova forma de gestão da força de trabalho penetrou o Brasil, mais precisamente na década de 1990, e prejudicou a organização social brasileira ao intensificar processos de cooptação dos sindicatos e prejudicar, sobremaneira, a capacidade de luta e organização dos movimentos sociais em prol de seus direitos (ANTUNES, 1995).

Assim, se antes dos anos 1990 as reivindicações geralmente eram por infraestrutura básica como transporte, saúde, educação, moradia, nos anos 1990 estas lutas são deslocadas para reivindicações relativas à sobrevivência física, para a garantia de um mínimo de mercadorias, para o consumo individual de alimento. Dessa forma, nos anos 1990 as políticas são formuladas para segmentos sociais privilegiando áreas temáticas de problemas e não os movimentos sociais e/ou atores organizados. Os sujeitos da ação transformaram-se na problemática da fome, do desemprego, da moradia, dos sem-teto (GOHN, 2002).

No decorrer dos anos 1980, com a transição democrática, os movimentos sociais passaram a ser os interlocutores privilegiados do Estado, pois este buscava democratizar-se. Já nos anos 1990 o Estado não precisa mais dos movimentos para se legitimar enquanto democrático ou não repressor. Assim, as ações deixam de se estruturar como movimentos sociais e passam a ser articuladas em grupos com certo grau de institucionalidade. Devem ter projetos, propostas de soluções, planos e estratégias e o poder público apresenta-se como o agente repassador de recursos (GOHN, 2006).

Os movimentos sociais que permaneceram no cenário precisaram municiar-se de maior nível de informações e tornar-se mais qualificados. As reuniões, as assembléias, os atos públicos e o número de militantes foram substituídos para

ações mais estruturadas e nos anos 1990, por meio das ONGS, têm o próprio espaço (em alguns casos).

Os Conselhos, que foram uma demanda da maioria dos movimentos sociais da década de 1980, são absorvidos como estratégia política dos planos governamentais para viabilizar a questão da participação da população nos órgãos e políticas estatais. Os movimentos que participam desses espaços não olham para o Estado como um inimigo, como nos anos 1970/1980, mas como um interlocutor, um possível parceiro num campo político em que as demandas têm significados contraditórios. Para uns, são conquistas de direitos, para outros, é uma forma do Estado diminuir o conflito social. Nos anos 1990, importa menos a presença dos movimentos sociais enquanto organização e ganha destaque uma nova cultura política que se expressa nas câmaras de negociações entre patrões e empregados, sindicatos e governos etc.

Neste contexto surge também o debate do chamado “terceiro setor” que ignora e exclui o Estado, o mercado e a produção como arenas das mesmas lutas sociais que se processam na sociedade civil. Além disso, subtrai a visão da sociedade civil como espaço contraditório, considerando-a homogênea articuladas no mesmo interesse de promover o bem geral da população (MONTAÑO, 2005).

Identifica-se, como já apresentado por Gohn (2002), uma mudança na relação, existente anteriormente, entre movimento social e ONG. Estas passam a ocupar o lugar dos movimentos sociais, ou seja, de coadjuvante de movimento social, a ONG passa a ocupar o próprio lugar do movimento social (MONTAÑO, 2005).

Elas ganham espaço na mídia, maior respaldo e credibilidade social, devido a sua lógica gerencial que, neste contexto, dá-lhe um ar de maior eficiência. Nesse sentido, nos anos 1990 as Ongs crescem em quantidade e em número de membros, enquanto os movimentos sociais seguem o caminho inverso (MONTAÑO, 2005).

A relação que estas ONG's estabelecem com o Estado também é diferente nos anos 1990. Nos anos 1970/1980 essas ONG's se colocavam ao lado dos movimentos sociais, enquanto estratégia de enfrentamento do sistema e numa relação de conflito com o Estado. Nos anos 1990, de um modo geral, apresentam-se num processo de divórcio com os movimentos sociais e se relacionam com o Estado (e até com empresas em alguns casos) como parceiros. Essa relação, na maioria

das vezes, é dócil, despolitizada, despolitizadora e funcional ao projeto neoliberal (MONTAÑO, 2005).

No que diz respeito à relação movimento social/Estado, esta também se altera. Até os anos 1980 essa relação foi direta, com apoio das ONG's, nos anos 1990 essa relação é intermediada pelas ONG's, ou seja, ocorre o que se chama de "terceirização dos movimentos sociais" (MONTAÑO, 2005).

Todas essas mudanças trazem uma série de conseqüências, entre elas: a redução dos movimentos sociais no que diz respeito a número e impacto social; as ONG's assumem a representatividade das organizações sociais e as demandas populares, mas não se colocam numa relação de luta, de reivindicação, mas de pedido, de negociação e parceria, relegando, quase sempre, a segundo plano, a atividade do movimento social, que é, também, submetido a nova lógica da negociação; esse processo vai causar uma mudança no conteúdo das lutas sociais, tornando a relação com o capital e com Estado mais dócil, não conflitiva, além da despolitizar e esvaziar as organizações populares (MONTAÑO,2005).

Nesse sentido, as lutas desencadeadas na sociedade civil atuam em um sentido de substituir ou compensar o que o Estado abandona no contexto neoliberal, ao invés de se constituírem em lutas para preservar e ampliar as conquistas históricas dos trabalhadores (MONTAÑO, 2005).

Portanto, a sociedade brasileira se modificou a partir dos anos 1990, com transformações na vida urbana, na organização da produção e do consumo, apresentando formas distintas e complexas de sociabilidade. É uma sociedade classista, que gera interesses e demandas divergentes (TELLES,1992).No que diz respeito à crianças e adolescentes, também transcorreram mudanças, no que concerne a violações de seus direitos e às estratégias de enfrentamento dessas violações. Diante disso, nos subtópicos a seguir burcar-se-á apresentar as principais violações dos direitos das crianças e adolescentes após a aprovação do Estatuto e identificar as principais estratégias de enfrentamento existentes no estado contra essas violações, enumerando as políticas de atendimento existentes no estado. No capítulo 03 esses dados serão retomados no sentido de entender como os atores, defensores dos direitos das crianças e adolescentes, têm se colocado frente a essas violações.

### **3.2 - As principais violações dos direitos das crianças e adolescentes a partir dos anos 1990 no Espírito Santo**

Após a aprovação do ECRIAD, quando as crianças e adolescentes passaram a ser compreendidos enquanto sujeitos de direitos e deveres, protegidos pela Doutrina de Proteção Integral havendo grande expectativa de mudanças no imaginário social no que tange infância e adolescência, o que se demonstrou, no início dos anos 1990 no Brasil e Espírito Santo, foi a continuidade e, em alguns casos, aprofundamento, de um cenário social de perpetração de violações múltiplas e grave quadro de violências variadas contra a população infanto-juvenil.

A prática de tortura e assassinato de crianças e adolescentes continuou sendo uma prática e foi capa de jornal no início dos anos 1990 no Espírito Santo. Centenas de meninos e meninas de rua foram torturados, espancados ou até mesmo queimados, como é o caso dos meninos e meninas de 10, 11, 13 e 14 anos que foram incendiados na Praia de Camburi (A Tribuna, 14/11/1990 apud XAVIER, 2005), além de, na maioria das vezes, serem brutalmente assassinadas a tiros (XAVIER, 2005).

Ações repressivas, truculentas e ilegais de policiais em relação às crianças e adolescentes de rua ocorriam e eram retratadas na imprensa. Ao mesmo tempo, representantes do movimento de defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes utilizavam-se da mídia para denunciar esses acontecimentos e colocar suas críticas. Isso fica visível, por exemplo, no relato de jornais de grande circulação no estado supracitado: casos em que crianças e adolescentes foram atingidos por armas de fogo por furtarem relógios, assassinados por vigias ao tentarem entrar em lojas, agredidos ou assassinados por policiais bêbados em horário de folga da PM (XAVIER, 2005).

A partir de 1991, a mídia e os movimentos de defesa, de maneira mais incisiva e clara, denunciavam ou cogitam a existência e atuação de grupos de extermínios de crianças e adolescentes no Espírito Santo, uma vez que o número de assassinatos dessa parcela populacional, principalmente aqueles que viviam nas ruas, crescia a cada mês (XAVIER, 2005).

Desse modo, foi sendo verificada forte atuação de grupos de extermínio no estado. No Espírito Santo desenvolveram-se (ou se fizeram persistir), a partir da conjuntura

macropolítica de crise do regime da ditadura militar e processo de redemocratização do país, práticas justiceiras e autoritárias de certos grupos com participação de policiais, que muitas vezes formavam grupos de extermínio. Assim, durante as décadas de 1980 e meados da de 1990, multiplicaram-se execuções de pessoas consideradas criminosas ou que representavam potenciais riscos para a suposta ordem social, dentre as quais crianças e adolescentes pobres, principalmente meninos e meninas de rua (SCARABELLI, 2008)

Esta cultura de assassinato dos eleitos “inimigos da sociedade” preparou o solo para o surgimento da chamada *Scuderie Detetive Le Cocq*<sup>37</sup>. Em 18 anos de existência, a Scuderie Le Cocq é suspeita de ter envolvimento em 30 assassinatos políticos e ser responsável por quase 1500 homicídios (TOGNOLLI, 2006). Exterminar crianças, adolescentes e jovens era ação recorrente, a partir de ações paralelas aos canais formais de segurança pública que faziam policiais, membros da Scuderie, sequer gerarem boletins de ocorrência de casos que chegavam às delegacias, lançando mão de ações paralelas de execução sumária dos suspeitos (SCUDERIE s.d, apud SCARABELLI, 2008).

Ainda em relação a crianças e adolescentes, a ação desses grupos de extermínio por vezes invertia a lógica criminal quando expunham propositalmente os corpos das vítimas, freqüentemente entre 10 e 14 anos, nas principais vias de acesso da capital do estado, Vitória (CAVALCANTI, 2002) ou quando deixavam os corpos queimados na principal praia dessa cidade de meninos e meninas incendiados, conforme noticiado no jornal “A Tribuna” em 14.11.1990 (XAVIER, 2005). Entre 1991 e 1993, mais de 30 meninos e meninas de rua em Vitória foram mortos, situação que,

---

<sup>37</sup> Essa organização foi fundada em 1984 e foi formada inicialmente por policiais justiceiros, que agiam com o objetivo de “aperfeiçoar a moral e servir à coletividade”, justificativa do grupo para suas obscuras ações de extermínio que pretendiam “higienizar” o espaço urbano liquidando a pobreza de sua paisagem (SCARABELLI, 2008). Todavia, ainda na década de 1980, a organização começou a receber outros tipos de integrantes, que foram dando-lhe estrutura para subsidiar ações de redes de crime organizado, além da já conhecida perpetração de extermínio de supostos delinquentes. Passou a ser procurada por pessoas da alta sociedade capixaba e por representantes do jogo do bicho para serviços de pistolagem. Pouco tempo após sua formação, a Scuderie passa a ser ocupada por magistrados, promotores, juízes, advogados, políticos e membros dos governos estadual e municipais diversos (CAVALCANTI, 2002). “A estratégia era clara: ocupar os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. E funcionou. Pertencer a Scuderie naquela época era sinal de status e os associados costumavam andar com adesivos da organização nos vidros do carro” (CAVALCANTI, 2002).

quando investigada, revelou que os policiais suspeitos de os perpetrarem eram todos associados a Scuderie Detetive Le Cocq (SCUDERIE, s.d, apud SCARABELLI, 2008).

Essa cultura de extermínio e pistolagem alastrou-se durante as décadas de 1980 e 1990, para além do famigerado esquadrão da morte. Segundo Junior (2007), cresce nesse período ação justiceira e de grupos mistos de matadores (policiais e não policiais), “que vendem proteção a comerciantes ou que alugam seus serviços a outros interessados, chefes do narcotráfico” (JUNIOR, 2007, p. 22). Assim, ainda segundo o autor, esse tipo de ação estendeu-se para outros atores e camadas da sociedade que não só o policial, compreendendo vigilantismos diversos, por vezes contando com conivência ou aceitação dessa prática pela comunidade, aproximando a conduta criminosa do tráfico de drogas e a ação de grupos de extermínio (JUNIOR, 2007).

Ainda em 1991, foi publicada na mídia impressa a reportagem *“Exterminador revela como faz para matar menores de rua”*, potencializando as suspeitas já mais públicas dessa situação e a força das assertivas de movimentos sociais que agiam denunciando a existência de práticas de extermínio de crianças e adolescentes. Com isso ficou clara a existência de grupos de extermínios e a ligação da PM e dos comerciantes com a violência cometida contra os meninos e meninas de rua. Os grupos de extermínio eram contratados por comerciantes que se sentiam incomodados pelos(as) meninos(as) e esta contratação era feita por indicação de policiais militares que, algumas vezes, também, assassinavam por dinheiro.

Matar menor é a coisa mais fácil em Vitória. Eles são apanhados à noite, normalmente quando estão dormindo no Mercado da Vila Rubim. A gente chega e diz que é o juizado e assim os menores não se assustam e entram nos carros. O menor pensa que vai sofrer apenas um corretivo e só sabe de sua morte quando o carro pára no local da execução. Eles saltam do carro acreditando que vão tomar uma surra, mas recebem tiros na cabeça. (A Tribuna, 29/03/1991, apud XAVIER, 2005).

A vinculação dos policiais suspeitos de praticar crimes como este com a Scuderie Le Cocq levou o Ministério Público Federal do Espírito Santo a mover uma ação que resultou na extinção formal dessa sociedade em 1996, a partir dos resultados da inquirição realizada pela Comissão de Processos Administrativos Especiais, chefiada pelo delegado federal Francisco Badenes, criada pelo então governador do

estado, Albuíno Azeredo, com fins de justamente investigar tais assassinatos de crianças e adolescentes, principalmente os que viviam boa parte do tempo nas ruas (SCARABELLI, 2008). Segundo as próprias falas de Badenes,

“Quando você participa, como eu participei, de várias autópsias e você pode ver menores pré-púberes, de 11 anos, 12 anos, que foram assassinados covardemente com tiros na nuca né... esse tipo de coisa não é normal. E a gente não tem como dormir, né, porque se você é policial, você não vai ter tranqüilidade enquanto você não resolver esse caso. E o caso revolta ainda mais, ou seja, [nos] estimula ainda mais [a resolvê-lo] quando esses crimes estão sendo cometidos por criminosos travestidos de policiais” (SCUDERIE, apud SCARABELLI, 2008).

A ação do Movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes do Espírito Santo<sup>38</sup> foi importante à época para dar visibilidade a essa situação de abuso de poder, violência contra crianças e adolescentes por agentes do estado e práticas de execução por grupos de extermínio, denunciando violências sofridas, em diferentes instituições e canais de diálogo, inclusive na mídia, configuraram algumas de suas ações.

No dia 24 de março de 1991 foi noticiado pelo jornal A Gazeta (24/03/1991 apud XAVIER, 2005) a denúncia nacional do Comitê em Defesa da Democracia e Contra a Violência acerca do extermínio de crianças e adolescentes no estado. O Movimento de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes, mais uma vez, colocou-se presente, mostrando indignação coletiva e fazendo denúncias e cobranças a órgãos públicos. A coordenadora da Comissão da Pastoral do Menor denunciou o governo por meio dessa mídia impressa e reportagem supracitada ao dizer “Criança não vota. Criança quase sempre só recebe tratamento como tal quando é branca e bem alimentada. Se estiver nas ruas o tratamento é de pivete”. A fala de outro representante do movimento, Agnaldo Dias de Medeiros, também apareceu no jornal lembrando a luta em prol do ECRAD e do avanço que essa lei significou e que, no entanto, a sociedade não o aceitava.

No mesmo jornal o movimento também anunciou que organizariam um seminário que trataria sobre a questão da violência e do extermínio. Assim, os movimentos de defesa, frente a esta conjuntura violenta, se articularam para a organização de

---

<sup>38</sup> Neste momento falar em Movimento de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes significava falar numa gama de atores pertencentes a diferentes espaços. O MNMMR, por exemplo, era um movimento que contava com a participação de militantes da Igreja, das pastorais, sindicatos, a universidade Federal, etc

seminários, vigílias e fez várias denúncias. Em 10/04/1991 aconteceu uma vigília que precedeu à abertura do seminário sobre “Violência e Extermínio de Crianças e Adolescentes” na Assembléia Legislativa.

Figura 09: representantes de várias entidades e crianças e adolescentes pediram o fim da violência e do extermínio na abertura do Seminário sobre “Violência e Extermínio de Crianças e Adolescentes”.



Fonte: jornal A Tribuna, de 11 de abril de 1991

Os assuntos abordados no seminário foram: “cobrar soluções das autoridades públicas, divulgar os avanços sociais conquistados com o novo Estatuto e mobilização em defesa dos direitos da criança e do adolescente”. Neste mesmo seminário, o representante do MNMMR Volmer do Nascimento, cobrou a promessa do presidente Collor de colocar a polícia federal para investigar o extermínio de crianças e adolescentes e manifestou que era a favor da extinção das instituições de recuperação de “menores”. Participaram do seminário os juristas Felício Pontes Dias e o ex-deputado federal Nelson Aguiar (PDT-ES), promotores públicos como Caio Bessa Cyrino (Manaus) e Jeovah Miranda Ferreira (Vitória), e a deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ). Neste encontro, um representante do movimento ligado a Pastoral criticou a sociedade chamando-a de insensível no que diz respeito às crianças de rua que estavam sendo exterminadas (A GAZETA, 11/04/1991 apud XAVIER,2005).



Neste mesmo período o governo de Albuíno Azeredo declarou o combate ao crime organizado e meses depois, dia 12 de novembro de 1992, ocorreu o assassinato de Jean Alves da Cunha, então com 14 anos.

Jean Alves da Cunha era um adolescente que veio a se tornar participante das ações do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua de Vitória, no início da década de 1990. Rapidamente se destacou nas discussões políticas, denunciando violações sofridas, perpetradas por policiais contra adolescentes, principalmente no que se refere a práticas de tortura.

O contexto político local era o de recorrentes denúncias do MNMMR e Pastoral do Menor sobre o extermínio de crianças e adolescentes no Espírito Santo, que vinham ocorrendo frequentemente, com requintes de crueldade e exposição pública dos corpos das vítimas algumas vezes.

As falas de Jean insuflavam e comoviam o público ouvinte. Segundo uma militante do movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes, “ele se destacou durante as discussões, ele se destacou nas preces durante a celebração (olhos cheios de lágrimas e voz trêmula) e ele teve coragem de falar o nome do policial que os torturava” (ENTREVISTADO Nº02 apud XAVIER, 2005, p. 97). Assim, Jean foi escolhido como representante dos meninos e meninas de rua para o III Encontro Nacional do MNMMR, em Brasília. Em uma reunião preparatória, Jean gravou uma fita de vídeo e denunciou policiais por violência contra crianças e adolescentes e práticas de extermínio (A TRIBUNA, 13/11/1992 apud XAVIER, 2005).

Poucos meses após a intensificação do combate ao crime organizado e três dias depois de eleito para o III Encontro Nacional do MNMMR, Jean Alves da Cunha é assassinado. Não só pelas denúncias que realizava, como também para demonstrar uma resposta dos policiais corruptos ao governo quanto ao seu poderio. Um militante relata que “o Jean que foi um menino que teve toda uma trajetória de rua, mas ele tinha uma facilidade de buscar essa formação política e quando ele foi assassinado, por uma questão política [...] que na época a PM queria provar para o governo Albuíno o potencial que ela tinha” (ENTREVISTADO Nº03 apud XAVIER, 2005, p. 98).

O assassinato de Jean foi um marco para o Movimento de Defesa dos direitos das crianças e adolescentes do ES, gerando grande mobilização, que denunciou mais uma vez as violências sofridas por crianças e adolescentes, sendo Jean a vítima mais recente.

O impacto desse acontecimento transformou-se em força de luta à época contra essa violação. Em 2003 é criado no Espírito Santo o Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente 'Jean Alves da Cunha (CEDJAC)'.<sup>39</sup>

Assim, o movimento se articulou e denunciou a violência cometida contra Jean e outros adolescentes através de uma manifestação feita por meninos e meninas de rua no centro de Vitória. Essa manifestação culminou numa matéria na Tribuna com o título "Meninos de rua invadem a cidade".

Figura 10: Crianças e adolescentes fazendo passeata no Centro contra o assassinato de Jean Alves da Cunha. Estavam encapuzados para evitar represálias posteriores da polícia



Fonte  
: Jornal A Tribuna, novembro de 1991

<sup>39</sup> O CEDJAC veio a tornar-se a primeira entidade gestora do PPCAAM/ES (Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçadas de Morte do ES), do ano de 2003 até meados de 2005, quando sua gerência passou para a entidade Centro de Apoio aos Direitos Humanos 'Valdício B. Dos Santos (LEO)', à frente da execução desse programa até os dias atuais.

Os adolescentes foram até o Palácio Anchieta onde foram barrados pela segurança.

Estavam com os rostos tapados com medo de represálias da polícia. O protesto começou na Costa Pereira e cantavam: “Menores abandonados. Alguém os abandonou. Pequenos e mal amados. O sistema não os adotou”. Fizeram o sepultamento simbólico de Jean no Palácio Anchieta, pois o corpo não havia sido liberado (A TRIBUNA, 17/11/1992, apud XAVIER, 2005).

Figura 11: Mais de cem pessoas participaram da manifestação contra a morte de Jean com faixas e vários dizeres.



Fonte: jornal A Tribuna, de 17 de novembro de 1991

Em 1992 ocorreu o III Encontro Nacional de Meninos e Meninas de Rua com o tema “O Estatuto tá aí, só falta cumprir”, quando se tentou alertar a sociedade sobre os direitos das crianças e adolescentes e também fortalecer a organização do Movimento (MNMMR-PE, 2002). Neste encontro foi lembrado o assassinato de Jean e de tantos outros meninos de rua<sup>40</sup> (A GAZETA, 20/11/1992 apud XAVIER, 2005).

Neste sentido, o cenário das ruas de Vitória, durante o período de 1980-1992, demonstrou ser, além de um espaço de liberdade e de lazer, local onde ocorriam situações de extrema violência, que se sobressaíam muitas vezes às estratégias de sobrevivência encontradas pelos meninos e meninas de rua. Isso ficou comprovado com o assassinato de centenas de meninos e meninas de rua e através de seus nomes e rostos ensangüentados estampados nas primeiras páginas dos jornais de grande circulação da Grande Vitória. Ainda assim, eram desqualificados pela representação que havia no imaginário social em relação a “menores”, não sendo, assim, considerados tão dignos ou portadores de direitos como aqueles reconhecidos como crianças e adolescentes.

Não obstante tenha havido um sensível impacto, pela extinção formal da *Scuderie Le Cocq*, nas ações de grupos de extermínio, principalmente por se utilizarem do amparo dessa associação criminosa e da sua proteção para garantir certa impunidade, ainda hoje se faz presente no Espírito Santo cultura de execução e pistolagem dos considerados “delinqüentes”, com ação mais ou menos forte a depender de certas regiões geográficas e cidades do estado, com graves suspeitas de participação de policiais. Os jornais televisivos e impressos continuam a veicular, por vezes, assassinatos brutais de adolescentes e crianças com requintes de crueldade e/ou características de execução, sem motivo aparente, nem sempre se fazendo palatável a explicação mais comum de que as vítimas teriam reagido perigosamente a uma abordagem policial ou estariam envolvidas com tráfico de drogas, sendo tal grupo responsável pela morte (SCARABELLI, 2008).

Mesmo assim, parece ter se reduzido bastante, nos meios de comunicação e nas hipóteses investigativas, suspeitas de ocorrerem execuções sumárias por ação

---

<sup>40</sup> Luizane Guedes ao trabalhar sua dissertação de mestrado sobre falas de meninos e meninas de rua de Vitória em 1999/2000 esbarra no assassinato de crianças e adolescentes e com o crime organizado. Deparou-se com notícias de ter havido assassinato, a cada dia, daqueles meninos e meninas que lhe fizeram depoimentos e lhe contaram histórias.

policial criminosa ou atuação de grupos de extermínio, malgrado, como colocado, nem sempre as outras explicações serem suficientemente satisfatórias. A associação de assassinatos à atuação do (ou no) tráfico de drogas, embora seja uma realidade muito presente, pode gerar acobertamento da ação de outros grupos criminosos por um processo de naturalização dessa explicação possível (SCARABELLI, 2008).

Ou a vítima comumente aparece associada aos trabalhos do tráfico, supostamente reagindo de forma perigosa à ação policial, fazendo-se necessário uso de força letal, ou ela comparece como alguém que “mexeu com que não devia” ou quebrou regras do grupo, culminando em assassinato. Essas situações acontecem e são recorrentes. Porém, suscitar facilmente tais alegações, com digestão muito imediata e naturalizada por quem as recebe, pode criar condições de invisibilidade facilitadoras de iniciativas criminosas outras, como de grupos de extermínio e ação ilegal de policiais, pessoas que ainda detêm conhecimento suficiente para construir cenas de crime e versões para os fatos. Alternativa ainda bastante possível é a vinculação de policiais, comerciantes, segurança privado etc. com o tráfico de drogas local, de maneira que, a seu mando, crianças e adolescentes podem ser mortos pelas mãos de outrem. Como declara Scarabelli (2008), verdadeiras cortinas de fumaça.

No que se refere à pulverização e alastramento, nas duas últimas décadas, de gangues e grupos envolvidos com o tráfico de drogas, sua ação indubitavelmente representa, atualmente, riscos elevados à vida daqueles que de alguma maneira envolvem-se com sua rede de atuação. Cotidiana e freqüentemente os jornais de grande circulação no estado noticiam execuções, assassinatos de pessoas que deviam dinheiro por compra de drogas com esses grupos, por terem quebrado alguma das rígidas regras produzidas por essas redes ou como vítima do conflito entre grupos e gangues rivais, muitas vezes relacionado à luta por conquista de bocas de fumo ou de mercado consumidor de outro grupo (SCARABELLI, 2008).

Notícias recorrentes de jornais impressos e televisivos trazem dados importantes no que se refere à conjuntura do tráfico no Espírito Santo. Diferentemente das características das redes ilícitas atuantes no Rio de Janeiro, muito coesas por haver certo oligopólio de poucos grupos que gerenciam a venda de entorpecentes nesse estado, no Espírito Santo existe uma acentuada fragmentação do comércio de drogas entre inúmeros grupos e redes menores de tráfico, gerando muitas disputas e conflitos

entre grupos rivais, existentes por vezes em um mesmo bairro ou entre municípios vizinhos. A referida reportagem jornalística traz o dado de que, apenas na Grande Vitória, existiria cerca de 60 grupos diferentes atuando no comércio de drogas, com elevada rivalidade e violência entre eles. Longe de configurar-se como uma rede de "crime organizado" *em sua ponta*, portanto (SCARABELLI, 2008, p.3.).

Crianças e adolescentes são vítimas recorrentes da ação desses grupos e da guerra entre gangues rivais pelo controle do comércio de entorpecentes local e bocas de fumo, sendo noticiado sobre a morte dessa parcela populacional nas reportagens dos jornais da mídia impressa e televisiva do Espírito Santo (SCARABELLI, 2008).

Portanto, o estado do Espírito Santo constitui-se como um dos estados brasileiros onde a escalada nas taxas de homicídio de crianças, adolescentes e jovens atinge os patamares mais trágicos. O coeficiente de mortalidade por homicídio entre pessoas com 0 a 19 anos (/100 mil hab.) cresceu 766% entre 1980 e 2002, passando de 2.9 para 25,3 assassinatos por 100 mil habitantes (PERES; CARDIA; SANTOS, 2006). Ainda em 2002, a taxa de 103 assassinatos juvenis (15 a 24 anos) por 100 mil habitantes colocava o Espírito Santo como o segundo estado brasileiro com as maiores taxas no ranking nacional.

As periferias dos centros urbanos ou cidades mais populosas do estado são as regiões onde se encontram os maiores números de vítimas. 8 entre os 78 municípios capixabas aglutinam pouco mais da metade da população total do estado e conformam palco onde transcorreram 88% das mortes juvenis no ano de 2006 (589 dos 670 homicídios juvenis registrados no Espírito Santo), conforme Waiselfisz (2008). Ainda segundo esta fonte, o Espírito Santo possui 7 municípios representados entre os 100 brasileiros com as maiores taxas médias de homicídio juvenil, considerando o período entre 2002 e 2006: **Serra** (4º lugar), **Vitória** (9º colocação), **Cariacica** (12º), Linhares (15º), Pedro Canário (19º), **Viana** (21º) e **Vila Velha** (59º).

Os municípios destacados compõem a região metropolitana de Vitória, praticamente toda representada entre os 100 municípios com as maiores taxas de homicídio juvenil (apenas excetuou-se a cidade de Guarapari). O município da Serra, que ocupa a desonrosa quarta colocação entre as cidades do país, por exemplo,

apresenta uma taxa de homicídio da ordem de 200 ocorrências para cada 100 mil jovens residentes nessa cidade, verdadeira calamidade pública.

Em relação a crianças e adolescentes (0 a 19 anos), a Grande Vitória apresenta crescimento de 1746,3%, atingindo uma taxa de 39,4 mortes por 100 mil habitantes, considerada a maior dentre as capitais do país em 2002 (PERES; CARDIA; SANTOS, 2006). Quanto ao grupo de risco (meninos, com idade entre 15 e 19 anos), na Grande Vitória houve, entre 1980 e 2002, incremento de 3039,4% entre meninos vítimas de assassinato (indo de 2 ocorrências/ 100 mil hab. em 1980 para quase 70 no ano de 2002) e o maior aumento na ocorrência dessa fatalidade concentra-se na faixa etária de 15 a 19 anos (1506,6%, desconsiderando diferenças por sexo).

No que se refere a outras violações de direitos que acomete fortemente a população infanto-juvenil, no dia 27 de maio de 2003, como sugestão do Fórum Estadual de Enfrentamento a Violência Sexual Infanto Juvenil do Espírito Santo, foi criada a Comissão Parlamentar de Inquérito (S/D) através da Resolução nº.2.079/03, para apurar denúncias relacionadas a todas as formas de violência praticadas contra a criança e o adolescente no estado do Espírito Santo.

A CPI objetivou averiguar as mais significativas formas de violência contra crianças e adolescentes no estado. Durante o período de investigação abarcado pela CPI, constataram-se diversas violações dos direitos das crianças e adolescentes capixabas, incluindo entres esses: a violência sexual (cometida até mesmo por coordenadores de entidades de atendimento) e a exploração sexual (com destaque para algumas regiões do estado).

Em relação a essa realidade, A CPI analisou dados registrados pelos Conselhos Tutelares em seis cidades do estado. Identificou que no ano de 2003, apenas nessas cidades, foram registrados 151 casos; em 2004, 149 casos; e somente de janeiro a abril de 2005, 98 casos, totalizando 448 casos. Esse registro é um número bem próximo aos 394 casos que foram apresentados pelas delegacias consolidadas. Mas, estes 448 registros dos Conselhos Tutelares equivalem a quase metade do número registrado no SENTINELA (917 ocorrências).



Um dado importante apresentado pela CPI foi o fato de que 30% das agressões acontecerem na casa da vítima, percentual que deve ser bem maior, considerando-se que em 37% dos casos não foi levantada a informação do local da ocorrência no registro, o que aponta que a vítima é violentada no lugar onde, em tese, estaria mais segura.

Em 37% dos casos, a denúncia partiu da própria mãe da criança e quanto aos tipos penais foi apresentado um índice de 17% de estupro e 19% de atentados violentos ao pudor e 14% de exploração sexual.

Sobre o perfil das vítimas, a faixa etária que mais sofre violência é a de 11 a 16 anos correspondendo ao percentual de 56% dos casos registrados. A violência contra crianças de 6 a 10 anos de idade também apresentaram um alto índice onde o número registrado foi de 129 casos, isto é 28% das ocorrências. Foram registrados também 13% de casos de violência contra crianças de 0 a 5 anos, correspondente a 58 registros.

Quanto ao sexo das vítimas, tem-se 80% do sexo feminino e 19% do sexo masculino, evidenciando o quanto as agressões de caráter sexual têm corte de gênero, sendo que a maior vítima é a mulher, desde a sua infância. Sobre o perfil do agressor, 82% era do sexo masculino e apenas 6% do sexo feminino, reforçando o conceito de crime de gênero ligado ao abuso e exploração sexual.

A título de compreender o quão grave é a questão da violência sexual contra crianças e adolescentes, recorreu-se à pesquisa realizada da CPI, com vistas a apresentar as manchetes de diversas reportagens divulgadas pelo jornal A Tribuna, apenas durante o mês de maio de 2005:

Tabela 1: reportagens sobre violência e exploração sexual infanto-juvenil veiculadas por mídia impressa durante o mês de maio de 2005

<b>Data</b>	<b>Dia da semana</b>	<b>Manchete</b>
Dia 04	Quarta-Feira	Manchete: Crianças fazem programas.
Dia 11	Quarta-feira	Manchete: Professor suspeito de abuso dava presentes aos alunos.



Dia 12	Quinta-feira	Manchete: Professor acusado de abusar de crianças diz ser inocentes.
Dia 12	Quinta-feira	Manchete: Pais obrigam filhas a se prostituírem.
Dia 14	Sábado	Manchete: Pastor denunciado por abuso.
Dia 15	Domingo	Manchete: Soldado da PM acusado de pedofilia.
Dia 18	Quarta-feira	Manchete: Crianças do Estado são vendidas para o exterior.
Dia 19	Quinta-feira	Manchete: Mãe denuncia que a filha está grávida do próprio pai
Dia 20	Sexta-feira	Manchete: Menino de 8 anos é violentado.
Dia 25	Quarta-feira	Manchete: Estado tem 22 pontos de prostituição infantil.
Dia 30	Segunda-feira	Manchete: Estudante estuprada durante 40 minutos.

Fonte: Relatório CPI (S/D)

Como se pôde observar, em um mês foram noticiadas no jornal 11 manchetes relacionadas à violência sexual contra crianças e adolescentes, sendo essas cometidas pela família, por agentes do Estado, por possíveis protetores, etc. Cabe ressaltar que isso se coloca apenas como exemplo para entender o quão grave é a realidade de violência sexual no estado, pois esses são apenas os casos que saíram na mídia no citado período, e, sabe-se que existem muitos outros que nem chegam ao Conselho Tutelar, Sentinela, etc.

Durante os trabalhos realizados pela CPI chegaram diversas denúncias anônimas, dentre elas a que versava sobre a existência de uma rede de exploração sexual infanto-juvenil em Cachoeiro de Itapemirim, com envolvimento de empresários e políticos locais; a possível existência em São Mateus de maus-tratos, trabalho escravo, lesões corporais, tortura, cárcere privado e irregularidades das mais

variadas em relação ao funcionamento de uma entidade de atendimento a crianças e adolescentes; a informação de que um Senhor, morador da zona rural do município de Cachoeiro de Itapemirim, mantinha relações sexuais com sua filha, portadora de deficiência mental, com a conivência da mãe, que temia denunciar o marido, dentre outras.

Vale ressaltar que a partir de 2001 começou a se articular no Espírito Santo o Fórum Estadual de Enfrentamento a Violência Sexual Infanto-Juvenil que tinha como objetivo “contribuir para reverter o quadro de violência sexual contra crianças e adolescentes do estado do Espírito Santo a partir da formulação de ações conjuntas e articuladas, envolvendo os diversos atores e segmentos de promoção e defesa dos direitos da criança e adolescente” (DALBEM; KIEFER,2005,p.133) o que pode ter contribuído para o aumento de denúncias neste período.

No que diz respeito ao trabalho infantil verificou-se, a partir dos dados apontados pela CPI que muitos casos estão localizados em áreas rurais, com destaque na área urbana para o trabalho doméstico. Segundo os dados do IBGE (apud Relatório CPI), (Síntese dos indicadores sociais de 2004), existia no estado do Espírito Santo 109.788 crianças e adolescentes capixabas, na faixa etária de 5 a 17 anos inseridos no trabalho infantil distribuídos da seguinte forma: 33,8% empregados, contratados em empresas; 5,6% no trabalho doméstico e 35,5% em trabalhos não remunerados. Quanto à faixa etária em que começaram a trabalhar estas 109.788 crianças e adolescentes estavam assim distribuídos: até 09 anos 21,7%; de 10 a 13 anos 57,0%, de 14 a 15 anos 21,3%; de 16 a 17 anos 0%.

Outra questão averiguada pela CPI foi a degradação nas unidades de internação capixabas como a UNIS. Foram realizadas visitas a unidades de internação e relatado acerca das más acomodações das Unidades.

Quando os membros da CPI fizeram a visita em novembro de 2003 existiam 142 adolescentes acautelados do sexo masculino, sendo 78 na Unidade de Internação Provisória e 64 na Unidade de Integração Social. Encontravam-se ainda, 12 adolescentes na Unidade de Internação Feminina, totalizando 154 adolescentes em conflito com a lei. Junto à UNAED encontravam-se 56 abrigados portadores de deficiência mental.

As condições apontadas foram as mais desumanas possíveis. Citaram os alojamentos pequenos e úmidos, sem nenhum tipo de ventilação e abrigavam um grande número de adolescentes. O cheiro dos alojamentos, segundo o relatório, era de mofo, urina, fezes e os adolescentes ficavam em celas que possuíam duas camas para até sete internos. Além disso, não estavam separados por idade nem por ato infracional, conforme determina o ECRIAD (Relatório CPI, S/D)

Figura 12: dependências e condições infraestruturais da UNIS/UNIP



**Interior das celas do complexo UNIS/UNIP**



Figura 13: inadequação das condições da UNIS/UNIP



### **Diligência ao complexo UNIS/UNIP**



Fonte: Relatório da CPI

Foi detectada a demora no julgamento dos casos pelo Judiciário, a falta de opções após a saída da internação e a falta de atividades sócio-pedagógicas. Os funcionários eram poucos para o acompanhamento dos adolescentes. Havia plantões nos fins de semana, em que um monitor ficava responsável por até 150

adolescentes. A indicação recomendada é de um monitor para cada grupo de três adolescentes (Relatório CPI, S/D).

De acordo com o relatório existiam, em 2005, 236 internos nas UNIS (125) e UNIP (111). Em 10/04/2007 a Engenheira do IASES participou da reunião ordinária do CRIAD apresentando os projetos do IASES quando informou que haviam 412 adolescentes internados no IASES, sendo 220 na UNIS<sup>41</sup>.

Cabe ressaltar que anterior a investigação feita pela CPI os fatos referentes foram apresentados ao Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Serra, à relatora da ONU, Senhora Asma Jahangir e à Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal, em audiência na Assembléia Legislativa do ES e a Pastoral já havia colocado várias reivindicações por escrito ao Governador do Estado quando a questão das internações (Relatório CPI, S/D).

Diante de todas essas violações apresentadas, a partir do final dos anos 1990 e início dos anos 2000, iniciou-se no Espírito Santo a criação e implantação de programas e políticas voltadas para o atendimento a essas violações, assim como Conselhos de Direitos e Tutelares.

### **3.3 - As políticas de enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes capixabas**

De acordo com os dados apresentados pelo Fórum DCA no Encontro dos Fóruns DCA da região Sudeste em BH (2008), em todos os 78 municípios capixabas existem Conselhos de Direitos e Tutelares. No entanto, existe uma série de precariedades na estrutura desses conselhos que precisam ainda ser melhoradas para um melhor atendimento. Existem, também, algumas Comarcas, Varas Especializadas da Infância e da Juventude e atualmente enfrenta-se o desafio de instalação de uma Vara Especializada para julgamento dos crimes praticados contra crianças e adolescentes e ampliação das Delegacias Especializadas (Fórum DCA-ES, 2008).

---

<sup>41</sup> Nesta mesma reunião foi anunciado: **1)** Construção da Unidade de Atendimento ao Adolescente em Conflito com a Lei no norte do Espírito Santo - Linhares. **2)** Construção da Unidade Socioeducativa de Atendimento ao Adolescente em Conflito Com a Lei da Região Metropolitana da Grande Vitória-Serra. **3)** Reforma dos galpões do espaço educativo da Unidade de Internação Provisória -UNIP e da Unidade de Internação Socioeducativa- UNIS, para funcionamento da Escola e da Profissionalização. Seriam seguidos os princípios do SINASE

Alguns Fóruns sobre a infância e a juventude do ES nos últimos anos foram se (re)articulando, dentre os quais se destaca o Fórum DCA/ES, que articula as seguintes entidades: ACES, FEAPAES, CARITAS pastoral do Menor, CIEE, UBEE Marista, CESAM, Fundação Fé e Alegria do Brasil, MNMMR, CRESS, CRP e Faculdade Salesiana. Atualmente, este fórum apresenta como desafio o fortalecimento dos Fóruns já existentes e a rearticulação de outros cuja demanda é latente. Além disso, destaca-se, também, o Fórum Estadual de Enfrentamento a Violência Sexual Infanto Juvenil (FÓRUM DCA-ES, 2008).

Ao longo dos 18 anos do Estatuto é importante destacar algumas políticas que foram ou estão em vias de ser implementadas, embora permaneçam, ainda, dificuldades em atender à totalidade do público infanto-juvenil que necessita desses atendimentos.

Em 1999, é implementado, no Espírito Santo, o PETI<sup>42</sup>, coordenado pela SETADES. Este programa é desenvolvido em 77 municípios do estado (FÓRUM DCA-ES,2008). No ano de 2006, foi realizada uma pesquisa pelo Fórum Estadual de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Trabalhador Adolescente em que foi constatado que as principais formas de ocupação então existentes são na lavoura, como vendedores ambulantes, em serviços domésticos/babá e na coleta de material reciclável (FÓRUM DCA-ES,2008). Em 2007, foi realizada a Campanha Estadual de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil que visou potencializar as ações do PETI<sup>43</sup> no Estado.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) realizada em 2006 sobre a situação de ocupação de trabalho no Espírito Santo, foi constatado que na faixa etária de 5 a 13 anos, 3,5% dos pesquisados encontravam-se ocupados e 96,5 não ocupados. Em relação à faixa etária de 14 a 17 anos, 30,1%

---

<sup>42</sup> O trabalho infantil passou a ocupar a pauta federal a partir de 1996 quando foi iniciado o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI - com o objetivo principal de retirar crianças e adolescentes de 7 a 15 anos do trabalho perigoso, penoso, insalubre e degradante. O objetivo do Programa é alcançar todas as crianças e adolescentes utilizados como mão-de-obra, nas piores formas de trabalho (Fórum-DCA-ES,2008).

<sup>43</sup> Esta campanha teve como objetivo “mobilizar e sensibilizar a sociedade sobre os malefícios do trabalho infantil, contribuir na construção de seus direitos e potencializar as ações voltadas ao combate do trabalho infantil e proteção do trabalhador adolescente em nível estadual e municipal” (PMC,2007).

dos adolescentes estavam ocupados e 69,9% não se encontravam ocupados. Diante do panorama desta última faixa etária, deve-se considerar que o Estado do Espírito Santo ocupa, no Brasil, o 3º lugar na execução da Lei da Aprendizagem. Fazendo-se uma análise dos indicadores sociais do IBGE de 2004 a 2006, pode-se constatar um decréscimo acumulado de 34,79% em relação ao Trabalho Infantil. Entretanto, o PETI não consegue abarcar todas as interfaces desta expressão da questão social, uma vez que são necessárias ações em rede, articuladas com as diversas políticas setoriais que combatam de forma ampliada, respeitando as peculiaridades regionais, demandas locais e maiores incidências (PNDA apud FÓRUM DCA-ES, 2008).

Além disso, 29 municípios do estado, localizados ao norte, foram inclusos no Pacto do Semi-Árido, coordenado pelo UNICEF, que tem como objetivo a melhoria das condições de vida dessas regiões. Visa alcançar metas de saúde, educação e proteção para 13 milhões de crianças e adolescentes que vivem no semi-árido<sup>44</sup> (SITE DA PRESIDÊNCIA, 2008).

No que se refere a enfrentamento da violação de direitos e violência relacionados a abuso e exploração sexual infanto-juvenil, a partir de 2001 foi implantado em cinco municípios do Estado do Espírito Santo o Programa Sentinela<sup>45</sup>: Serra, Vila Velha, Guarapari, São Mateus e Ponto Belo. Concomitantemente, foi criado o Comitê Estadual de Enfrentamento à Violência e Exploração Sexual contra crianças e adolescentes (FÓRUM DCA-ES, 2008).

Atualmente o serviço Sentinela encontra-se implantado em 32 dos 78 municípios do Estado. De acordo com a Coordenação Estadual/(SETADES. Em 2007 foram sistematizados dados de 24 municípios, constatando-se 5.051 atendimentos realizados, sendo 2.457 crianças e adolescentes atendidos e 2.594 familiares acompanhados. Desse total, 63% foram casos de Abuso Sexual Intra-familiar, sendo 66% do sexo feminino e 44% do sexo masculino. Segundo a etnia, 50% são pardos.

---

<sup>44</sup> Pacto, criado em 2004, reúne medidas do governo federal, dos governos dos nove estados do Nordeste, de Minas Gerais e do Espírito Santo, organizações da sociedade civil e internacionais, além de empresas e população.

<sup>45</sup> A violência sexual contra crianças e adolescentes começou a ser questão pública e enfrentada como problema de cunho social somente na última década. Em 2000, foi criado pelo Governo Federal o Programa Sentinela, com o objetivo de prestar atendimento psicossocial e jurídico a crianças e adolescentes vítimas de violência física, sexual, psicológica ou ainda negligência, tal como a seus familiares (FÓRUM DCA-ES, 2008).

A faixa etária mais vulnerável está entre crianças e adolescentes de 07 a 14 anos de idade (FÓRUM DCA-ES, 2008).

Especula-se, entretanto, que os números da violência contra a criança e o adolescente no Estado podem ser ainda maiores, uma vez que são poucos os programas de enfrentamento nos municípios e principalmente por ainda haver omissão da família e da sociedade diante do tema em questão.

Visando garantir ações integradas de atendimento à criança e ao adolescente vítima de violência sexual, foi assinado em julho 2007 um protocolo interinstitucional entre as Secretarias de Estado, Ministério Público Estadual (MPE) e os Conselhos Estaduais da Criança e do Adolescente e da Assistência Social. Essa rede se propõe a oferecer assistência “bio-psico-social”, jurídica e de saúde, em especial às mulheres, às crianças e aos adolescentes, submetidos à violência sexual. A Defensoria Pública atuará na defesa dos envolvidos, concedendo-lhe assistência judiciária e orientação sobre seus direitos e o MPE na orientação jurídica e legal às instituições-membros da rede, por meio dos Centros de Apoio Operacional da Infância e Juventude e Criminal (MPES, 2008)

No Espírito Santo, como mecanismo de mobilização e articulação, estão sendo implantados os Fóruns Municipais de Enfrentamento à Violência Sexual contra crianças e adolescentes e realizadas campanhas de enfrentamento em nível estadual e municipal, tendo como referência o dia 18 de Maio – Dia Nacional de Luta contra Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (FÓRUM DCA-ES, 2008).

Em relação às altas taxas de homicídio no estado, foi criado a partir de 2003 o Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçadas de morte, em parceria com a sociedade civil. Inicialmente foi criada na região Sudeste, sendo no ES um dos estados pioneiros. Esta política atualmente se encontra em processo de expansão existindo hoje em 07 estados. A meta do governo é que seja implantado nos 11 estados brasileiros que detêm maiores índices de homicídio infanto-juvenil (SCARABELLI, 2008).

Entre julho de 2005 e dezembro de 2007, 192 casos foram encaminhados por Conselhos Tutelares, Juizados e Ministério Público, para entrevista de avaliação pelo PPCAAM-ES, resultando em 92 inclusões (SCARABELLI).



O objetivo desse programa é realizar um acompanhamento em curto, médio ou longo prazo do público usuário, contando com uma equipe interdisciplinar de psicólogos, assistentes sociais, advogados e educadores. Grosso modo, os trabalhos desenvolvidos objetivam reinserir o grupo familiar em comunidade suficientemente segura em relação ao risco original, integrando-o a rede de serviços e políticas e recursos da nova região de inserção (SCARABELLI, 2008).

Cerca de 70% dos casos encaminhados ao Programa têm a suposta ameaça de morte originada a partir de relações com o narcotráfico.

Em relação a todas essas modificações que ocorreram a partir dos anos 1990 na sociedade, cabe buscar entender como os defensores dos direitos das crianças e adolescentes se colocam frente a esse processo, inclusive diante destas violações e políticas de atendimento apresentadas acima. Que espaços ocupam, como se dá o processo de participação, onde estão inseridos, de quais estratégias se utilizam, etc.

## **4 – CAPITULO III: MOVIMENTOS DE DEFESA DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ESPIRITO SANTO NA ATUALIDADE: LIMITES E POSSIBILIDADES**

Percebe-se que existem sujeitos, ONGs, atores que atuam na defesa dos direitos das crianças e adolescentes no Espírito Santo, inseridos em espaços institucionais (estatais e não-estatais), como os conselhos municipais estadual de direitos, conselhos tutelares, nos fóruns e movimentos episódicos e espontâneos. Assim, buscar-se-á apresentar a sistematização dos dados coletados durante a pesquisa através das observações feitas de reuniões do CRIAD, do Fórum DCA, de eventos, das entrevistas realizadas com alguns atores, etc. e posteriormente serão tecidas algumas análises referentes a alguns pontos utilizando de algumas leituras bibliográficas e sempre que possível se recorrerá às falas dos sujeitos entrevistados.

### **4.1 – O que demonstra o conteúdo e sistematização dos dados**

#### *4.1.a - O Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente do ES*

Durante o período estudado, estava na presidência do CRIAD o MNMMR<sup>46</sup>.

À época da pesquisa (no período de 28/11/2006 a 18/09/ 2007) num total de sete reuniões ordinárias do CRIAD, participaram, excetuando a reunião específica para eleição do presidente no dia 20/06/2007, as seguintes instituições da sociedade civil: MNMMR (participou seis vezes), CRESS (participou cinco vezes), CRP (participou apenas uma vez), CMDCA Aracruz (participou duas vezes), ACES (participou quatro vezes), Pastoral da criança (participou duas vezes), CESAM (participou seis vezes); FEAPAES (participou quatro vezes), CIEE (participou cinco vezes) e Cáritas Arquidiocesana (participou três vezes). As instituições do Estado compreendiam a SETADES (participou cinco vezes), IASES (participou seis vezes), SEDU (participou quatro vezes), SEJUS (participou cinco vezes), SESA (participou três vezes), SESP

---

<sup>46</sup> A cada dois anos revezam-se na presidência do CRIAD representantes do Estado e da sociedade civil.

(participou duas vezes) e Juizado da Infância e da Juventude (participou apenas um vez).

Uma primeira leitura que se pode fazer a respeito das instituições que representam a sociedade civil no CRIAD é que 30% delas são de origem religiosa e 30% vinculadas ao empresariado local, 20% são Conselhos Profissionais, 10% Conselho Municipal de Direitos e 10% Movimento Popular.

O total de participações durante as sete reuniões observadas, entre os representantes da sociedade civil e do Estado, percebe-se que esta contabilizou trinta e oito participações de suas instituições, enquanto aquele contou com vinte e seis participações, por intermédio de suas instituições. Neste sentido, as entidades da sociedade civil compareceram às reuniões com maior assiduidade do que as instituições do Estado, o que não quer dizer que essa significativa presença tenha resultado em maiores poderes de influência e negociação neste espaço.

As entidades da sociedade civil que mais estiveram presentes nas reuniões, fazendo com mais freqüência intervenções nos assuntos que eram discutidos foram o MNMMR, CIEE, CESAM e CRESS.

Porém, dentre todos os componentes do CRIAD, quem deteve maior destaque nas reuniões foram algumas instituições do Estado, pelo fato de dominarem a maioria dos encaminhamentos referentes aos assuntos pautados na reunião daquele Conselho. Faziam intervenções, ponderando com significativa habilidade e propriedade acerca dos meandros burocráticos, demonstrando possuir saber técnico diante dos direcionamentos e encaminhamentos dos processos ali discutidos. Por isso, houve falas de participantes do Conselho que chegaram a dizer, durante as reuniões, que o Conselho era confundido com uma instituição do estado especificamente.

Uma instituição do Estado destacou-se bastante por pautar temas a serem discutidos no conselho, chamando atenção dos conselheiros sobre a importância deste órgão diante das temáticas e polêmicas que estavam acontecendo.

Segue abaixo uma fala de representante de uma Secretaria do Estado, que sintetiza e exemplifica uma série de outras colocadas nas reuniões por essa instituição:

O CRIAD precisa cobrar quais as políticas que estão sendo implementadas para os adolescentes em situação de risco no estado. O CRIAD precisa saber e não sabemos! Isso é papel do conselho. O que a secretaria de saúde tem feito de política, a secretaria de assistência, de educação?? etc. Precisamos ver a situação da Liberdade Assistida nos municípios. O Criad precisa trabalhar com os Conselhos Municipais de Direito da Criança e do Adolescente sobre a Liberdade Assistida, pois esta é uma agenda dos gestores municipais. Ver também junto às Secretarias o que foi executado para a criança e o adolescente e junto ao Plano Plurianual. Ver se o recurso planejado foi executado (REPRESENTANTE DO ESTADO Nº 1, 24/04/2008).

De um modo geral, pode-se dizer que no período de observações realizadas no CRIAD, poucas foram as falas que partiram da sociedade civil no sentido de problematizar e interferir nas discussões, produzindo pouco efeito naquele espaço. Em muitos momentos sentiam o órgão colegiado como fragilizado, como aponta a fala abaixo:

Se formos pensar, o conselho como um todo está fragilizado, todos os encaminhamentos não tiveram retorno. A gente começa e não tem continuidade. Isso fragiliza, desmobiliza, deixa a gente cansado, a gente não vê as coisas acontecerem e parece que não chegamos a lugar nenhum. Qual o nosso papel neste espaço? (REPRESENTANTE DA SOCIEDADE CIVIL Nº 01, 08/03/2007).

A dificuldade de encaminhar as questões e deliberações foi outro ponto muito discutido no Conselho. Os recorrentes e significativos atrasos de integrantes dificultavam sobremaneira o transcorrer das atividades inerentes ao Conselho. Como resultante dessas dificuldades, o próprio conselho, em reunião no dia 29/05/2007, reconheceu que os encaminhamentos do CRIAD estavam muito confusos, não eram executados e havia pouco controle dessa situação. No entanto, havia uma preocupação maior com as ações que envolviam a gestão de recursos do **Fundo** dos Direitos da Criança e do Adolescente<sup>47</sup>. Diante disso, consensualmente, construíram uma planilha das ações para que o controle da execução ou não dos encaminhamentos não ficassem apenas a cargo da presidência, mas de todos.

---

<sup>47</sup> O FIA – Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente – autorizado pela Lei federal 8.242/91 é um Fundo gerido pelos Conselhos de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Esses fundos existem nas instâncias federal, estadual e municipal e foram criados para captar recursos destinados ao atendimento de políticas, programas e ações voltadas para a proteção de crianças e adolescentes. A aplicação dos recursos do FIA é decidida pelo Conselho de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente

Assim, um representante da sociedade civil pontuou a seguinte fala: “o conselho deveria monitorar todas as ações e não apenas as que são financeiras” (REPRESENTANTE DA SOCIEDADE CIVIL Nº0 2, 29/05/2007).

No que concerne à planilha de ações, ou seja, onde deveria conter quais as deliberações foram tomadas e executar essas deliberações, esta não foi colocada em prática durante o período em que ocorreram as observações para a presente dissertação.

Essa demora em começar as reuniões propiciou, muitas vezes, a superficialização das discussões, esvaziou a participação e atropelou alguns encaminhamentos que eram deliberados de última hora.

Outra fala muito presente nas reuniões do Conselho, principalmente dita pela sociedade civil, foi a de que “precisamos nos capacitar”, “é preciso capacitar a sociedade civil”. Alguns movimentos foram feitos em relação a isso, ou seja, foram preparadas oficinas, seminários, eventos, etc, porém, essas capacitações não significaram um aumento de influência e/ou participação da sociedade civil durante as reuniões do Conselho.

Era evidente a grande dificuldade da sociedade civil em entender os trâmites burocráticos do Estado, em responder às questões colocadas pelo mesmo, muitas vezes sendo engolida por suas propostas.

Outra situação observada nas reuniões do CRIAD foi a existência do que aparentava constituir-se em uma espécie de “concorrência”. Não apenas pelo recurso do FIA, como ocorreu nos períodos em que se votavam os projetos, mas poder-se-ia dizer que parecia existir rivalidades entre as entidades e/ou pessoas que as representavam, tanto da sociedade civil quanto do Estado. Algumas reuniões pareciam ser prejudicadas por essa situação, tendo efeitos negativos quanto a encaminhamentos da pauta prevista para o dia.

Outra situação que comprometia o encaminhamento das questões e deliberações do CRIAD se dava pelo fato de nem todos os conselheiros se comprometerem com as decisões posteriormente, ficando sua execução, em boa parte das vezes, a cargo da diretoria.

O problema é que você acaba ficando sozinha na ação do conselho, porque eles vinculam como se o CRIAD fosse só a diretoria e a presidência. Os conselheiros acham que são conselheiros só naquele momento ali da reunião, acaba a reunião eles deixam de ser conselheiros. O Conselho exige conselheiros que vão além da reunião, tem que se comprometer, tem que se colocar à disposição para garantir o papel da política: o controle social e a elaboração da política de atendimento da criança e do adolescente no estado (REPRESENTANTE DA SOCIEDADE CIVIL nº 3, 29/05/2007).

Na reunião do dia 08/03/2008 houve um momento crítico no conselho. Durante esta reunião, foi apresentada uma carta de renúncia do então presidente do conselho, baseada no seguinte argumento: colocava-se contrário à decisão tomada pela maioria dos conselheiros na plenária de 27/02/2007 que aprovaram o plano de ações 2007/2008 do IASES.

Segundo os argumentos do então presidente, o Plano de Ações havia sido apresentado de última hora, não deixando tempo para que a plenária pudesse analisá-lo, de forma aprofundada, para poder aprová-lo. Neste momento houve grande agitação no conselho e uma grande discussão, momento este quando a maioria das entidades da sociedade civil presentes fez intervenções, concordando com os argumentos da carta de repúdio da então presidente. As entidades que faltaram à plenária chegaram a colocar que o conselho não deveria aprovar o que não conhecia.

A maioria das entidades da sociedade civil se posicionou contra a saída repentina do presidente. Embora uma instituição representante do estado tenha colocado como proposta um “mandato tampão” da sociedade civil, esta, através de uma reunião, acabou decidindo e “convencendo” a então presidente a continuar até as próximas eleições.

Outra questão muito criticada no Conselho foi a doação casada<sup>48</sup>. As instituições que mais se utilizaram desse recurso foram as instituições de representação do Estado e quem mais se posicionou criticamente a isso foi o MNMMR.

---

<sup>48</sup> Esse processo se dava da seguinte forma: a instituição fazia toda uma campanha para a empresa e/ou doadores, geralmente empresários, incentivando a doação para o Fundo, no entanto, parte dessa doação já entrava no fundo destinada para a instituição.

Muitos outros temas apareceram nestes espaços, porém, as pautas das reuniões durante quase todas as observações feitas foi a organização da VII conferência Estadual de direitos das crianças e adolescentes e as Conferências Municipais<sup>49</sup>.

#### *4.1.b - Sistematizações das Conferências Municipais de Direitos das Crianças e dos Adolescentes do Espírito Santo*

Dos 78 municípios do Espírito Santo, 72 enviaram os relatórios das Conferências Municipais.

Para a realização dessas conferências, o CONANDA colocou como proposta para os municípios de todos os estados a discussão de três eixos específicos: o SINASE, o Plano de Convivência familiar e comunitária e o Orçamento. Os municípios deveriam construir um quadro onde, de um lado, apresentariam suas propostas e do outro os parceiros do município na execução das propostas e estratégia de implementação. A partir da leitura de todos os relatórios criou-se categorias e verificou-se quais mais se repetiram em cada eixo (Apêndice F). Dessas categorias foi escolhida as três que mais se repetiram, ficando sistematizadas conforme quadros abaixo<sup>50</sup>:

Tema 1 – Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária: marco regulatório da política de proteção

Tabela 1

SUB-TEMA	PROPOSTA DE ESTRATÉGIA PARA IMPLEMENTAÇÃO
<b>Valorização da família: Políticas de Apoio Sociofamiliar.</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promoção/fortalecimento da rede de atenção à criança e ao adolescente;</li> <li>- Implementação de Políticas de Apoio às Famílias;</li> <li>- Trabalho de Sensibilização com as famílias.</li> </ul>

<sup>49</sup> Durante o processo de observação neste conselho acabou-se absorvendo algumas tarefas do mesmo, como por exemplo, a sistematização dos relatórios das Conferências Municipais para apresentação na Conferência estadual.

<sup>50</sup> Nesse processo de sistematização dos relatórios das Conferências contou-se com a ajuda de Juliana Iglesias Melim, pesquisadora na área de Criança e Adolescente.

<b>Reordenamento dos abrigos e implementação de famílias acolhedoras.</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ampliação/reestruturação dos Programas de Acolhimento já existentes;</li> <li>- Implementação/regulamentação do Programa “Família Acolhedora”.</li> </ul>
<b>Adoção centrada no interesse da criança e do adolescente.</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mobilização/campanhas de incentivo à adoção;</li> <li>- Mobilização/campanhas (através de radio, televisão e jornais) voltado para a comunidade/sociedade/famílias acerca do Direito à Convivência Familiar e Comunitária.</li> </ul>

## Tema 2 – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo –SINASE

Tabela 2:

<b>SUB-TEMA</b>	<b>PROPOSTA DE ESTRATÉGIA PARA IMPLEMENTAÇÃO</b>
Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (Liberdade Assistida e Prestação de Serviço à comunidade)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fortalecer/ampliar/reestruturar programas sociais de prevenção voltados para as crianças e adolescentes (centros comunitários, cultura, lazer, geração de renda, etc.);</li> <li>- Criação/ampliação/fortalecimento de Programa de Medidas em Meio Aberto;</li> <li>- Contratação e capacitação dos profissionais que atuam nas políticas de garantias.</li> </ul>
Medida Socioeducativa de Semiliberdade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criação de Programa de Medidas de Semi-Liberdade;</li> <li>- Contratação e capacitação dos profissionais que atuam nas políticas de garantias.</li> </ul>



Medida Socioeducativa de Internação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criação de Unidade Regional de Internação;</li> <li>- Contratação e capacitação dos profissionais que atuam nas políticas de garantias.</li> </ul>
-------------------------------------	---

### Tema 3 – Orçamento

Tabela 3:

<b>SUB-TEMA</b>	<b>PROPOSTA DE ESTRATÉGIA PARA IMPLEMENTAÇÃO</b>
Monitoramento	- Criação de banco de dados e mecanismos de divulgação e fácil acesso acerca da utilização dos recursos;
Fundos	- Sensibilização/campanhas para captação de recursos;
Orçamento Criança/Adolescente	- Capacitação dos atores do Sistema de Garantias.

A partir da leitura de todos os relatórios das conferências municipais e sistematização das propostas de cada município, pode-se observar que alguns municípios repetiram o relatório das Conferências passadas. Além disso, no que diz respeito às propostas de estratégia de implementação, na maioria das vezes, como se pode observar nos quadros sistematizados acima, os municípios não apresentaram estratégias de implementação, mas apenas propostas mais amplas ou diretrizes genéricas. Isso evidencia a dificuldade dos municípios em traçar estratégias para a efetivação dos direitos das crianças e adolescentes, pois, apenas apresentam propostas que consideraram importante ter no município, no entanto, não apresentam proposições concretas para sua efetivação.

#### *4.1.c - O Fórum Estadual de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes do Espírito Santo*

No que diz respeito as observação feitas nas reuniões no Fórum DCA, logo que se começou a participar destas reuniões, o Fórum estava se rearticulando, pois há muito tempo estava desativado. Esta rearticulação estava sendo feita através de uma coordenação colegiada, principalmente pelo núcleo de pesquisa da faculdade Salesiana, o TEIA<sup>51</sup>. Na primeira reunião estavam presentes as seguintes entidades: TEIA, FEAPAES, CRP, Fé e Alegria, CRESS, ACES, Pastoral do Menor, Casa Acolhida Marista e CIEE. Na segunda reunião estavam apenas Cesam, CIEE, CRESS, MNMMR, FEAPAES e Cáritas.

Observou-se que a maioria das entidades, participantes tanto do Fórum quanto do CRIAD, são, de alguma forma, ligadas às igrejas cristãs, seja católicas ou evangélicas, estas últimas, mais recentemente. Esta forte participação das Igrejas denota a participação histórica dessa instituição na assistência das crianças e adolescentes no Brasil. Vale ressaltar que as primeiras iniciativas voltadas para a infância pobre no Brasil foi de caráter religioso, ligado à Igreja católica (ARANTES, 2005). Portanto, diante do histórico olhar religioso para a infância, para a questão social, não é de se estranhar que as entidades, enquanto representantes da sociedade civil, naqueles espaços, tenham, também, suporte, ligação ou cunho religioso.

Se no passado as igrejas olhavam para os então considerados desvalidos, pobres e doentes, hoje, através de suas instituições, elas também se detêm aos destituídos do mercado de trabalho, para os adolescentes em conflito com a lei etc. Se anteriormente essa forte presença da Igreja denotava ausência do Estado na efetivação de Políticas, hoje se pode dizer que não é diferente, com o diferencial de que, atualmente, apresentam-se, muitas vezes, de forma mais técnica que no passado, com postura crítica variável. Talvez esteja aí a explicação para a maioria

---

<sup>51</sup> Atualmente o Fórum está novamente se rearticulando através da coordenação colegiada composta das seguintes entidades: ACES, FEAPAES, CARITAS pastoral do Menor, CIEE, UBEE Marista, CESAM, Fundação Fé e Alegria do Brasil, MNMMR, CRESS, CRP e Faculdade Salesiana.

dos profissionais, que defendem uma sociedade mais igualitária, estarem inseridos, também, nestes espaços, ou seja, em entidades religiosas/ ONG's.

Percebeu-se que no Fórum DCA e em eventos específicos os representantes constroem muitas críticas ao CRIAD, cobrando veementemente o papel deste Conselho enquanto tal, apresentam colocações e posturas por vezes portando certa contradição. Isso porque várias entidades integrantes do Fórum estão também no CRIAD e, enquanto participantes do Conselho Estadual, não se colocam de forma tão crítica neste espaço como ocorre com sua participação no Fórum.

A maioria dos movimentos realizados pelos representantes do Fórum foi no sentido de fiscalizar e contribuir com o processo de eleição para as entidades representativas do CRIAD e também na organização da VII Conferência Estadual. Na reunião do dia 25/05/2007, produziram uma carta questionando o CRIAD acerca do Processo de Eleição, já que o Conselho deixava transparecer suas dificuldades em dar conta daquele processo.

Deste modo, já no início do processo de (re)articulação, o Fórum-DCA deixava um diferencial transparecer. Ou seja, além de ser um espaço exclusivo da sociedade civil, tem seu poder situado na esfera da mobilização e pressão política e social, apontando como a sociedade civil tem atuação/participação diferente quando 'sozinha' ou em presença de representantes do Estado, já que entidades da sociedade civil que participam desses dois espaços têm atuação diferente.

No dia 20/06/2007 aconteceu a Assembléia da sociedade civil para eleições CRIAD. Durante esta Assembléia pôde-se identificar alguns processos que compareceram, também, no CRIAD, como, por exemplo, a existência de certas rivalidades. Desta forma, tanto nas reuniões do Fórum, quanto nas reuniões do CRIAD, por meio de conversas informais entre integrantes, suas ações e falas, foi possível identificar rivalidades entre certas entidades e representantes, deixando transparecer, em alguns momentos, a dificuldade de se trabalhar articuladamente, embora todos reconheçam a importância dessa articulação.

De um modo geral, em todos os espaços, seminários, encontros, conversas, conselhos e fóruns de defesa dos direitos de crianças e adolescentes, pôde-se perceber falas que comprovaram a angústia de atores do movimento de defesa dos

direitos das crianças e adolescentes frente a nova conjuntura de participação política a partir dos anos 1990 quando inaugurou novos espaços e canais instituídos de participação. Uma fala marcante foi feita por um representante do Fórum DCA de SP, no Seminário Regional 18 anos do ECRIAD<sup>52</sup> – Região Sudeste (ES, SP, MG, RJ) realizado em Belo Horizonte (20 a 22 de agosto de 2008) que assim colocou: *“Quem nós somos? Pra onde vamos? Qual o nosso papel? O que a gente está fazendo para mudar essa realidade?”*

Neste mesmo seminário, Djalma Costa, coordenador da Associação Nacional dos Centros de Defesa (Anced), palestrante, fez uma reflexão sobre o movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes, afirmando que as lutas deste movimento estavam se colocando de forma individualista e territorializante. O palestrante retomou como se davam as lutas dos movimentos sociais nos anos 1980, quando se tinha uma luta única pela democratização do Brasil e que desencadeou a conquista de marcos legais, dentre eles o ECRIAD.

Assim, o palestrante seguiu afirmando que o ECRIAD foi uma conquista, porém acredita que o movimento de defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes ainda deve lutar sobremaneira para a efetivação do Estatuto, pois a conquista legal em si ainda não se traduz em garantias de mudanças desejadas.

Percebe-se nesta fala e nos debates travados neste encontro específico um apelo às lutas mais amplas, o retorno a discussão de redes, de articulação com outros movimentos sociais, o que demonstra justamente a “desfragmentação” das ações, com sua territorialização e individualização.

Afirmou também que se vive um momento de aprendizagem do processo democrático que, diga-se de passagem, é muito recente e que é importante repensar o formato e metodologias enquanto movimento social.

---

<sup>52</sup> Esse seminário objetivou discutir os avanços, limites e possibilidades nos 18 anos do ECRIAD.

#### 4.1.d - O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua do ES

Como o MNMMR foi um movimento muito atuante na defesa dos direitos da criança e do adolescente no estado e teve importante atuação na aprovação do ECRAD e tinha-se notícia de que este movimento tentava (re)articula-se num município ao norte do estado do Espírito Santo, em Colatina, realizou-se algumas visitas a este município, com o intuito de perceber essas movimentações e realizar entrevistas com alguns atores.

Realizou-se entrevistas com quatro militantes do MNMMR (conforme descrito na introdução, subtópico 1.3), alguns, que iniciaram sua participação nesse movimento ainda quando crianças e adolescentes. Esses pautaram suas falas em dois eixos: comparação do MNMMR antes e MNMMR atualmente e a importância dos núcleos de base e/ou formação política das crianças.

O Entrevistado nº01 iniciou sua entrevista falando sobre como percebe o MNMMR atualmente e afirma que houve mudanças na atividade desse movimento, pois, segundo o mesmo, deixou de atuar de forma tão presente ou ativa como outrora ocorria. Para ele, o movimento

ficou um pouco desgastado com o passar do tempo [...] acredito que o movimento atuava mais ativamente na promoção do direito da criança e do adolescente, quando o movimento conseguia se revoltar com a má notícia de, por exemplo, um assassinato cruel de um jovem. Então o movimento era muito mais efetivo, ele conseguia realmente atingir seus objetivos originais.

O Entrevistado nº03 destacou a falta de apoio e o preconceito com quem trabalha com os meninos e meninas de rua. Para o entrevistado não adianta só o trabalho do MNMMR, mas é preciso o reconhecimento das pessoas sobre esse trabalho.

Então em questão do movimento é uma coisa muito legal, até para as crianças, para a cidade e para o nosso município. O que falta às vezes é apoio, porque tem muita gente que tem aquele preconceito e fala "pô você trabalha como esses meninos aí, eles não têm jeito, já estão perdidos". Então, acho que as pessoas devem apoiar mais, porque aí tudo ficaria melhor, não adianta só o movimento e algumas pessoas do movimento fazerem e um monte criticar, porque eu sei que é difícil e que a responsabilidade é muito grande é um compromisso que o educador deve ter, porque querendo ou não, ele é espelho daquela criança (ENTREVISTADO Nº.3).

Para o Entrevistado N<sup>o</sup>04, o movimento deu uma “brecada”, está diferente do que era antes, pois não tem mais os núcleos de base, mas afirma que o movimento está se rearticulando para isso, para retomar os núcleos de base.

[...] mudou bastante. As coordenações. Porque a gente sabe que a organização sempre tem seus altos e baixos, então teve muitos altos e baixos no movimento, inclusive atualmente o movimento está passando por um processo de estruturação ou reestruturação por ele ter sofrido pela má administração ou desorganização da coordenação nacional que acabou afetando estadual e municipal. Então isso causou um grande desgaste dentro do movimento, o movimento deu uma caída nos seus trabalhos e nos afetou aqui, então deu uma brecada no trabalho com a meninada, não que deixou de fazer alguns trabalhos, mas não estavam sendo feitos da forma que eram feitos antes [ENTREVISTADO n<sup>o</sup> 4].

Em relação aos Núcleos de base, durante a pesquisa feita ainda na graduação, pôde-se identificar que os atores participantes do MNMMR percebem estes espaços como espaços de reflexão, de construção e reelaboração de conceitos. Espaços de debate que proporcionavam que os meninos e meninas refletissem sua própria vida e tornando-se mais questionadores e críticos (XAVIER, 2005). Assim, associando certa nostalgia com uma visão negativa acerca da nova conjuntura de participação política dos militantes, o Entrevistado N<sup>o</sup>01 lamenta-se por não mais existir aquelas formas de participação política de outrora e sua intensidade na nova conjuntura:

Você percebe que não conta mais com essa força de crianças e adolescentes do movimento com esse olhar mais crítico, com essa consciência de que existe essa situação, mas ela precisa ser mudada. Então aí já é uma questão que me preocupa muito. Já perdemos essa força, das próprias crianças e dos próprios adolescentes que não tem trabalho feito com eles. Então é uma força que a gente perdeu mesmo (Entrevistado n<sup>o</sup>.1).

O jovem também fez considerações cerca da realidade dos núcleos de base no Brasil e afirmou não ser diferente no Espírito Santo, e que apenas em alguns estados, graças a certos incentivos de organismos internacionais, ainda conseguem sustentar este trabalho, principalmente no nordeste. Para ele, a base do MNMMR são os núcleos de base, mas estes inexistem no Espírito Santo e as tentativas de rearticulação que foram feitas mostraram-se frágeis.

No Espírito Santo para você deslumbrar essa situação, articulado não tem nenhum núcleo de base. Nos últimos 3 anos ficou um movimento parado, toda uma estrutura que existia, para realmente possibilitar a licença dos núcleos de base, foi uma estrutura que não funcionou. Nós tivemos uma última assembléia que propôs uma mudança nessa estrutura, só que depois dessa assembléia, nada aconteceu (ENTREVISTADO n<sup>o</sup>1).

O Entrevistado nº03 também falou acerca da importância dos núcleos de base, pois era ali que se debatia sobre a vida cotidiana dessas crianças e adolescentes, ali que se falava sobre envolvimento ou presença na comunidade de redes do tráfico de drogas, sobre perspectivas e projetos de futuro, sobre a vida de maneira ampla, sobre situações de violência e exploração, como existência ou cooptação de participantes em redes de exploração sexual e prostituição. Ressaltou, também, querer muito fazer este trabalho, mas sem uma contrapartida financeira dificulta-se sensivelmente a viabilidade dessa participação, embora já estivesse fazendo, em seu bairro, um trabalho voluntário. Afirmou, também, que as oficinas puras e simplesmente não dão conta de todo o processo que se propõe os núcleos. Neste sentido, o próprio jovem se mostra disposto a, voluntariamente, a retomar este trabalho em seu bairro.

[...] eu vejo que antigamente o núcleo de base era mais direto, então os meninos estavam sempre ali por perto [...] hoje em dia o núcleo de base está um pouco afastado, tem ainda uns encontros de Hip Hop lá em cima e no bairro aqui tem a capoeira, tem a percussão, alguns têm aula de violão, de teclado mas eu acho que o núcleo de base nunca deveria faltar, porque se o menino chega pra fazer capoeira eu não falo só de capoeira com eles. Dez ou quinze minutos no final da aula eu paro e converso sobre drogas, prostituição, sobre roubo e eu acho que o educador, seja de capoeira ou não, ele não precisa só chegar lá e ensinar aquilo que ele já sabe, mas se ele entende um pouco de estatuto da criança e do adolescente é bom ele falar um pouco, para a criança ter uma visão. Então eu sempre procuro falar com eles, seja homem ou menina, eu falo para tomar cuidado com a prostituição, tomar cuidado com o estupro, porque já ensinaram sobre isso para mim e é por isso que o núcleo de base deveria voltar. Então junto com as oficinas tem que ter uma conversa e eles não têm esse tempo. O núcleo de base tinha que vim por trás fortalecendo, porque no núcleo de base dá para conversar melhor [...] se eles ficarem enrolando eu vou voltar com o núcleo de base, só vou pedir material para ajudar no trabalho porque precisa, uns cadernos para eles desenharem ou escrever uma história, então isso é muito importante (ENTREVISTADO nº3).

Outra questão bastante citada na pesquisa foi a comparação entre dois momentos do MNMMR. Essa comparação foi feita principalmente pelo Entrevistado nº01, que participou muito do MNMMR enquanto representante do ES em vários estados e até fora do país.

Os momentos comparativos do jovem se colocam nos anos 1980 e início dos anos 1990 e posterior aos anos 1990. Segundo o mesmo, os atores de hoje não conseguem colocar-se frente à realidade de exclusão e de violação dos direitos das crianças e adolescentes como no período de aprovação do Estatuto e/ou no início dos anos 1990.

[...] lá em 90, a gente não podia acreditar que estava morrendo criança e adolescente com aquela lei existindo e hoje essa exceção virou uma regra geral. A gente não consegue mais se sensibilizar com essa situação e isso é uma questão que me deixa muito preocupado. Porque eu acho que o movimento existe com um objetivo muito bacana que é de realmente promover esse direito da criança e do adolescente e quando a gente acaba se pegando nessa situação de que já é normal para essa organização fica uma situação muito chata para mim (Entrevistado nº1).

Compara a atuação deste movimento em momentos atuais e anteriores, afirmando a nova conjuntura e o novo momento dos movimentos sociais: “[...] o movimento conseguia pressionar muito mais, conseguia ficar mais revoltado com essa situação de ofensas e agressões ao direito da criança e do adolescente do que nos últimos anos [...]” (Entrevistado nº01).

O Entrevistado nº02 também tece considerações acerca do MNMMR na atual conjuntura. Afirma que o movimento perdeu a direção e que há dificuldade em dar continuidade às ações, por falta de recursos humanos ou investimento que o viabilize:

Tínhamos metas a cumprir. A gente tinha uma pauta única que era articular e implementar as ações a quais o estatuto exigia. Nossa articulação foi em cima disso. Depois passamos por um processo, ou seja, o MNMMR perdeu um pouco a sua direção política. A gente já tinha o estatuto aprovado, já tinha as ações implementadas, ou seja, os conselhos de direitos, os conselhos tutelares. O que é que faltava? Ainda tinha uma problemática que era a situação dos meninos e meninas que continuavam em situação de rua. Porque apesar do movimento nascer com essa característica, ele não se deteve a só trabalhar com meninos e meninas de rua. Ele trabalhava também com os meninos nas comunidades através de articulação e parceria. Hoje o movimento perdeu um pouco a direção, perdeu os objetivos e hoje uma das dificuldades que a gente encontra é que qualquer ação que a gente vai fazer, qualquer evento, isso exige investimento e nem sempre a gente tem investimento pra poder garantir a continuidade. É diferente de qualquer outra instituição que faz um atendimento direto. O MNMMR não faz atendimento direto, o MNMMR trabalha a formação das crianças e adolescentes. Essa formação se dá através das oficinas de capoeira, hip-hop e paralelo às oficinas a gente entra com a formação política (ENTREVISTADO nº2).

Quando o Entrevistado nº01 fez comparações entre os dois momentos do MNMMR, apontou também as estratégias utilizadas pelo movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes no momento anterior aos anos 1990 ou no início dessa década. No período anterior, o movimento apresentava o que chamou de caráter combativo, incitado pela realização de passeatas, seminários, denúncias, atos esses que pressionavam o Estado e se constituíam como as principais estratégias utilizadas para se pressionar a efetivação dos direitos das crianças e adolescentes naquele momento e contexto.



O movimento que eu conheci era um movimento que atuava na sociedade com alguma frequência. Organizava-se um evento municipal para pressionar as autoridades, sensibilizava a sociedade através de passeatas, manifestações que realmente demonstravam essas situações da criança. Isso há quase oito anos e nos últimos anos eu percebi que o movimento ele perdeu muito essa característica de realmente se revoltar com essa situação e eu acho que isso vira uma problemática muito grande quando aquilo que era exceção vira regra geral, até então com a lei da criança e do adolescente (Entrevistado nº01).

Em relação a isso cabe lembrar que posterior à aprovação do Estatuto, novos espaços de participação foram inaugurados e que a partir deste momento os atores começam a tateá-los, a apreender o novo modo de participar. Todavia, com o passar do tempo, os espaços de conversa e articulação foram ficando cada vez mais inexistentes ou institucionalizados, o que é percebido pelos entrevistados como efeito negativo. A própria demanda por participação nos conselhos<sup>53</sup> foi substituindo todo o espaço de reuniões e conversas como os núcleos de base que foram praticamente extintos.

O Entrevistado nº1 acredita que as estratégias anteriores, utilizadas pelo MNMMR, possibilitaram maiores resultados no que diz respeito à defesa dos direitos das crianças e adolescentes e que está preocupado com as pessoas que eram referências no MNMMR, pois, segundo ele, muitas pessoas saíram do movimento, fazendo com que o mesmo perdesse força. Segundo o entrevistado, o MNMMR existe representado em algumas pessoas, porém, não existe enquanto organização, enquanto movimento social, uma vez que não possuem uma base onde discutem e deliberam situações a serem debatidas em outros espaços como Conselhos e Fóruns. São apenas algumas pessoas que ocupam alguns espaços enquanto MNMMR.

“Eu conheci um movimento que atuava na sociedade, pressionava a autoridade através de manifestações, passeatas e nos últimos anos perdeu essa característica. Não conseguimos nos sensibilizar mais com essa situação. Perdemos essa característica peculiar de dar a cara pra bater” [...] politicamente o movimento ainda existe, porque ele tem espaço, tem discussão. O Conselho da Criança ainda dá cadeira para o movimento, então, por isso que, politicamente, o movimento ainda tem alguma organização, alguma participação. Acho que muito mais enquanto pessoas

---

<sup>53</sup> Alguns conselheiros do CRIAD representavam sua entidade em uma média de três conselhos e ainda representavam também em fóruns. Muitos afirmaram que por essa grande demanda de participação nestes espaços não conseguiam participar de forma efetiva, uma vez que além das demandas do trabalho, ainda tinham que dar conta dessas reuniões. Alguns chegaram a afirmar que atuavam em entidades, mas que ficavam mais externos participando dessas reuniões do que na própria entidade e que muitas vezes não eram propiciados espaços em suas entidades para discutir todos os encaminhamentos colocados nos Conselhos e Fóruns.

do que enquanto organização mesmo. São pessoas que dizem ser do movimento e que para não deixar perder esse espaço, ainda se dizem do movimento para representá-lo. Só que é quase uma auto-representação, porque não existe um debate com uma organização, com um grupo, mas ainda existe esse espaço político e com uma pessoa sentada ali dizendo ser do movimento. Esse é um fato que contribui muito para que o movimento fique cada vez menos aguerrido para realmente promover o direito da criança e do adolescente frente a essa conjuntura” [...] O movimento, se ele não alertar, vai perder muito espaço político. Digo isso em nível nacional, por exemplo, o próprio CONANDA, porque cada vez mais recita a participação do movimento, porque ele já se destacou muito no Brasil. O movimento era realmente uma marca de peso onde movimentava e em qualquer espaço que você fosse para discussão política tinha alguém vestindo a camisa do movimento. E hoje você não consegue mais observar isso, é um vazio muito grande nessa participação e isso refletiu muito na participação dos meninos nos núcleos de base (ENTREVISTADO nº1).

O jovem, também, versou sobre a realidade atual e sobre o papel do MNMMR frente a esta conjuntura de violação dos direitos e acredita que a realidade de violações continua a mesma, porém, o MNMMR mudou seu modo de se colocar no novo momento. E é justamente esta mudança que faz com que o jovem afirme que o MNMMR tem feito pouco diante da realidade de violações de direitos das crianças e adolescentes no estado atualmente.

Eu acredito que para o movimento realmente se mostrar como um movimento, primeiro precisa ter pessoas organizadas. Por que é tão difícil combater o crime organizado? Porque é uma organização. Então, se você combate algo organizado com algo desorganizado, certamente aquilo que está organizado tem muito mais possibilidade de vencer. Então esse é um fato que também me preocupa, organizar o movimento para que ele consiga esse trabalho frente a essa conjuntura, porque senão realmente fica complicado. Mas o fato é que com essa conjuntura que praticamente só acompanhou o passar dos tempos, o estatuto foi publicado, foi promulgado e a realidade continua a mesma, talvez agora formalizada, mas ainda continua a mesma. Não sei se em maior ou menor proporção. Acho que em alguns aspectos, realmente, o estatuto contribui para um avanço, mas para outros aspectos, sobretudo essa questão da mortalidade, essa violência juvenil, muito pouco tem mudado e o movimento, do jeito que permanece hoje, ele tem feito muito pouco e se continuar desse jeito ele vai praticamente fazer nada (ENTREVISTADO nº01).

Portanto, prevaleceu em suas falas a comparação do MNMMR em dois momentos: anterior ao Estatuto, quando coloca o MNMMR como um influente movimento, e na conjuntura atual, como um movimento vazio, sem participação e sem a organização dos meninos nos núcleos de base. Diante disso, prevalece o tom nostálgico, misturado a pessimismos e angústias, pois o jovem afirma, diversas vezes, que hoje não se consegue mais militar da mesma forma de antes, embora reconheça que a realidade é mutante e nada permanece o mesmo, assim, ainda vê possibilidades.

O Espírito Santo não consegue mais, quer dizer, até agora não conseguiu. Durante muito tempo ficou parado, mas ainda há possibilidade de se fazer, estamos tentando reorganizar o movimento, reestruturar, mas é uma coisa que eu não sei até que ponto o trabalho com os núcleos de base vai ser o mesmo. Acho que a gente não consegue mais trabalhar da mesma forma que trabalhava anteriormente. Primeiro, porque o tempo passa e as realidades vão mudando, aí você tem todo um ambiente político, toda uma questão social que envolve também esse mesmo trabalho. Se a gente estivesse, por exemplo, em 1991 agora, imagine você que eu estaria aqui feliz da vida. A gente está como estatuto, a gente vai levar isso para o núcleo de base e vamos sustentar essa discussão, mas, hoje a gente não consegue mais esse modelo de movimento, esse trabalho na base com a garotada. Então, conseguir tudo que o movimento tinha eu acho que a gente não consegue mais, porque houve um desgaste muito grande do movimento (ENTREVISTADO nº01).

No que diz respeito a essas possibilidades, o jovem apresenta propostas de articulação com associações de moradores, com a igreja, na mídia, etc. Afirmou que o MNMMR muda e os militantes também mudam e, portanto, há possibilidades de transformação.

Seria possível fazer algum trabalho com a mídia, através desses espaços, associação de moradores, a própria igreja, são espaços existentes independente de organização, ou não, e que ali dentro você pode propor alguma transformação frente a essa realidade cruel. Dentro de uma organização, posso citar como exemplo o movimento, acho que a primeira coisa a ser feita, digo isso agora para mim porque eu me vejo dentro dessa estrutura, é realmente cobrar para que ela aconteça, porque enquanto a gente permanecer existindo no papel somente, a gente não vai conseguir propor nenhuma mudança e querendo que ela não aconteça para a gente, mas para aquele menino que está lá naquela situação, porque é para ele que vai fazer a diferença. O movimento como eu te disse, infelizmente, não é o mesmo. Acho que a gente muda e o movimento mudou demais também e talvez para a gente enquanto movimento seria isso, voltar a viver, voltar a existir, porque durante algum tempo ficamos existindo apenas no papel e essa realidade do papel é uma realidade fria, uma realidade que não transforma nada e para a gente como movimento. Então a minha angústia maior seria essa: que existe no papel e que a gente precisa voltar a atuar na vida das crianças e dos adolescentes para que realmente algo seja transformado, para que essa mudança realmente aconteça (ENTREVISTADO nº01).

Uma questão trabalhada na pesquisa ainda na graduação foi enfoque de militância que esteve muito presente no final dos anos 1980 na vida dos educadores, dos técnicos, que junto aos meninos e meninas construíram espaços de debates. Isso foi possível perceber através das concepções de movimento apresentado pelos militantes entrevistados que vale a pena retomar aqui.

Um entrevistado que participou ativamente desse movimento antes e após a aprovação do ECRIAD, o definiu enquanto uma organização não governamental que trabalhava com a criança e o adolescente numa perspectiva de entendê-lo como

sujeito. Um movimento que tinha diferentes linhas de intervenção: da garantia dos direitos, de ocupar espaços, de integrar-se a Conselhos estaduais e municipais para discutir e trabalhar sobre a formulação de políticas e a linha da organização dos meninos, através dos núcleos de base (XAVIER, 2005).

Uma ex-menina de rua, que participou do MNMMR após a aprovação do ECRIAD, afirmou que o movimento foi o que mais contribuiu para a luta em prol do Estatuto. A proposta deste movimento era de estar com os meninos dentro da linha da formação política através dos núcleos de base e foram as discussões feitas nestes núcleos que a possibilitou grande crescimento (XAVIER, 2005).

Outro integrante que participou ativamente desde a gênese do movimento o definiu, no período em que participava, no final dos anos 1980, como uma “instituição totalmente voluntária”, como um movimento político que cobrava os direitos das crianças e adolescentes, que mostrava a realidade desses atores sociais e buscava o atendimento através dos órgãos públicos, além de se voltar para a cultura e o lazer. Ou seja, um movimento que tinha um enfoque mais político, de denúncia, de mobilização e de organização, que “brigava pelo menino” que pressionava os órgãos públicos para que os mesmo propiciassem um melhor atendimento para as crianças e adolescentes (XAVIER, 2005).

Assim, as denúncias, as passeatas, os encontros nacionais, regionais e locais foram o que deu força ao movimento e aos atores que o integravam. Essa dimensão política, de discussão e articulação é o que proporcionava que educadores, técnicos, meninos e meninas de rua, militantes do MNMMR, tornassem-se participantes no processo de luta e de resistência. Essa participação trazia um reconhecimento, um sentimento de pertença (XAVIER, 2005).

Os militantes do MNMMR afirmaram que, inicialmente, o MNMMR-ES não tinha ligação com órgãos públicos e que isso trazia um sentimento de autonomia e liberdade de atuação no sentido de cobrar ações e denunciar violações por parte da sociedade e do Estado. Esta “autonomia”, para alguns dos entrevistados, atualmente está muito prejudicada devido à ligação com os órgãos públicos e pelo fato de a maioria dos militantes terem sido contratados como funcionários do Estado. Todavia, alguns militantes, originalmente, eram funcionários de instituições estatais, onde

deveriam obedecer algumas deliberações (embora desde o início tenham demonstrado uma resistência a esse espaço). Porém, a participação política no MNMMR, através de passeatas e atos públicos, colocava-se como diferencial que dava o sentimento de independência, autonomia (XAVIER, 2005).

Destarte, a maioria dos entrevistados que atuaram no movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes, principalmente no MNMMR, insistiram na comparação do movimento no período inicial e atual e demonstraram, através de suas expressões, gestos e falas a angústia de ser militante no contexto atual. Trouxeram a dificuldade em ser militante ativamente para defesa de direitos e, ao mesmo tempo, ser profissional inserido em instituições que trabalham com o público-alvo da militância, principalmente aqueles que estão integrados a instituições ou políticas do poder público.

Diante disso cabe perguntar: num momento de aprofundamento das relações neoliberais, quais seriam as contrapropostas? Movimentos de ação direta ou luta dentro do próprio aparelho do Estado? Ou seria por meio das duas formas? Estas questões encontram, através dos entrevistados, respostas contraditórias, pois, ao mesmo tempo em que alguns colocam a dificuldade de ser profissional e ser militante, de estar no poder público e atuar enquanto militante, outros trazem a importância de se estar nestes espaços:

O MNMMR é um estimulador. Estimula os seus militantes a ocupar os espaços públicos para consolidar uma política que a gente acredita. O MNMMR pode contribuir. Temos militantes em várias prefeituras, mas você percebe que o compromisso das pessoas que estão nestes espaços é diferenciado, pois, muitos quando estão no poder público, esquece o trabalho de base, de toda a filosofia do movimento, os objetivos do movimento, etc. Em Colatina não. Aqui aconteceu uma coisa que chama muito a atenção: deu pra conciliar a nossa ação enquanto movimento com a gestão do poder público. Isso é um diferencial muito grande. Porém, nessa nova gestão podem aparecer algumas dificuldades, uma vez que a concepção é diferente. Esta relação movimento social e poder público ficou mais fragilizada, porque antes, além de um espaço para consolidar as políticas, era também um espaço de mobilização e articulação. Hoje a gente não tem conseguido sustentar mais isso (ENTREVISTADO nº02).

O período em que o entrevistado se refere, diz respeito ao momento em que um militante do MNMMR esteve na gestão da Secretaria de Ação Social do município de Colatina, momento este que, segundo o entrevistado, foi muito positivo para a efetivação dos direitos das crianças e adolescentes daquela cidade. Houve um grande investimento na base do movimento, com destaque para os núcleos de base.

Assim, o entrevistado destaca a importância da ação direta e também da articulação dentro das prefeituras e em outros espaços. Atualmente, numa outra gestão, percebem desde já a dificuldade de se articular com a Prefeitura devido a diferenças de concepção da atual gestão no que diz respeito ao apoio ao MNMMR.

*4.1.e - Considerações sobre a atual conjuntura acerca do movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes a partir de dois importantes militantes*

Durante a pesquisa também se fez entrevistas semi-estruturadas com importantes sujeitos que exercem atividades na defesa dos direitos das crianças e adolescentes no Espírito Santo e que se colocam enquanto referência no estado na área de criança e adolescente. São eles: O Entrevistado nº02 e o Entrevistado nº05.

Para cada questão feita aos entrevistados, construiu-se um quadro esquemático sistematizando as respostas em alguns eixos. Os principais eixos que compareceram foram colocados num quadro esquemático com a explicação do sentido em que apareceram nas falas como pode-se observar logo abaixo.

A primeira questão feita aos entrevistados foi a seguinte: Quais as principais estratégias utilizadas para se efetivar direitos das crianças e adolescentes atualmente? Diante disso, apareceram as seguintes respostas:

Tabela 4:

<b>O processo de municipalização</b>	Foi apontado como grande estratégia para se efetivar os direitos das crianças e adolescentes, principalmente a partir da constituição dos conselhos de direitos.
<b>A participação nos espaços de controle social (Fóruns e Conselhos)</b>	Foi enumerado como importante estratégia para se efetivar os direitos das crianças e adolescentes, pois a partir dessa participação, poder-se-ia se pensar na elaboração das políticas de atendimento, ao mesmo tempo fazer o acompanhamento e a fiscalização da própria execução dessas políticas.
<b>Constituição de rede / composição da rede para melhor funcionamento do sistema de</b>	Apontada como estratégia de se trabalhar em conjunto, envolvendo todas as forças que, de alguma

<b>garantias</b>	maneira, estejam ligadas à defesa dos direitos das crianças e adolescentes, como, por exemplo, o Poder Judiciário, o Ministério Público, o poder executivo em todas as suas instâncias, a sociedade civil organizada, as igrejas, os movimentos sociais, as associações de moradores, etc.
<b>Protagonismo</b>	Afirmado como estratégia de envolvimento das crianças e adolescentes nos espaços de controle social

Portanto, enquanto as principais estratégias utilizadas para se efetivar os direitos das crianças e adolescentes atualmente os atores citaram a municipalização, a participação nos espaços de controle social, a constituição da rede e o protagonismo. As respostas tiveram um sentido de afirmar as principais estratégias que deveriam ser utilizadas pelos movimentos de defesa dos direitos das crianças e adolescentes que, entretanto, não estão sendo concretizadas. Foram feitas uma série de ressalvas e críticas ao processo de municipalização, aos conselhos, afirmando reiteradamente que o sistema de garantias está insuficientemente articulado e que as crianças e adolescentes têm participado muito pouco desses espaços enquanto “protagonistas”.

A segunda pergunta foi: Quais as principais dificuldades, amarras, limitações para a implementação do Estatuto? As respostas dadas foram as seguintes:

Tabela 5:

Falta de conhecimento e visão reducionista do estatuto	Apontado enquanto um fator que gera contestações ao Estatuto por pessoas que não o conhecem minimamente.
Desigualdade social, relações de poder, preconceitos em relação a crianças e adolescentes pobres	Assinalados enquanto questões estruturais mais amplas que dificultam a implementação do Estatuto.
A cultura política tradicional brasileira	Apontada enquanto relações políticas e sociais brasileiras, que têm suas bases no paternalismo, autoritarismo e clientelismo, ressaltando a necessidade de transformações culturais

Os meios de comunicação	Citado como instrumentos que distorcem a realidade e contribuem para que seja formado uma visão negativa do ECRIAD e geram, conseqüentemente, empecilhos ou falta de apoio para sua implementação.
A criminalização dos direitos humanos e da pobreza	Foi citado associado à mídia, colocando-a enquanto incentivadora desses processos.
O individualismo	Apontou-se a cultura individualista como grande barreira para a efetivação do Estatuto.
A falta de vontade política	Apontada como fator que dificulta a sustentabilidade de ações e lutas e engajamentos políticos para efetivar o ECRIAD.
O parco investimento em políticas públicas	Citada, ressaltando o escasso investimento em políticas públicas e pontuando que as existentes são políticas de governo, o que também se coloca como uma limitação do processo de efetivação do ECRIAD.
O não funcionamento do Sistema de Garantias.	Apontado como um dos grandes problemas a serem superados para a implementação do ECRIAD.

Assim, como as principais dificuldades para a implementação do ECRIAD, foi citada a existência de visão reducionista sobre essa legislação. Esse reducionismo, na opinião de um dos entrevistados, é incentivado pela mídia que distorce a realidade e criminaliza os direitos humanos e a pobreza, contribuindo para instituição de uma mentalidade negativa acerca do ECRIAD, colocando-o como “protetor de bandido” ou promotor de desresponsabilizações relacionadas a deveres já considerados devidos a adolescentes ou crianças, a depender de sua idade. Insuficiência ou superficialidade em se fazerem considerações mais amplas ou abordagens mais estruturais de avaliação das questões sociais envolvendo crianças e adolescentes, aliados ao individualismo e à fragmentação das frentes de ação existentes de defesa de direitos, foram colocados, também, como grandes amarras para a efetivação do Estatuto da Criança e do Adolescente.



A terceira pergunta feita aos sujeitos foi: Em que medida ou em quais aspectos o Estatuto estaria sendo cumprido? As respostas apresentadas foram:

Tabela 6:

<b>A partir da implantação dos espaços de controle e defesa dos direitos (conselhos de direitos e tutelares).</b>	Apontado no sentido de que esta implantação, em quase todos os estados e municípios do Espírito Santo e do Brasil, demonstra haver cumprimento do que preconiza o ECRIAD nesse quesito.
<b>SINASE, Plano de Convivência Familiar e Comunitária.</b>	Citados enquanto um esforço político para o cumprimento do ECRIAD.
<b>Práticas anteriores ao Estatuto estão sendo abandonadas.</b>	Apontaram no sentido de afirmar que houve mudanças culturais no tratamento à crianças e a adolescentes, uma vez que houve o abandono de algumas práticas baseadas na Doutrina de Situação Irregular e se observa um maior respeito e absorção das diretrizes éticas pautadas na Doutrina da Proteção Integral.
<b>O Estatuto incita discussões políticas.</b>	Citou a grande discussão provocada na sociedade, a partir do Estatuto que possibilita que a temática criança e adolescente e suas problemáticas sempre estejam em pauta. Isso contribui para o processo de transformações de compreensões e tratamentos formulados e dispensados a essa parcela populacional.
<b>Está sendo cumprido em relação aos adolescentes em conflito com a lei.</b>	Foi apontado enquanto positivo os artigos do ECRIAD que se atêm à regulação do tratamento estatal dispensado aos adolescentes em conflito com a lei.

Desse modo, em relação a quais aspectos o Estatuto estaria sendo cumprido, os entrevistados responderam que a implementação de conselhos de direitos e tutelares em todos os municípios e a discussão de importantes planos como o Plano de Convivência Familiar e Comunitária e o SINASE demonstram avanços sedimentados no ECRIAD. O que não quer dizer, segundo os entrevistados, que os Conselhos estejam funcionando ativamente ou que os Planos estejam sendo executados.

A quarta questão formulada foi: Quais direitos ou grupo de direitos estariam sendo mais violados? Apareceram as seguintes respostas:

Tabela 7:

<b>Aqueles referentes aos adolescentes autores de ato infracional (espaços de internação)</b>	Foi apontado enquanto categoria que tem tido os direitos mais violados, citando as más acomodações dos espaços de internação, embora tenham considerado o SINASE como um avanço.
<b>Direito a saúde</b>	Citada como grupo de direito bastante violado, afirmando a não existência de pronto-atendimento infantis em todos os municípios.
<b>Aqueles referentes à execução de políticas destinadas às famílias</b>	Foi apontado o escasso investimento em Políticas destinadas às famílias, afirmando que as que vêm sendo implementadas não propiciam condições para as famílias ficarem com os próprios filhos com dignidade, garantindo-lhes um desenvolvimento saudável e cidadão.
<b>Todos</b>	Afirmou-se que todos os direitos das crianças e adolescentes do estado estão sendo violados.
<b>Estado enquanto violador dos Direitos das crianças e adolescentes</b>	Foi citado o próprio Estado enquanto violador dos Direitos das crianças e adolescentes.

Portanto, consideraram como grupo de direitos que está sendo mais violado o direito dos adolescentes em conflito com a lei. Afirmam isso fazendo críticas duras ao IASES e apontando o próprio Estado como grande violador dos direitos das crianças e adolescentes, na medida em que o Estado não investe em Políticas Públicas e concorda com o funcionamento das Unidades de Internação da forma que tem funcionado no estado. Citam também, como outro grupo de direito violado, a saúde.

A quinta questão destinada aos entrevistados foi: que ações foram ou têm sido feitas focalizando superar essas violações ou fragilidades no cumprimento do estatuto? As respostas preferidas pelos entrevistados foram:

Tabela 8:

<b>Denúncias por meio da imprensa;</b>	Nomeada como principal estratégia para superação das violações dos direitos das crianças e adolescentes.
<b>Pressão através dos conselhos e dos movimentos sociais;</b>	Apontado o pressionamento dos órgãos e instituições estatais devidas por meio dos Conselhos e dos movimentos sociais como estratégia para a superação das fragilidades no cumprimento do ECRIAD, com a ressalva de que no Espírito Santo houve um esfriamento dessas pressões. Vinculada a essa resposta aparece, novamente, o individualismo e a desarticulação dos movimentos sociais como elementos dificultadores do processo de efetivação dos direitos.
<b>Dificuldade de visualizar/ construir ações.</b>	Nomeou-se a não visualização de ações que busque superar as violações dos direitos das crianças e dos adolescentes no estado e quando existe alguma ação, esta se dá isoladamente, apresentando poucos avanços.

Deste modo, como ações que visam superar as fragilidades no cumprimento do Estatuto, os entrevistados colocaram que seria estratégico utilizar-se da mídia para veicular denúncias, além de se fazer pressão por meio dos conselhos de direitos e dos movimentos sociais. Todavia, citam que a desarticulação entre movimentos sociais e militantes dificultam a efetivação das estratégias referidas para superação de fragilidades no cumprimento do ECRIAD.

A sexta questão feita aos entrevistados foi: O Art. 86 do ECRIAD trata da política de atendimento à criança e ao adolescente. Afirma que esta se fará através de um conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais, da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios. Como tem se dado esta articulação atualmente? As respostas dadas pelos entrevistados a essa questão foram:

Tabela 9:

<b>Críticas ao CRIAD</b>	Afirmado no sentido de que o Conselho Estadual não está, na opinião dos entrevistados, cumprindo o seu papel e por isso a dificuldade de se fazer a articulação apregoada no artigo 86 do ECRIAD.
<b>Críticas aos profissionais inseridos nos espaços/programas de defesa dos direitos das crianças e adolescentes;</b>	Apontou-se a omissão dos profissionais inseridos em alguns espaços de atendimento por não articularem a rede ao “vestirem a camisa” da instituição e não denunciarem a violação dos direitos que muitas vezes acontecem dentro desses locais.
<b>A sociedade civil tem assumido o papel do poder público.</b>	Afirmada no sentido de desresponsabilização do Estado, ao passo que a sociedade civil assume seu papel na promoção de políticas, direitos e serviços.

Destarte, no que concerne à articulação do Sistema de Garantias, foram tecidas apenas críticas ao CRIAD e aos próprios profissionais inseridos nos espaços de atendimento à criança e ao adolescente, além de citarem a desresponsabilização do Estado e a transferência para a sociedade civil das responsabilidades que lhe caberiam no atendimento da criança e do adolescente.

A sétima questão proferida aos entrevistados foi: As iniciativas de articulação partem de que atores em sua opinião? Diante essa questão responderam o seguinte:

Tabela 10:

<b>Depende dos atores</b>	Afirmado no sentido de o comprometimento das pessoas que estão na frente das políticas ou espaços de controle social propicia a articulação em prol da defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes.
<b>Depende do momento</b>	Apontado no sentido de que o momento político e os interesses políticos do Estado podem ou não facilitar a articulação em prol da efetivação dos direitos das crianças e adolescentes.
<b>Protagonismo</b>	Citado enquanto ainda frágil, pois, segundo os entrevistados, não se conseguiu alcançar a participação da criança e do adolescente na

	articulação da rede do sistema de garantias.
--	--

Portanto, para os entrevistados, as iniciativas de articulação em prol da defesa dos direitos das crianças e adolescentes no estado partem de momentos e atores específicos, dependendo da conjuntura política local, dos interesses em jogo e da vontade política dos atores em cena.

A oitava questão feita aos entrevistados foi a seguinte: Em sua opinião os principais atores, sejam indivíduos, fóruns, movimento ou instituições têm adotado estratégias integradas ou conjuntas entre si ou as iniciativas seriam diversificadas, cada ator buscando efetivar lutas que julga prioritárias? As respostas foram:

Tabela 11:

<b>Fórum DCA</b>	Apontado enquanto importante espaço de articulação das lutas.
<b>Desarticuladamente/isoladamente</b>	Afirmado no sentido de que as estratégias para se efetivar as lutas mostram-se desarticuladas e isoladas.
<b>Rivalidades</b>	Apontadas as rivalidades históricas como dificultadores das articulações e de se efetivarem estratégias conjuntas.
<b>Criticas ao IASES</b>	Citado pelo fato de o IASES se encontrar na presidência do CRIAD e por considerarem isso incoerente.
<b>Projeto neoliberal</b>	Apontado enquanto grande facilitador dos processos produtores de isolamento entre as entidades, atores e ações.

Deste modo, as estratégias em busca da efetivação de lutas pelos direitos da criança e do adolescente têm se dado, segundo os entrevistados, de forma desarticulada e isolada e muitas vezes as rivalidades sobressaem-se às estratégias de articulação e formação da rede. Somando-se a isso, o projeto neoliberal acaba por dificultar ainda mais a concreção da proposta idealizada no Estatuto.

## 4.2 – Algumas problematizações a partir de temáticas suscitadas pelos dados

Aqui serão tecidas algumas considerações e problematizações a partir de alguns pontos que foram comuns durante a apresentação dos dados, buscando explicitá-los, relacioná-los e problematizá-los a partir de referências teóricas e bibliográficas.

### 4.2.a – Algumas comparações entre dois períodos históricos do Movimento de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes (1970/1980 e após 1990)

Na sistematização dos dados e das falas dos entrevistados foram suscitadas sensíveis diferenças entre dois momentos dos Movimentos de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, sendo seu marco divisor o início dos anos 1990 (nova constituição federativa do Brasil e formulação do ECRIAD). Neste sentido, construiu-se um quadro com o intuito de facilitar a visualização e identificação de aproximações e (in) congruências nesses dois momentos.

Tabela 12:

	1980-1990	Pós-1990
<b>Estratégias de Lutas</b>	As principais estratégias utilizadas pelos movimentos de defesa dos direitos das crianças e adolescentes neste período, como foi demonstrado no capítulo 1, foram: passeatas, vigílias, abaixo assinados, atos públicos, denúncias através dos jornais, pressão dos órgãos do Estado para que dessem respostas a algumas questões que se colocavam na sociedade. Havia também, neste momento, um grande incentivo à formação de núcleos de base.	Após a conquista do ECRIAD nos anos 1990, são citadas pelos atores como principais estratégias de lutas e efetivação dos direitos das crianças e adolescentes: o processo de municipalização; a participação nos espaços de controle social (Fóruns e Conselhos); a constituição/articulação de uma rede de atendimento.
<b>Relação com o Estado</b>	A relação entre Estado e sociedade se colocava, muitas vezes, de forma dicotômica (negação do Estado, visto como	O Estado ora aparece como aliado, ora como cooptador das lutas, enfraquecendo a atuação dos movimentos de defesa de direitos, dependendo da conjuntura

	“inimigo”) e em outros momentos, reivindicavam um Estado provedor.	política local. Além disso, esbarra-se no binômio autonomia-institucionalização da militância e dos movimentos sociais.
<b>Principais reivindicações</b>	A luta dos movimentos era pela defesa dos direitos de crianças e adolescentes e pela criação de um Estatuto em que reconhecesse e respeitasse os direitos desses atores sociais. Lutavam pelo fim da Doutrina de Situação Irregular, pelo fim da visão da criança e do adolescente como “adultos em miniatura” (ARIÈS, 1981). Lutavam contra a violação de direitos fundamentais e violências múltiplas a que estavam sujeitos crianças e adolescentes, como as violações contra a vida, existência de práticas de extermínio e homicídio, exploração sexual, violência policial, etc. Defendiam uma proteção integral àqueles que ainda estavam em processo de desenvolvimento.	.De um modo geral, pode-se considerar, que as lutas são as mesmas, com um enfoque mais voltado para as políticas de políticas públicas, àquelas destinadas a família, por melhores acomodações nos espaços das unidades de internação, etc
<b>Sujeitos participantes</b>	Na luta pela Defesa dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes estavam diversos atores de diferentes lugares, como por exemplo, a Igreja, técnicos de instituições do Estado, alunos e professores das Universidades, Sindicatos, associações, ONG’s (parceiras dos movimentos sociais) etc.	ONG’s (intermediadoras entre Estado e movimentos sociais), técnicos de instituições do Estado (em sua maioria ex-militantes), Igreja, Universidades, empresariado etc.

Pode-se visualizar, a partir do quadro sistematizado acima, é que houve uma mudança na relação entre Estado e sociedade. Nos anos 1980 essa relação era de

enfrentamento ou mesmo de negação do Estado pela sociedade, porém, em outros momentos, também, reivindicava-se que o Estado apontasse respostas às questões sociais. Poder-se-ia dizer que a relação entre os movimentos sociais à época com o Estado equivalia, praticamente, ao que Doimo (1995) classificou como “condutas de ação direta”, ou seja, movimentos que podem assumir, em alguns momentos, um papel de negação do Estado (“conduta expressivo-disrupta”) ou de afirmação de um Estado provedor (“conduta integrativo-corporativa”). Já nos anos pós-1990, com a Constituição Federal, com a criação dos Conselhos, o Estado passa a dialogar diretamente com os movimentos sociais e atua no repasse de recursos para as ONG’s criadas neste período, que em alguns casos absorveu militantes enquanto profissionais nestes espaços, para que as mesmas executem alguns programas e políticas.

Em outras palavras, se anteriormente aos anos 1990, a relação entre Estado e sociedade civil era polarizada, de conflito aberto, no período pós-1990 essa relação fica ainda mais complexa, uma vez que, ao mesmo tempo em que o Estado é visto pelos movimentos sociais como um violador de direitos, torna-se também um parceiro. Ao mesmo tempo em que viola, aceita o discurso de direitos, de combate à pobreza e à violência, de defesa dos direitos, de participação da sociedade, além de proporcionar incentivos para as políticas sociais. O Estado, portanto, se coloca enquanto parceiro para dialogar, possibilita alguns instrumentos, além de incorporar os militantes no aparelho do Estado, ou através das ONG’s, para atuar diretamente na execução das políticas.

Assim, se nos anos 1970/1980 a participação se legitimava pela ação contestatória e a luta pela redemocratização do Estado estava associada à transformação da realidade e transformação das estruturas de dominação e os movimentos desse período preocupavam-se com a autonomia, temendo a cooptação, a partir dos anos 1990 passa-se a conviver com os desafios da gestão pública, quando os próprios atores militantes são convidados a apreender as formas convencionais, burocráticas e hierárquicas de gestão (TATAGIBA, 2006).

Ao contrário de alguns que consideraram os anos posteriores à promulgação da Constituição Federal de 1988 como inovador e com grandes possibilidades de democratização e participação da sociedade, Paoli e Rizek (2007) o caracterizaram



como período de “destruição das possibilidades de democratização” (p.07), utilizando a expressão de Roberto Schwarz “desmanche neoliberal”<sup>54</sup>, também para caracterizar este momento. No que concerne às relações entre Estado e sociedade, denominaram de momento de “desfiguração das relações entre Estado e sociedade” (p.09).

Tatagiba (2006) afirma que as relações estabelecidas entre Estado/Sociedade civil nos anos 1990 colocaram-na como “parceira” do Estado e o atendimento aos mais necessitados aparece associado a uma ação mais organizada da sociedade, dentro de uma moderna gerência que recorre ao apelo de uma participação conjunta entre Estado e sociedade civil no atendimento à Questão Social:

o antagonismo, o confronto e a oposição declarados que caracterizavam essas relações no período da resistência contra a ditadura perdem um espaço substancial para uma postura de negociação que aposta na possibilidade e uma atuação conjunta, expressa paradigmaticamente na bandeira da “participação da sociedade civil” (TATAGIBA, 2006, p.142 apud Dagnino, 1995)

Essa atuação conjunta entre Estado e sociedade civil, na maioria das vezes, acontece através das ONGs que até os anos 1980 estiveram ao lado dos movimentos sociais apoiando-os nas suas reivindicações junto ao Estado. Porém, nos anos 1990 passa a intermediar as relações entre movimento social e Estado, contribuindo para o que Montaño (2005) chamou de “terceirização dos movimentos sociais”. Nesse sentido, as ONGs, ao invés de se colocarem ao lado dos movimentos sociais, construindo estratégias de enfrentamento ao *status quo*, tensionando o Estado, na maioria das vezes, apresentam-se num processo de divórcio com os movimentos sociais e relacionam-se com o Estado (e até com empresas, em alguns casos) como parceiros, despolitizando, muitas vezes, essa relação e assumindo uma postura de negociação e parceria e levando ao enfraquecimento dos movimentos sociais.

---

<sup>54</sup> No contexto do processo do desmanche, os autores citam, entre algumas características desse momento, a destruição de direitos, as transformações do mercado, o descaso frente a questão social e do desemprego, o rebaixamento do estatuto do trabalho e da despolitização dos conflitos de classes e dos movimentos sociais autônomos, o aprofundamento da desigualdade, a violência como mediadora da questão agrária, a dilapidação do patrimônio público, as tentativas de desarmar todos os meios de controle público sobre a desmesurada ganância das corporações, a introdução da filantropia e da responsabilidade empresarial como substituição das políticas públicas, etc. Portanto, uma “desregulamentação acelerada das relações sociais, dos bens e dos espaços públicos” (PAOLI & RIZEK, 2007, p.09).

Na área de Criança e Adolescente são as ONG's de Direitos Humanos que passam a gerenciar alguns programas de atendimento, assim como entidades religiosas, entre outras, que recebem os recursos do Estado para gerir tais programas. Muitos militantes do Movimento de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes passam a atuar diretamente na execução da Política, funcionando, algumas vezes, como afirma Dagnino (1995), enquanto aparato instrumental do Estado, além de arcar com grandes responsabilidades. Além desses espaços, os atores são chamados também a ocuparem os Conselhos.

Tatagiba (2006) considera que nesta relação dialética ocorre uma aproximação entre sociedade civil e sociedade política<sup>55</sup>, ou como poderia afirmar Portelli (1977) um equilíbrio entre consenso e força<sup>56</sup>, que é vista, pelos governos brasileiros, como alternativa aos desafios da promoção das políticas públicas. Ou seja, a gestão participativa é determinada e incentivada como princípio para elaboração e execução de políticas e a participação é afirmada como um princípio hegemônico dentro do que Tatagiba chamou de “democracia gerencial”.

Neste processo, a participação se esvazia de seu potencial transformador e o conflito é retirado do foco, pois o que está em cena não é a mudança das condições de dominação e exploração, ao contrário, é a possibilidade de administrar de forma eficiente os recursos financeiros, materiais e humanos existentes. Busca-se, como horizonte de expectativas, não a “partilha do poder de governar, mas a dissolução desse poder na gerência eficiente” (TATAGIBA, 2006, p.145).

Em outras palavras, diante da questão do Estado de como produzir políticas eficientes de combate à pobreza em um contexto marcado pela redução de investimentos públicos na área social, a democracia gerencial se coloca como resposta. Assim, é preciso que a sociedade instrumentalize suas práticas participativas, conforme os princípios da democracia gerencial. É incentivada a

---

<sup>55</sup> Sociedade política está aqui representada no sentido de Gramsci.

<sup>56</sup> Portelli (2002) pontua que “não existe sistema social em que o consentimento seja a base exclusiva da hegemonia, nem Estado em que um mesmo grupo possa, somente por meio da coerção, continuar a manter de forma durável sua dominação”. O sistema em que somente o consenso bastaria é “uma pura utopia, que repousa sobre o *a priori* de que todos os homens são realmente iguais e, assim, igualmente racionais e morais, isto é: capazes de aceitar a lei livre e espontaneamente e não por coerção, como uma coisa imposta por outras classes, externa à consciência. Quando a dominação baseada unicamente na força, só pode ser provisória e traduz a crise do bloco histórico em que a classe dominante, já não detendo mais a direção ideológica, mantém-se artificialmente por meio da força” (PORTELLI, 2002, p.35-36).

capacitar-se para gerenciar, da melhor forma possível, os poucos recursos do Estado, uma melhor administração da miséria (TATAGIBA, 2006).

Portanto, os “atores da sociedade civil” que emergiram na sociedade brasileira após 1970, contra o Estado autoritário, encontram-se atualmente em novos espaços de participação, passam a atuar nas instâncias de deliberação do Estado (conselhos, por exemplo) e, ao mesmo tempo, a executar os chamados projetos sociais, especialmente na área de direitos humanos e devem capacitar-se para tanto.

Com a criação dos conselhos, representantes do MNMMR e outros defensores dos direitos das crianças e adolescentes, participam desses espaços para discutir direitos e pensar políticas públicas. Muitos ressaltam as dificuldades no que diz respeito à garantia de recursos públicos e acreditam que muitos, no conselho, “se submetem a decisões do poder público para garantir verba para o projeto deles” (XAVIER, 2005). Diante de todo esse processo, mesmo diante de todo o incentivo a participação e a capacitação, percebe-se uma grande dificuldade por parte dos atores em articular as políticas públicas e implementar o Estatuto.

#### *4.2.b - Dificuldades de articulação de rede do Sistema de Garantias na área da Infância e Adolescência e na implementação do ECRID*

Todos reconheceram e apontaram a constituição de redes como estratégia de se trabalhar em conjunto e como a principal maneira de defender os direitos das crianças e adolescentes, pelo resultante efeito de integração e fortalecimento do Sistema de Garantias. Para isso, apontam a importância de envolver todas as forças que de alguma maneira estejam ligadas à defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes como o poder judiciário, o ministério público, o poder executivo em todas as suas instâncias, sociedade civil organizada, as próprias igrejas, movimentos sociais, as associações de moradores, etc. No entanto, por alguns motivos, essa articulação não acontece. A partir das falas, tentou-se enumerar alguns eixos para se pensar esses limites e entraves.

Um entendimento que perpassou diversas colocações é o de que há dificuldades para que o CRIAD efetivamente consiga cumprir o papel que lhe é devido, bem como os militantes e profissionais inseridos em espaços e políticas de atendimento.

[...] no meu entendimento o CRIAD não está desempenhando seu papel que é conselho estadual.(...) Eu vejo que o conselho estadual infelizmente não está marcando presença significativa na sociedade capixaba. A partir do momento que não marcam com presença significativa, é claro que fica difícil de fazer essa articulação com todos os esforços do estado e, sobretudo fica difícil fazer pressão para que aja uma garantia de direitos. Hoje em dia nós não sabemos qual o orçamento do estado na área da criança e do adolescente e nós sabemos até que ponto esse recurso é discutido dentro do conselho estadual. Qual é a influência do conselho estadual na elaboração das políticas públicas? [...] Então eu sinto que aqui no estado nós não temos uma política estadual, é um conselho mais simbólico [...] é a omissão, o silêncio, a falta de reação absoluta, como que pode permanecer, como que o conselho pode deixar as assistentes sociais em uma realidade aonde acontecem coisas que são incompatíveis com o exercício da sua profissão? Pelo menos se elas não têm condições de fazer um trabalho diferente deveriam dizer que o Estado não está dando oportunidade, elas deveriam se manifestar publicamente (ENTREVISTADO nº5).

Conforme já pontuado, alguns entrevistados afirmam que as iniciativas de articulação em prol da defesa dos direitos das crianças e adolescentes no estado do Espírito Santo partem de momentos e setores específicos, dependendo da conjuntura política local e da vontade política das instituições e movimentos em cena, além de reconhecerem que as estratégias em busca da efetivação de lutas pelos direitos da criança e do adolescente têm se dado de forma desarticulada e isolada e, muitas vezes, as rivalidades sobressaem às estratégias de articulação e formação da rede.

Depende também das situações, tem momentos que a gente consegue fazer um trabalho integrado e tem momentos que cada um vai por sua conta, não só em nível de fórum, de conselho, mas em nível das próprias entidades. A pastoral tem as suas iniciativas, o movimento (*se referindo ao MNMMR*) tem as suas iniciativas e é difícil às vezes, posso até dizer que às vezes parece existir até uma certa rivalidade, não tem muito espírito de colaboração, sobretudo em algumas entidades que têm rivalidades que se arrastam há muito tempo [...]. A gente não consegue fazer um trabalho de conjunto, articulando as ações. Na hora de fazer uma denúncia é difícil você dizer o fórum, não, é 'a pastoral' ou 'o movimento' ou 'a entidade' que está fazendo [...]. O risco é de ficar indivíduos que levantam determinadas bandeiras, mas que nem sempre se pode contar como suporte de uma rede que te sustenta(...) (ENTREVISTADO nº05).

As disputas por recursos, que se intensificaram a partir dos anos 1990, foi outro fator de interferência na articulação de rede, a partir do momento em que incentiva as rivalidades entre entidades e pessoas. Essa rivalidade não é colocada apenas como briga por recursos, mas, também como forma de demonstração de poder e status, como o que acontece nos juizados e comarcas.

[...] a gente não consegue, mesmo tendo mudado as pessoas, a gente não consegue superar [...]. E o tempo todo estão querendo encontrar o defeito do trabalho do outro e a gente sente muito isso. Entidades que atuam na área da criança, que atendem o mesmo público, têm rivalidades. Às vezes a diferença não é vista como ponto de enriquecimento, é vista como ponto de rivalidade. Essa impressão de quem vai conseguir se promover mais para conseguir mais parceria, mais recurso. Existe rivalidade entre o ministério público e o juizado, e é muito forte, rivalidade entre os próprios juizes, um age de uma maneira e o outro de outra, ou dentro do mesmo município, da mesma comarca ou de comarcas diferentes [...]. Então essas rivalidades, têm atrapalhado muito [...]. Na Grande Vitória se fala tanto em região metropolitana, mas não tem nenhum trabalho de região metropolitana por problemas de rivalidades. Não se diz que o problema é rivalidade, mas é claro que é. Os meninos de rua perambulam de um município para o outro. É verdade que a lei manda municipalizar o atendimento e o Conselho tutelar pega um menino da rua em Vitória só que esse menino é da Serra, aí o juiz diz que ele não vai colocá-lo em nenhum abrigo aqui em Vitória, porque se é da Serra ele deve ser encaminhado para lá, igualmente na Serra, lá também não pode receber meninos de outros municípios [...]. (ENTREVISTADO nº05).

Cabe ressaltar que essas rivalidades foram observadas também em outros espaços como no CRIAD e no Fórum DCA e, muitas vezes, colocam em xeque a questão central que é a defesa dos direitos das crianças e adolescentes.

então fica muito complicado trabalhar essa rede, justamente porque existe esta questão pessoal que não tem nada haver.... E assim perde de vista o centro, que é a criança e o adolescente e a gente fica se apegando a coisas pequenas (ENTREVISTADO nº05)

A ausência de coletividade e o individualismo que são incentivados pelas rivalidades já colocadas acima, também aparecem como dificultadores para a articulação das ações.

Há um distanciamento muito grande. Atualmente temos que conviver com ações muito individuais aonde cada segmento busca fazer suas intervenções, não há uma articulação enquanto proposta de fazer esse enfrentamento coletivo. É cada segmento levantando sua bandeira e levando ela a frente, e não fazem uma mobilização articulada fragilizando as ações do movimento social enquanto entidade de defesa dos direitos. As ações são individualizadas, as lutas não são coletivas não existem mais. Nas entidades cada um busca defender o seu território, ocupam espaços de controle social nos conselhos apenas por interesse abrem canais de parceria com o poder público para executar ações que são responsabilidade do governo. Então eu acredito que o movimento social da década de 80, não existe mais, quando tínhamos uma luta comum, nós tínhamos uma utopia (ENTREVISTADO nº05).

Não podemos perder a nossa capacidade de se indignar diante de qualquer criança que está tendo o seu direito violado e para isso precisamos sair dos nossos discursos, sair das nossas instituições e olhar qual é a conjuntura que está colocada, quem são os meninos que nós estamos trabalhando e parar de rotular esses meninos como 'meu', como 'seu', como 'nosso', eles são resultados desse processo de exclusão, então nós temos que buscar

através das nossas articulações, superar essa questão (ENTREVISTADO nº03)

E por último, e não menos importante, entrevistados apontam o projeto neoliberal, a questão estrutural mais ampla, ou seja, a concentração de renda e o poder, aliados ao individualismo, como grande amarra para a efetivação do Estatuto da Criança e do Adolescente e articulação do Sistema de Garantias.

Eu acredito que isso passa um pouco desse projeto neoliberal (Estado ausente na implementação das políticas sociais) que nós temos que conviver com ele. Não se tem mais uma discussão coletiva e isso não é só nos movimentos sociais, é nos sindicatos e até na própria sociedade, as discussões estão se tornando individualistas, então não se permite mais pensar nesse coletivo (ENTREVISTADO nº03).

[...] então é muito forte, infelizmente aqui no Brasil, a cultura do 'meu direito', que faz parte da mentalidade individualista que cada vez mais cresce. Para o 'meu direito' está no direito das pessoas com quem eu mantenho um profundo laço afetivo e eu luto até as últimas consequências. Agora para o 'direito do outro', não é reconhecido. (ENTREVISTADO nº05)

[...] a grande dificuldade de implantação é desse projeto de concentração de poder, de riqueza, de renda, de privilégios. Dessa oligarquia da sociedade brasileira que não quer absolutamente partilhar, que prefere se entrincheirar em casas com altos muros, cercas elétricas, sistema de segurança particular, pagando um monte de dinheiro para ter segurança particular no lugar de partilhar aqueles recursos, achando que vai continuar mantendo esses privilégios e se distanciando da sociedade (ENTREVISTADO nº05).

Sintetizando, os entrevistados apontam uma gama de fatores, dentre eles, vale lembrar: dificuldade do Conselho em exercer seu papel; omissão dos profissionais inseridos nos espaços de atendimento; a visão reducionista do Estatuto incentivada pela mídia; a falta de vontade política; a falta de investimento em Políticas Públicas; a execução de estratégias e ações de forma desarticulada e isolada; as rivalidades existentes entre entidades e atores sociais; as disputas por recursos; as brigas por poder; a ausência de coletividade; o individualismo e sistema macro-político e sócio-econômico neoliberal.

Pode-se perceber que muitos fatores estão diretamente ou indiretamente relacionados ao aprofundamento das relações neoliberais. As rivalidades, por sobremaneira. O movimento de defesa dos direitos das crianças e adolescentes, somado ao contexto individualizante e de incentivo à concorrência coloca-se ainda de forma mais preocupante, pois corre-se o risco de cair no isolamento e cada entidade fechar-se para o seu projeto, não buscando apoio, articulação em rede com outros

movimentos sociais e outros setores da sociedade, inviabilizando a construção de movimentos mais fortes.

Inúmeras foram as pesquisas feitas e apresentadas e debatidas acerca da participação nos conselhos, da relação entre sociedade civil e Estado, reafirmando as idiossincrasias e contradições desse espaço. Algumas experiências demonstraram êxito, outras externalizaram mais os limites e dificuldades destes espaços, tais como Melim (2006) e Targina (2005), etc. Os limites e possibilidades estão postos e mesmo diante deles as tentativas de mudanças parecem ser pequenas e frágeis. Diante disso, cada vez mais o sistema de garantias se torna enfraquecido, com pouca articulação, sobressaindo, muitas vezes, algumas rivalidades e a briga por recursos do Fundo.

Assim, há um grande incentivo à participação, à articulação em rede, num momento em que não se consegue sentar e pensar juntos, devido aos fatores enumerados acima, como a briga por recursos, as rivalidades, tudo isso unido num contexto de aprofundamento das relações neoliberais de incentivo ao individualismo.

Portanto, os novos arranjos participativos têm sua ênfase voltada para as chamadas redes. Todas as ações são voltadas no sentido de articular as redes. Mas essa articulação se afirma no sentido da estratégia de gestão social. Ou seja, a ênfase nas redes se dará como estratégia de articulação das políticas e não no sentido colocado por Sherer (1993) que entende rede como o compromisso com os princípios que permitem a comunicação, articulação, intercâmbio e solidariedade entre os atores sociais que crêem no poder da força comunitária, na constituição histórica do grupo. O motor da ação do tipo de rede incentivado neste momento não é o de pertencimento ao mesmo campo ético político, mas a intenção de resolver uma situação prática, onde o Estado assume um forte protagonismo, atuando como proponente e patrocinador dos esforços articulatórios (TATAGIBA, 2006).

A alternativa é a tentativa de estruturar um atendimento de rede que vise à eficiência num contexto de escassez de recursos e onde os atores são preparados, capacitados para ocupar o papel do Estado no atendimento de públicos marcados pela exclusão.

A novidade fundamental que o conceito de rede revela, neste momento, é essa expectativa em relação à eficácia das políticas, via “profissionalização” do atendimento, num contexto no qual a oferta de serviços depende em

grande parte dos esforços voluntários e solidários da sociedade civil (TATAGIBA, 2006, p.148)

Desse modo, ocorre um processo de desresponsabilização do Estado, processo esse que é disfarçado ou compensado justamente pela ênfase dada, pelo próprio Estado, na participação e capacitação dos atores sociais para a prestação de serviços sociais (TATAGIBA, 2006).

No entanto, mesmo com todo esse incentivo à participação, o atendimento a crianças e adolescentes, principalmente aqueles considerados pobres, caracteriza-se pela lógica do trabalho desarticulado, fragmentado e precários mecanismos de controle social, como se pode perceber nos dados apresentados na pesquisa, ainda ficando a leve insinuação de que as políticas não acontecem devido à incapacidade de articulação da sociedade civil.

Utilizando das palavras de Dagnino e Tatagiba (2007), vale ressaltar que

Não se trata de negar a importância da aposta nos espaços participativos institucionalizados como forma de qualificar o projeto democrático, tampouco de abrir mão dos ganhos analíticos que a investigação desses processos tem permitido no que se refere ao avanço dos debates acadêmicos sobre a democratização. Trata-se, isso sim, de reconhecer a complexidade do processo de construção democrática, na diversidade de dimensões, sujeitos e espaços que ele envolve, inspirando direções de pesquisa que ampliam o seu foco, em abordagens que privilegiam as relações que se estabelecem entre a multiplicidade de sujeitos e espaços envolvidos (DAGNINO e TATAGIBA, 2007, p.11)

Neste momento tomam forma processos de transformações que apontam para uma “perda da potência da política”, não apenas no âmbito de uma democracia recente e inacabada, mas como “possibilidade e meio pelo qual se poderia aprofundar e realizar a disputa democrática” e mesmo diante de alguns dissensos, ou seja, de movimentos sociais que atuam de forma independente e espaços com características e dispositivos participativos e deliberativos, percebe-se uma intensa ordenação que dificulta a formação de experiências e comunidades políticas capazes de disputar a possibilidade de fundar sua alteridade como conflito e diferenciação crítica (PAOLI & RIZEK, 2007, p.09).

Esse processo faz com que Paoli e Rizek (2007) nomeiem este momento de diferentes formas, tais como “era de indeterminação”; “estado de exceção”; “momento de indistinção entre administração, gestão, técnica e política”; “momento



de indistinção entre os processos de emancipação e democratização e as formas de controle e dominação”.

Diante desse cenário, o lugar que as políticas públicas e a caridade privada ocupam é, com algumas exceções, afastado do referencial de direitos universalizados e os programas são dirigidos a grupos da população já interpretados, na maioria das vezes, por entidades privadas e ONG's a quem foi, oficialmente, transferida grande parte da contenção da questão social, como já pontuado anteriormente (PAOLI, 2007).

Portanto, se anteriormente os programas e políticas estruturavam-se baseados em classes sociais distintas, antagonicamente relacionadas, atualmente a classificação passa por um recorte montado por critérios de renda, faixa etária, etnia, gênero, patamar de educação e inserção no mercado de trabalho e cada um desses critérios se torna um grupo social, para o qual são dirigidos programas específicos. Assim, existem programas para jovens, crianças, velhos, mulheres, adolescentes, negros, pobres, miseráveis, analfabetos, analfabetos funcionais, desempregados, desanimados e desiludidos, o que fere a capacidade política dessas pessoas, fechando as possibilidades de interações múltiplas e coletivas (PAOLI, 2007).

A maioria das práticas vão atuar no plano salvacionista dentro de um esquema problema→diagnóstico→soluções→intervenção localizada, voltada para as enormes desigualdades brasileira, destruindo a dinâmica da expressão dos conflitos políticos. Como afirma Paoli (2007), os próprios mecanismos de participação popular organizados, pensados como novos espaços políticos de reinvenção democrática, parecem hoje existir apenas para resolver problemas sociais agravados. A esfera política torna-se puramente gestão dos problemas relativos ao social, excluindo o sentido da política<sup>57</sup>.

---

<sup>57</sup> Oliveira (2007) fala da junção entre a esfera política e econômica, uma espécie de economização do espaço público, onde é de interesse público tudo que favorece ao mercado e os interesses mais fortes do mercado, sua auto-regulação, é garantido pela própria política econômica governamental. Essa ótica é favorecida pela centralidade dos discursos administrativos e técnicos ancorada pelos donos dos discursos competentes que cada vez mais ocupam os espaços governamentais e renegam os modos universais de reconhecer reivindicações, negociar interesses e representar politicamente as forças da sociedade.

*4.2.c – O militante defensor dos direitos das crianças e dos adolescentes diante da nova conjuntura política, econômica e social*

A militância<sup>58</sup> não fica de fora de todas essas mudanças da atualidade. Diante de uma sociedade capitalista pautada por valores competitivos, individualistas e preconceituosos, quando, os movimentos deveriam reagir à omissão do Estado, sendo seus principais críticos, ao mesmo tempo, percebem que necessitam desse mesmo Estado para se manterem funcionando seus projetos e trabalhos, financeiramente. Dependendo economicamente de financiamentos públicos requer, de alguma forma, certa sintonia com a gestão que está no poder municipal, estadual ou federal. Diante disso, a militância depara-se, com uma questão fundamental: como manter seu papel crítico e autônomo na medida em que precisa de certa forma, estar em sintonia com o Estado para viabilizar-se financeiramente? (VINADÉ & GUARESCHI, 2007).

Os sujeitos, neste contexto, encontram cada vez mais dificuldades de socialização, remetendo ao paradoxo de que "quanto mais amplo o universo de referências em tempos de globalização, mais sozinhas as pessoas se encontram" (VINADÉ & GUARESCHI apud Oliveira, 2004, p. 153). O que se vê são sujeitos ensimesmados, com laços enfraquecidos e, dessa forma, suscetíveis à captura da cultura narcísica, de consumo da mídia. Além disso, a existência de uma rivalidade entre diferentes movimentos que lutam pela mesma causa mostra a dificuldade de composição de rede, deixando de fortalecer a luta em nome de rixas grupais (VINADÉ & GUARESCHI, 2007).

Se antes os movimentos sociais disputavam com os grupos partidários alinhados à direita, hoje disputam entre si, gerando um clima de desconfiança em valores como a ética e a democracia. A parceria e a cooperação não podem ser entendidas fora

---

<sup>58</sup> Pode-se entender a militância como uma possibilidade de identificação política que precisa estar em constante reconstrução para dar conta da multiplicidade de demandas do contemporâneo. A militância surge como uma força de resistência que busca potencializar as subjetividades em torno de objetivos coletivizados, procurando no grupo a superação da cultura capitalista baseada em valores individuais, permitindo a cooperação ao invés da competição (VINADÉ & GUARESCHI, 2007).

do contexto em que se constroem: o da competição e do individualismo. Mesmo lutando por outros valores, os militantes vêem seu cotidiano ser permeado por disputas e rivalidades.

Os movimentos temem o modo como a mídia possibilita a produção de realidades, pois acreditam que os interesses da grande mídia nem sempre estão em consonância aos dos movimentos sociais.

“É nessa relação paradoxal, entre a visibilidade e a captura, que os militantes cambaleiam, sem ainda saberem qual a estratégia mais interessante para conseguirem seus objetivos” (VINADÉ & GUARESCHI, 2007)

O "inimigo diluído" que a militância de hoje enfrenta poderia ser nomeada como um dos maiores desafios que a militância encontra. Seria o que Bauman (2001) chamou de modernidade líquida.

Existiram tempos quando era possível identificar os movimentos de esquerda e as forças de direita, reacionárias. Tudo parecia mais claro e delimitado. Atualmente, vêem-se estratégias de direita em grupos ditos de esquerda e vice-versa. Isso causa certa angústia nos militantes que ainda não descobriram como atacar esse inimigo difuso, diluído.

Vive-se sob a égide do plural, múltiplo, do nomadismo, da errância e da constante metamorfose

A militância, dessa forma, se vê obrigada a repensar suas armas, pois os alvos estão em constante movimento. Nesse caso, o inimigo se encarna nos amigos, em nós mesmos: o que deve ser combatido também está dentro de nós! É evidente que essa incerteza traz angústias para o cotidiano da luta, pois quando pensam que estão escapando das garras do capital, percebem-se completamente reféns do mesmo:

Hoje, não é mais possível viver da luta. É preciso pensar a militância no contexto do neoliberalismo, que captura os sujeitos a todos instante e toma conta de nossos corpos de forma que em muitos momentos percebemos que o inimigo está em nós. Agora, o militante precisa ganhar seu sustento financeiro. Não existe mais um aparato de apoio que sustente a possibilidade de viver para a luta. Militar, em muitos casos, é sobreviver economicamente. Assim, a militância do contemporâneo tem novos e grandes desafios no que tange à construção de seus objetivos e, mais, à

construção de suas ferramentas e estratégias para alcançá-los, sempre tentando esquivar-se das seduções e ditames do capital (VINADÉ & GUARESCHI, 2007, s/p).

Atualmente as possibilidades militantes são ampliadas, os cidadãos que militam o fazem nas horas que sobram de seus expedientes de trabalho. Talvez seja necessário agir como os líquidos, à espreita, de forma lenta e encharcada (VINADÉ & GUARESCHI, 2007).

#### *4.2.d – As ações do Movimento de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes frente a violações: o caso do homicídio infanto-juvenil no Espírito Santo*

Como foi possível observar no Capítulo II, são várias as violações dos direitos das crianças e adolescentes no Espírito Santo. Dentre elas, pode-se verificar a violência e exploração sexual, o trabalho infantil e o homicídio, com altíssimas taxas. Quando se perguntou aos atores entrevistados quais eram os direitos ou grupos de direitos que estariam sendo mais violados, foram citados: os direitos dos adolescentes em conflito com a lei, ressaltando a inadequação das instituições internação, bem como a ineficácia do trabalho sócio-educativo e as próprias violações que os internos sofrem; as políticas de saúde e a focalização das políticas sociais. Eles ainda generalizaram dizendo que todos os direitos estavam sendo violados.

Diante de todas essas violações, há uma tendência, como se discutiu no subtópico “Dificuldades de articulação de rede/implementação do ECRID”, de movimentação dos atores para a articulação de uma rede voltada para execução de políticas e programas existentes, parecendo muito frágeis os movimentos de pressão política que questionem a própria política formulada, quando pertinente, e o próprio Estado, propondo ações mais estruturantes de transformação da realidade.

Curioso é que em nenhum dos eventos, reuniões do CRIAD, Fórum DCA em que se participou foi pontuado, em algum momento, acerca do binômio tráfico-homicídio como uma grande violação dos direitos das crianças e adolescentes, mesmo com as pesquisas comprovando as grandes taxas de homicídio no estado e com os jornais cotidianamente veiculando o assassinato de crianças e adolescentes nos bairros da Grande Vitória.

Quando se reporta aos anos 1980 e início dos anos 1990, percebe-se que a questão do homicídio e extermínio infanto-juvenis constituíam-se nas violações que mais mobilizavam os movimentos de defesa dos direitos das crianças e adolescentes no estado, cujas estratégias de luta e ação traduziam-se em passeatas, atos públicos, vigílias, denúncias nos jornais, etc, como já demonstrado anteriormente.

Em relação ao extermínio de crianças e adolescentes neste citado período, muitos dos assassinatos se davam por agentes do Estado, por vezes associados a comerciantes. O fato de o próprio Estado ser claramente identificado como um dos violadores dos sujeitos citados parecia instigar a movimentação e concretização de ações por parte dos atores implicados na defesa dos seus direitos.

A partir dos anos 1990, ganha notoriedade e produz-se com taxas crescentes e alarmantes o homicídio de crianças e adolescentes pela rede do tráfico de drogas local, quando meninos e meninas passam a viver em comunidades submetidas às arbitrariedades e despotismos desses grupos, e se constituem em usurários de entorpecentes ou, ainda, quando são atraídos e cooptados pela própria rede do tráfico, dentre outros fatores, pelos ganhos econômicos pontuais que o trabalho nas redes ilícitas gera a eles em curto prazo.

Em meio à agudização dessa circunstância de pulverização das redes de tráfico de drogas principalmente nas comunidades e periferias dos centros urbanos, e frente às novas formas de violência e violação que traz consigo, como a cooptação de crianças e adolescentes pela rede do tráfico, parece haver um embotamento dos lugares anteriormente mais dicotomicamente definidos entre supostas vítimas e agressores. Ou seja, nesse novo contexto, a cooptação de crianças e adolescentes pelo tráfico de drogas, e sua conseqüente participação nas ações ilícitas e violentas desses grupos, não mais os coloca de forma clara, como outrora, na posição estanque ou definida do que era reconhecido como “vítima”, mais facilmente atribuível àqueles assassinados por execução perpetrada ilegalmente por agentes do Estado. Portanto, parece que em relação aos grandes motivos de homicídio infanto-juvenil a partir dos anos 1990 encontra-se para a sociedade civil menos visível e apreensível a posição de vítima ou algoz, muito mais evidente no período anterior, nos idos anos de 1980. Será esse um dos motivos que influenciariam a intensidade de luta dos movimentos sociais de defesa dos direitos de crianças e

adolescentes no que tange a essa violação? Haveria maiores receios ou temores em fazer frente ou exigir ações efetivas de combate a essa realidade do que quando os executores dos assassinatos eram agentes do Estado?

É importante deixar claro que o adolescente em conflito com a lei, que foi cooptado pelo tráfico e aqueles que cometem práticas infracionais e violentas, é um sujeito em desenvolvimento e possui direitos primordiais que necessitam ser respeitados e deveres que já lhe cabem, conforme preconiza o ECRID. Mais ainda, que sendo crianças e adolescentes, é necessário a responsabilização devida à família, ao Estado e à sociedade pelo seu adequado e saudável desenvolvimento rumo à conformação de um cidadão pleno, ético e responsável como requer a própria sociedade. Nesse sentido, é preciso observar que muitos daqueles que se aliam ao tráfico de drogas ou executam ações violentas ou ilícitas são vitimizados pela omissão, descaso, ou perpetração de violações e violências múltiplas, falhando os três entes citados como seus responsáveis em seus devidos papéis.

Assim, é a partir de 1990, conforme discorrido no Capítulo II, quando as taxas de homicídios tomam uma escala ascendente assombrosa, até os números correntes de vítimas fatais. Permanece a questão: por que, mesmo com as taxas de homicídios tão altas, parece não haver uma focalização correspondente para essa situação pelos movimentos de defesa? Por que o homicídio infanto-juvenil parece não estar na ordem do dia das ações da militância, na busca por criar e empreender estratégias ou ações que dêem visibilidade e exijam ações do Estado e sociedade como um todo frente a essa brutal violação?

O homicídio infanto-juvenil pelas redes ilícitas do tráfico de drogas, bem como a cooptação de crianças e adolescentes a comporem essa rede evidenciam, da mesma forma que outrora, as frágeis ações e presença do Estado em sentido amplo, insuficientemente compensadas pelo próprio Estado por meio da formulação e implementação de políticas apenas ou primordialmente de cunho socorrista e curativo (PETI, SENTINELA, PPCAAM são exemplos pertinentes).

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final dos anos 1980, emergiu na sociedade brasileira um movimento político da sociedade civil na área de defesa dos direitos das crianças e adolescentes, cujas ações e lutas culminaram em conquistas importantes para a defesa de direitos violados e exigibilidade do Estado em cumprir o que lhe seria devido na promoção de direitos do referido público. A aprovação do ECRIAD, com toda a mudança paradigmática de tratamento da infância e adolescência no Brasil, alicerçada sob a égide da Doutrina de Proteção Integral, bem como o seu reconhecimento como sujeitos de direitos, podem ser considerado um marco das conquistas desses movimentos, um efeito ímpar correspondente à dimensão e importância das lutas naquele período empreendidas. No Espírito Santo, os movimentos de defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes se articularam com diversos movimentos sociais, atores e algumas instituições, tais como: a Universidade Federal do Espírito Santo, partidos políticos, comunidades Eclesiais de Base, pastorais, técnicos que atuavam em políticas do Estado de atendimento a crianças e adolescentes e atores da sociedade civil de um modo geral. Utilizaram-se de estratégias tais como encontros, passeatas, atos públicos, abaixo-assinados, denúncias, publicações de notas nos jornais do estado, cartas a representantes do Estado etc. Denunciar e pressionar as autoridades a investigarem os crimes cometidos contra crianças e adolescentes no estado do Espírito Santo, e exigir do governo ações e políticas de promoção de direitos configuravam seus principais intuitos.

Através de problematizações realizadas quanto às políticas então existentes e exercidas pelo Estado, e dos decorrentes debates e embates realizados pelos movimentos, ancorados na convicção de esgotamento, ineficácia e inadequação do Código de Menores e das políticas repressivas de atendimento a essas crianças e adolescentes, impulsionou-se o emaranhado de acontecimentos que resultaram na formulação e aprovação do ECRIAD. Legislação esta considerada bastante avançada e contemplativa do respeito, proteção e promoção de Direitos Humanos, afinada com os pactos, convenções, protocolos e acordos da comunidade internacional, destacando-se a Convenção dos Direitos da Criança; e que propõe paradigmáticas mudanças de método, conteúdo e gestão do tratamento dispensado pelo governo e na formulação de políticas para área da infância e adolescência,

preconizando a estruturação de um sistema de garantias de direitos alicerçado em políticas necessariamente articuladas e intersetoriais.

Diante dessa lei, depreendia-se que os direitos das crianças e adolescentes seriam mais respeitados. No entanto, no Espírito Santo, a partir dos anos 1990, violações graves aos seus direitos continuaram a ocorrer e algumas se agravaram, tais como homicídio infanto-juvenil; práticas de tortura e violência, dentre as quais ações repressivas, truculentas e ilegais de policiais em relação a crianças e adolescentes pertencentes a camadas pobres da população; formação de grupos de extermínio que por vezes também eram compostos por agentes corruptos do Estado; abuso e exploração sexual; violência doméstica; trabalho infantil abusivo e degradante; existência de Unidades Sócio-Educativas em privação de liberdade com instalações e condições inadequadas, dentre outros.

Nos anos que se seguiram na década de 1990, pôde-se perceber um processo de “institucionalização” dos movimentos sociais, ou seja, alguns se transformaram em ONG’s e, por isso, passaram a necessitar estabelecer parcerias para captação de recursos para viabilizar suas ações e manter as instituições. Importantes militantes passaram a ser profissionais naqueles espaços, atuando na execução de projetos, ação que ocupou o espaço outrora dedicado à realização de lutas e embates políticos. Outros, ainda, passaram a ocupar importantes cargos públicos de modo geral e na área de crianças e adolescentes. Os núcleos de base do MNMMR, que trabalhavam na formação política de meninos e meninas, praticamente foram extintos no Espírito Santo.

Os movimentos sociais depararam-se com uma nova conjuntura: de um lado, com o ECRIDAD, bem com a constituição federal de 1988, fortaleceram-se e estreitaram-se as relações entre sociedade civil/Estado, por meio da participação garantida e prevista em lei da sociedade civil na fiscalização, execução e proposição de políticas públicas, inaugurando todo um instrumental novo de participação, como conselhos de direitos e fóruns, em nível municipal, estadual, distrital e nacional, além da criação de conselhos tutelares como órgãos de fiscalização, nas comunidades, do cumprimento e respeito aos direitos de crianças e adolescentes. De outro lado, a estrutura macro-política e econômica parecia andar na contramare, com o aprofundamento das relações neoliberais pautadas no primado do equilíbrio econômico e livre mercado, às custas de cortes orçamentários nos gastos sociais e



nas políticas públicas, indo no esteio da conformação de um Estado mínimo, além de incentivar o individualismo e a concorrência.

Diante da continuidade das violações cometidas contra crianças e adolescentes, são criadas políticas públicas e programas tais como o PET, SENTINELA, PPCAAM, reformulações como o SINASE, dentre outros.

Essas políticas são importantes para o atendimento de crianças e adolescentes que tiveram seus direitos violados, no entanto evidencia que eles somente tornaram-se merecedoras do olhar do Estado e alvo de políticas sociais quando já encontravam-se em situação de brutal violação ou ausência de direitos, quando já sofreram os efeitos da omissão do Estado, da família, da sociedade, quando vivem as conseqüências da precarização das relações de trabalho e das políticas públicas. Somando-se a esses fatores, existe o fato de que a maioria são políticas de governo e não políticas de Estado, correndo o risco de, a cada período eleitoral, desfazer-se o governo do Projeto ou Programa de atendimento.

A nova conjuntura política, social e econômica, que clarifica seus contornos a partir de 1990, com avanços importantes para a defesa e promoção de direitos, mas também com novos desafios e problemas a serem enfrentados para sua efetivação, rebateu nos movimentos sociais de defesa dos direitos de crianças e adolescentes, influenciando em seus modos de agir e em suas estratégias empreendidas.

A pressão dos movimentos sociais e a participação da sociedade diante desse contexto, diante dessas violações, têm seu significado esvaziado de seu potencial transformador e o conflito é retirado do foco, entrando em cena a preocupação em administrar de forma eficiente os recursos financeiros, materiais e humanos existentes, em uma espécie de gerência eficiente. Deste modo, passa-se a conviver com os desafios da gestão pública e os próprios sujeitos militantes são convidados a apreender as formas convencionais, burocráticas e hierárquicas de gestão.

Portanto, os “atores da sociedade civil” que emergiram na sociedade brasileira após 1970, contra o Estado autoritário, encontram-se atualmente em novos espaços de participação, atuando em instâncias de deliberação do Estado (conselhos, por exemplo) e, ao mesmo tempo, executando os chamados projetos sociais, especialmente na área de direitos humanos. São incentivados ,a todo tempo, a

capacitar-se para gerenciar, da melhor forma possível, os poucos recursos do Estado.

Diante disso, as ações dos atores implicados com a defesa de direitos ficam bastante voltadas para a articulação das redes em sentido da estratégia de gestão social, onde a ênfase é dada na capacidade de articulação de políticas buscando resolver as situações postas com os capitais humanos, infraestruturais e financeiros parcamente disponibilizados. Nesse processo, o Estado assume um acentuado protagonismo, atuando como proponente e patrocinador dos esforços articulatórios. Desse modo, ocorre um processo de desresponsabilização do Estado, disfarçado ou compensado justamente pela ênfase dada, pelo próprio Estado, na participação e capacitação dos atores sociais para a prestação de serviços sociais.

Assim, quando os movimentos de defesa deveriam reagir à omissão do Estado, sendo seus principais críticos os atores e militantes agora inseridos nas políticas e projetos, percebem-se necessitados dos recursos humanos e financeiramente desse mesmo Estado para manterem funcionando seus projetos e trabalhos, tendo que, de alguma forma, manter sintonia com a gestão que está no poder municipal, estadual ou federal. Diante disso, o que se percebeu durante o período de pesquisa, em diferentes espaços, é a produção de sujeitos ensimesmados, com laços enfraquecidos e, dessa forma, suscetíveis a capturas diversas do sistema macropolítico hegemônico, evidenciando-se rivalidades entre diferentes movimentos que lutam pela mesma causa e disputam entre si os precários recursos do Estado e também, algumas vezes, de empresas privadas.

Os atores, de um modo geral, demonstraram clareza de que as principais dificuldades para a efetivação dos direitos das crianças e adolescentes estão, de certa forma, ligadas às consequências para a promoção de direitos e implementação de políticas públicas ancorados no aprofundamento das relações neoliberais e certas amarras e limitações advindas de novas relações entre os movimentos, ONG's e Estado. No entanto, parecem, mesmo assim, ter muitas dificuldades para concretizar propostas e estratégias alternativas que escapem a algumas armadilhas que arrefecem ações de pressionamento e exigibilidade de ações por parte do Estado, prevalecendo apenas a gerência das políticas.

Não se pode desconsiderar os novos espaços conquistados de participação, a maior proximidade e gestão dessas políticas pela sociedade civil na figura fortalecida

atualmente do profissional e do técnico, e a importância das políticas existentes de atendimento de crianças e adolescentes no Espírito Santo. Todavia, problematiza-se a **substituição**, por essas novas atividades da sociedade civil, de outros papéis de grande relevância que se encontram desvitalizados, como o pressionamento do Estado e da sociedade em promover suficientemente direitos econômicos, sociais e culturais e denunciar suas ausências e violações de direitos que empreende ou compactua, se ocorridos. Esse papel, preponderante nas décadas de 1970/1980, ainda se fazem muito necessários e agiriam **complementarmente** às conquistas na execução de políticas públicas pela sociedade civil. Sem essa integração de frentes de ação diversas, somente ficando os atores atuantes na implementação das políticas do Estado, corre-se o risco de facilitar sua redução à simples gerência de parques recursos às custas de malabarismos técnicos e assunção de culpabilizações pela precariedade, inadequação e insuficiência das políticas públicas então existentes.

Muitos instrumentos e canais de participação são novos, demasiado recentes historicamente, tais como o espaço dos Conselhos de Direitos, dos Fóruns, reorientações de políticas na área da infância e adolescência como o SINASE, o Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária etc. Tão recentes que não se pode ainda prever, tampouco experimentar, os rebates que podem trazer futuramente para a defesa e promoção de direitos. É preciso considerar que os atores e os movimentos sociais estão ainda se apropriando desses novos recursos e posições estratégicas, apreendendo o potencial desses espaços e as posturas nele assumidas. Enfim, como lidar e contribuir eficazmente na promoção de direitos advindas dos canais conquistados de participação política e de seus novos instrumentos.

É preciso, agora mais que nunca, como afirma Vinadé e Guareshi (2007), pensar a militância na nova conjuntura econômica, política e social. Qual a contrapartida que poderia potencialmente oferecer no sentido de provocar transformações da realidade, responsabilizar devidamente o Estado pela promoção ativa de direitos por ele previstos e preconizados com toda a exigibilidade legitimamente reivindicável. Em suma, frente à ineficácia das políticas socorristas existentes para romper com o ciclo produtor de violências e violações, cujos efeitos apenas ou primordialmente são por elas focalizados, quais seriam as efetivas contribuições, e como se dariam, dos

atores e movimentos que defendem os direitos das crianças e adolescentes, para provocar sensíveis rupturas na produção dessas violações e violências?

Encontrar essas articulações, (re)composições de forças, estratégias e ações para atingir tais objetivos, somente no próprio fazer dos movimentos sociais, diante de suas experiências acumuladas na nova conjuntura social, política e econômica, no próprio processo das lutas empreendidas e manejo dos instrumentais novos de participação e interferência política e nas políticas públicas, é que serão engendradas e concretizadas.

## 6 - REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1995.

ARANTES, E.M. de M. Rostos de Crianças no Brasil. in: PILOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene(org). **A Arte de Governar Crianças**. Rio de Janeiro: Universitária Santa Úrsula. 1995.

ARIÈS, Philippi. **História Social da Criança e da família**, editora Guanabara, ed.2. 1778/1981.

Bauman, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BORGES, N.A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares in: **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**.org. Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves.-RJ: Civilização Brasileira, 2003.

BRANT, Vinícios Caldeira. Da Resistência aos Movimentos Sociais: a emergência das classes populares em São Paulo. In: São Paulo **O Povo em Movimento**. BRANT, Vinícios Caldeira; SINGER, Paul. São Paulo: Editora Brasileira de Ciências Ltda. 1980. ed.2.p.09-29.

CARDOSO, R.L. Aventura de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. in: **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa**. CARDOSO, R.L.(org). São Paulo: Editora Paz e Terra, 1986.

CASTORIADIS, C. **A Instituição imaginária da sociedade**.ed.2.Rio de Janeiro:Paz e Terra, p.89-192,1982.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. ed.8. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

DEL PRIORE, M. **Histórias das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, Antônio Carlos da (1993). **É possível mudar**. São Paulo: Cortez

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo. Brasiliense. 4 edição. 1989.

COLBARI, A.**Rumos do Movimento Sindical no ES**.Vitória: Flor e Cultura. 2003.

CAVALCANTI, I. **Confraria do Crime. Correio Brasiliense**. Correio Web. 4de agosto de 2002. Disponível em: [HTTP://www2.correioweb.com.br/cw/edicao\\_20020804/pri\\_bra\\_040802.htm](HTTP://www2.correioweb.com.br/cw/edicao_20020804/pri_bra_040802.htm). Acesso em 25 de jul. 2008.

DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular: Movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70**. DOIMO, Ana Maria. RJ: Relume-Dumará:ANPOCS, 1995.

DALBEM L; KIEFER, L. **A relação política social e sociedade civil: Análise do Fórum Reage Espírito Santo e do Fórum Estadual de Enfrentamento a Violência Sexual Infanto-Juvenil**.2005. Monografia (graduação em serviço social)-Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.

DAGNINO, Evelina.Sociedade Civil, Espaços Públicos e a Construção Democrática no Brasil:Limites e Possibilidades. In: DAGNINO, E. (Org). **Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra,2002.

DAGNINO, E. & TATAGIBA, L. Democracia, Sociedade Civil e Participação (introd.). ARGOS, 2007.

FLICK, U. **Uma Introdução à pesquisa qualitativa**. BOOKMAN, 2004.

FALEIROS, Vicente de Paula. **A Política Social do Estado Capitalista**: As funções da Previdência e da Assistência Social. 4ed.3. São Paulo: Cortez Editora, 1983.

FALEIROS, Vicente de P. **Infância e Processo Político no Brasil**(1995). In PILOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene (org). **A Arte de Governar Crianças**. Rio de Janeiro: Universitária Santa Úrsula. 1995.

EVANGELISTA, J.E. **Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno**. São Paulo: Cortez, 1992.

**ENTREVISTADO Nº01**. Entrevista concedida a Aracely Xavier, Vitória, 18 de julho de 2007.

**ENTREVISTADO Nº02**. Entrevista concedida a Aracely Xavier, Vitória, 18 de julho de 2007.

**ENTREVISTADO Nº02**. Entrevista concedida a Aracely Xavier, Vitória, 18 de julho de 2008.

**ENTREVISTADO Nº03**. Entrevista concedida a Aracely Xavier, Vitória, 18 de julho de 2007.

**ENTREVISTADO Nº04**. Entrevista concedida a Aracely Xavier, Vitória, 18 de julho de 2007.

**ENTREVISTADO Nº05**. Entrevista concedida a Aracely Xavier, Vitória, 18 de abril de 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. Ed.29, 1996.

FREITAS, M. C (Org.). **História Social da Infância no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

Fórum DCA-ES, texto apresentado no Encontro dos Fóruns da região Sudeste em BH de 20-22/08/2008.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais:** Paradigmas clássicos e Contemporâneos. SP:Edições Loyola.ed.5,2006.

GUATARI, F; ROLNIK,S. **Cartografias do Desejo** Micropolítica. Petrópolis: Vozes. ed.4,1996.

GREGORI, Maria Filomena. **Meninos de Rua:** E instituições, tramas, disputas e desmanche. SP: contexto, 2000.

GRACIANE, Maria Stela S. **Pedagogia social de rua:** análise e sistematização de uma experiência vivida. SP: Cortez. 3.ed.,1999.

GUEDES, Mateus Luizane. 2002. **Sobre(viver) na rua: pivetes, delinqüentes, contadores de história.** Dissertação (mestrado em psicologia) Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2002.

JUNIOR, J.B.L. O caráter expansivo dos Direitos Humanos na afirmação de sua indivisibilidade e exigibilidade. In:**UNIEURO.** Pró-Reitoria e Pós Graduação, Pesquisa e Extensão. Especialização em Gestão de Direitos Humanos. Disponível em [HTTP://ead.unieuro.edu.br](http://ead.unieuro.edu.br). Acesso em 18 de jun.2008.

Minayo. Maria Cecília (org). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes. 1993.

MANFROI, V.M. **Retrato da Militância:** Modo(s) de vida militante no pós-68. Tese de doutorado, PUC, São Paulo, 2000.

NETTO, José Paulo. A Aristocracia Burguesa e o "Mundo da Cultura". In: **Ditadura e Serviço Social: Uma Análise do Serviço Social no Brasil.**São Paulo: Crtez, 1994. 2 ed.



**MNMMR (Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua) Dez anos de Movimento Nacional de Meninos e Meninas de rua 1985/1995.** Brasília: 1995.

**MNMMR.Organização O de Meninos e Meninas de Rua: A arte de educar para a vida.** Pernambuco, 2002.

MANFROI, V.M.A Política social para crianças e adolescentes no Governo Lula:Mudanças ou continuidades? **Anais eletrônicos** Grupo de Trabalho em Sociologia da Infância e Juventude.in:Congresso Brasileiro de Sociologia, XII, 31 de maio a 03 de junho de 2005, UFMG, Belo Horizonte. (CD-ROM).

MONTAÑO, C. **Terceiro Setor e Questão Social:** Crítica ao padrão emergente de intervenção social. CORTEZ. São Paulo, 2005.

MELIM.JI. **A participação popular no Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente de Vitória:** promessa ou realidade?,Dissertação (Mestrado em Política Social) Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.2006.

MPES,2008.In:[http://www.mpes.gov.br/CONTEUDO/CentralApoio/conteudo6.asp?codtexto=775&tipo=2&cod\\_centro=15](http://www.mpes.gov.br/CONTEUDO/CentralApoio/conteudo6.asp?codtexto=775&tipo=2&cod_centro=15), acesso em 15/10/2008 às 13h.

OLIVEIRA. F. Das invenções à indeterminação Política numa era de indeterminação: opacidade e reecantamento in: **A era da indeterminação.** Oliveira, F; RIZEK S.Cibeli. SP: Boitempo, 2007.

PMC,2007.<http://www.colatina.es.gov.br/noticias/noticias.php?area=assis&materia=1107001> acesso em 16/09/2008 às 23:10h.

PEREIRA, Potyara A. Política de satisfação das necessidades no contexto brasileiro. In: **Necessidades humanas:subsídios à crítica dos mínimos sociais.** São Paulo; Cortez. 2000.

PEREIRA, Potyara A. Política de satisfação das necessidades no contexto brasileiro. In:**Necessidades humanas:subsídios à crítica dos mínimos sociais.** São Paulo;Cortez.2000.GOHN, 2002.

PERES, M.F.T; CARDIA, N; SANTOS, P.C. **Homicídios de Crianças e jovens no Brasil: 1980-2002**. Núcleo de Estudos da Violência, Universidade de São Paulo. São Paulo: NEV/USP, 2006.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o Bloco Histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PAOLI, M.Célia. O mundo do indistinto: sobre a gestão, violência e política. in: **A Era da Indeterminação**. Oliveira, F; RIZEK S. Cibeli. SP: Boitempo, 2007.

PAOLI, M.Célia; RIZEK, S. Cibeli. Depois do desmanche. in: **A Era da Indeterminação**. Oliveira, F; RIZEK S. Cibeli. SP: Boitempo, 2007.

RICHARDSON, Roberto J. Métodos quantitativos e qualitativos. In: **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas. 2007.

**Relatório Final da Comissão Parlamentar de Inquérito da Criança e do Adolescente**, Relatora deputada estadual Brice Bragato (PT), S/D.

RIZZINI, Irene. **O Século Perdido**: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1997.

RIZZINI, Irene. Crianças e Menores- Do Pátrio Poder ao Pátrio Dever: Um Histórico para a Infância no Brasil (1830-1990) (1995). In PILOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene (org). **A Arte de Governar Crianças**. Rio de Janeiro: Universitária Santa Úrsula. 1995.

RIZZINI, Irene. **O Século Perdido**: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1997.

**Representante do Estado 01**, observações feitas no CRIAD em 24/04/2008.

**Representante da Sociedade Civil 01**, observações feitas no CRIAD em 08/03/2007.

**Representante da Sociedade Civil 02**, observações feitas no CRIAD em 29/05/2007.

Representante da Sociedade Civil 03, observações feitas no CRIAD, observações feitas em 29/05/2007.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SITE DA PRESIDÊNCIA, 2008. in: <http://www.fomezero.gov.br/noticias/lula-governadores-e-ministros-reefirmam-pacto-pela-juventude-do-semi-arido>, acesso em 16/09/2008 às 22:49h.

SCHERER-WARREN, I **O Caráter dos Novos movimentos Sociais** in SCHERER-WARREN, I;KRISCHKE, J.P.Uma revolução no cotidiano:Os novos movimentos sociais na América Latina.São Paulo:Brasiliense.1984.

\_\_\_\_\_. **Redes de Movimentos Sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SANTOS. Boa Ventura de S. Os Novos Movimentos Sociais. in LEHER,R.;SETÚBAL,M (org's). **Pensamento Crítico e Movimentos Sociais: Diálogos para uma nova práxis**. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, L. **O controle sócio-penal dos adolescentes com processos judiciais em São paulo**: entre a proteção e punição. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. 2005.

SCARABELLI, R.S. **Em resposta à letalidade infanto-juvenil por homicídio, a formulação do Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte (PPCAAM)**: Diretrizes, potencialidades e limites da política; avanços, desafios, idiosincrasias de sua execução no Espírito Santo. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Direitos Humanos) – UNIEURO, Brasília, Brasil. 2008.

TELLES, Vera Silva. Sociedade civil e a construção dos espaços públicos. In: DAGNINO, Evelina (Org). **Anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense,1992.

TATAGIBA, L. Os desafios da articulação entre Sociedade Civil e Sociedade Política sob o marco da democracia gerencial. O caso do Projeto Rede Criança em Vitória/ES in: **A disputa pela construção democrática na América Latina**. DAGNINO,E.;OLVERA,AJ; PANFICHI, A. (Orgs.).PAZ e TERRA,2006.

TARGINA, A. **Impactos da Experiência Conselhistas sobre as Atividades Políticas e Organizativas dos Movimentos Sociais na Saúde: o caso do Movimento Popular de Saúde de Campinas/SP**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil. 2005).

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. São Paulo: Paz e Terra,1992.

TOURAINÉ, A. **Crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro, Vozes, ed. 3.p.213-311,1995.

VOGEL, Arno. Do Estado ao Estatuto - Propostas e Vicissitudes da Política de Atendimento à Infância e Adolescência no Brasil Contemporâneo(1995). In PILOTTI, Francisco;RIZZINI, Irene(org). **A Arte de Governar Crianças**. Rio de Janeiro: Universitária Santa Úrsula. 1995.

VINADÉ, Thaiany Farias; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. **Inventando a contra-mola que resiste: um estudo sobre a militância na contemporaneidade**. *Psicol. Soc.*, Dez 2007, vol.19, no.3, p.68-75. ISSN 0102-7182

XAVIER, A.**Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua de Vitória: Invenções Cotidianas e Memórias de Lutas**.2005. Monografia (graduação em serviço social)-Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.

Waiselfisz ,J.J.**Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros 2008**. Brasil: Ideal,2008.Disponível em

[HTTP://www.ritla.net/index.php?option=com\\_content&task=view&id=231Itemid=147.](http://www.ritla.net/index.php?option=com_content&task=view&id=231Itemid=147)

Acesso em 23 de maio de 2008.